

2º CICLO DE ESTUDOS EM MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIO
[MEDIAÇÃO PATRIMONIAL]

A presença dos naturalistas alemães Riedel e Sellow na constituição do herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX

Andreza Gabriela Delamico

M

2021



Andreza Gabriela Delamico

A presença dos naturalistas alemães Riedel e Sellow na constituição do herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, orientada pela Professora Doutora Inês Amorim

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Andreza Gabriela Delamico

A presença dos naturalistas alemães Riedel e Sellow na constituição do herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História e Património, orientada pela Professora Doutora Inês Amorim

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Em memória dos meus avós Rosa e Joaquim...

Sumário

Declaração de honra	4
Agradecimentos	5
Resumo.....	6
Abstract	7
Índice de Figuras (ou Ilustrações).....	8
Índice de Tabelas.....	10
Lista de abreviaturas e siglas.....	11
Introdução.....	12
Justificação do objeto de estudo	14
Objetivos gerais e específicos	16
Fontes de informação e metodologia de pesquisa	19
I PARTE	26
1. Da Casa dos Pássaros ao Museu Real e Imperial do Rio de Janeiro.....	27
1.1. Fundação e orgânica do museu.....	27
1.2. As Coleções, a Secção de Botânica e o seu Herbário	37
2. Os viajantes naturalistas no Brasil e o ambiente científico	43
2.1. Os viajantesnaturalistas- perfil, influências, instruções	43
2.2. As viagens dos naturalistas Sellow e Riedel	48
II PARTE	50
3.A <i>Viagem ao Brasil</i> do Príncipe Wied-Neuwied e Friedrich Sellow	51
3.1. Os protagonistas Sellow e Wied-Neuwied	51
3.2. Os percursos e a colheita de exemplares.....	53
4.Riedel e a expedição de Langsdorff através dos seus Diários.....	72
4.1. O perfil dos protagonistas	72
4.2. Os percursos e os seus resultados: entre dificuldades e sucessos.....	75
III PARTE	105
5.As heranças de Riedel e Sellow- os seus contributos nos atuais herbários, nacionais e internacionais.....	106
5.1. A Coleção do Herbário do MNRJ, BGBM e o HERBARIUM LE.....	106
5.1.1. Herbário do Rio de Janeiro	108

5.1.2. Alemanha (Berlim)	113
5.1.3. Rússia (São Peterburgo).....	117
6.Comunicar ciência: o Brasil nas redes internacionais dos naturalistas viajantes da primeira metade do século XIX.....	123
Considerações Finais	128
Fontes de Informação	131
Apêndices	143
Apêndice 1.Naturalistas de nacionalidade germânica.....	143
Apêndice 2.Exemplo de grelha, a partir da expedição de Wied-Neuwied	148
Apêndice 3.Exemplo de grelha, a partir da expedição de Langsdorff.....	149

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro 2021

Andreza Gabriela Delamico

Agradecimentos

À professora doutora Inês Amorim, pela paciência, apoio e dedicação na orientação, com os ensinamentos em sala de aula presencial ou virtual, principalmente sobre a importância da história natural, ambiental e sobre o património.

Aos professores do Mestrado que ensinaram e apoiaram com palavras sábias, em sala de aula e nos corredores da FLUP.

Aos curadores dos herbários que responderam às perguntas enviadas por correio eletrónico, auxiliando na compreensão das amostras e do contexto da criação dos herbários. Ao curador do herbário (R) do MNRJ, o dr. Nilber Gonçalves da Silva. Ao dr. Vladimir Dorofeyev do *Komarov Botanical Institute RAS* de São Peterburgo. Ao curador do Herbário B do *Botanischer Garten und Botanisches Museum Berlin*, o dr. Robert Vogt.

Aos meus colegas brasileiros e portugueses, pelas conversas de incentivo no “novo desconhecido”.

Aos meus amigos, e em especial a Francine, Juliana, Aline e Lídia, que sempre ouviam falar sobre património, o Museu Nacional e sobre botânicos.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram, ensinaram e amaram, sem vocês, eu não sou nada.

Ao Samuel que sempre torceu, incentivou e apoiou para alcançar meus sonhos e desejos.

Resumo

Nos séculos XVIII e XIX, diversas expedições científicas aconteceram na América Latina, principalmente por conta da etnografia, mineralogia, fauna e flora, diversificadas e desconhecidas para os europeus. Com a chegada da família real ao Brasil, em 1808, diversas instituições acadêmicas foram criadas, e, dentre elas, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1818. No presente trabalho, numa primeira parte, esquadramos a orgânica do museu na sua primeira metade do século XIX, o ambiente científico e o perfil dos viajantes. Numa segunda parte, identificámos vários viajantes europeus, destacando a importância de Ludwig Riedel e Friedrich Sellow na concepção do acervo do herbário (R) e nas redes de naturalistas interligadas às instituições europeias, decorrentes das expedições científicas realizadas no Brasil, nas primeiras décadas de 1800. Na terceira parte, sublinhamos a importância das coleções de ciências naturais que se encontram hoje nos museus de história natural, relacionadas com aqueles cientistas, usando os recursos e plataformas digitais existentes, contribuindo para a investigação relativa à identificação do Património Cultural da Ciência e Tecnologia (PCC&T) que atualmente se procura promover no Brasil. Finalmente, fizemos uma proposta de realização de uma exposição futura que utilize os resultados da nossa investigação sobre aquelas figuras e o seu impacto nas redes internacionais de mediação do património científico.

Palavras-chave: Museu Nacional do Rio de Janeiro; património cultural da ciência e tecnologia; herbário; expedições científicas; Riedel; Sellow.

Abstract

In the 18th and 19th centuries, diverse scientific expeditions took place in Latin America, on account of the ethnography, mineralogy, fauna and flora, diversified and unknown to Europeans. With the arrival of the royal family in Brazil in 1808, several academic institutions were created, and among them the National Museum of Rio de Janeiro, in 1818. The first part of the present work aims at analysing the museum's organic structure in the first half of the 19th century, the scientific environment and the profile of travellers. In the second part, we identified several European travellers, highlighting the importance of Ludwig Riedel and Friedrich Sellow in the conception of the herbarium (R) collection and in the networks of naturalists connected to European institutions, arising from scientific expeditions carried out in Brazil in the early 1800s. In the third part, we emphasize the importance of the natural science collections that are currently found in natural history museums, connected to those scientists, using existing digital resources and platforms, contributing to the investigation related to the identification of the Cultural Heritage of Science and Technology (PCC&T) which is currently being promoted in Brazil. Finally, we made a proposal to hold a future exhibition that uses the results of our research on those figures and their impact on international networks for mediating scientific heritage.

Key-words: National Museum of Rio de Janeiro; cultural heritage of science and technology; herbarium; scientific expeditions; Riedel; Sellow.

Índice de Figuras (ou Ilustrações)

FIGURA 1- O MUSEU DO RIO DE JANEIRO: CAMPO DE SANT'ANNA, EM 1862.	30
FIGURA 2 – TRAJETÓRIA DA EXPEDIÇÃO A PARTIR DE 4 DE AGOSTO DE 1815	54
FIGURA 3- TRAJETÓRIA DE CABO FRIO ATÉ OS CAMPOS DE GOAITACASES.....	56
FIGURA 4 –TRAJETÓRIA DA VILA DE S.SALVADOR PARA S.FIDELIS.....	57
FIGURA 5- PARTIDA DO RIO DE JANEIRO NO DIA 20 DE NOVEMBRO DE 1815 PARA A CAPITANIA DO ESPÍRITO SANTO.	58
FIGURA 6 –TRAJETO EM DEZEMBRO DE 1815 ENTRE A ESTADIA NA CAPITANIA E A VIAGEM PARA O RIO DOCE	59
FIGURA 7 –VIAGEM DO RIO DOCE PARA A VILA DE S.JOSÉ DO PORT'ALEGRE.....	61
FIGURA 8 – PERCURSO NA COMARCA DE PORTO SEGURO	62
FIGURA 9 –VIAGEM INICIADA EM 17 DE AGOSTO DE 1816 PELA REGIÃO DO RIO BELMONTE	64
FIGURA 10 –VIAGEM DE BELMONTE PARA ILHÉUS.....	65
FIGURA 11 –VIAGEM PELA REGIÃO DE ILHÉUS E ÍNICIO DA VIAGEM PELO SERTÃO DA CAPITANIA	66
FIGURA 12 –VIAGEM PELO SERTÃO DA CAPITANIA	67
FIGURA 13 – ESTADIA EM BARRA DE VAREDA E VIAGEM ATÉ AOS CONFINES DA CAPITANIA DE MINAS GERAIS	68
FIGURA 14 –VIAGEM DO DIA 05 DE MARÇO ATÉ O DIA DO EMBARQUE PARA EUROPA , 10 DE MAIO DE 1817	69
FIGURA 15 – COMEÇO DA VIAGEM EM 8 DE MAIO DE 1824 NO RIO DE JANEIRO.....	76
FIGURA 16 –A TRAJETÓRIA DA EXPEDIÇÃO REALIZADA DE 18 DE MAIO DE 1824 A 6 DE JUNHO DE 1824	77
FIGURA 17 – A TRAJETÓRIA DA EXPEDIÇÃO REALIZADA DE 5 DE JUNHO DE 1824 A 29 DE JUNHO DE 1824	79
FIGURA 18 –A TRAJETÓRIA DA EXPEDIÇÃO REALIZADA DE 3 DE JULHO ATÉ 10 DE SETEMBRO DE 1824	81
FIGURA 19 –TRAJETO DE 11 DE SETEMBRO DE 1824 ATÉ 28 DE DEZEMBRO DE 1824	82
FIGURA 20 –TRAJETO DE 29 DE DEZEMBRO DE 1824 ATÉ 17 DE FEVEREIRO DE 1825	86
FIGURA 21 –TRAVESSIA PELO NAVIO AURORA NO LITORAL DO RIO DE JANEIRO	88
FIGURA 22 –PRIMEIRA PARTE DA VIAGEM PARA A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO E O RETORNO PARA O RIO DE JANEIRO	90
FIGURA 23 –VIAGEM PELO RIO TIETÊ 23 DE JUNHO DE 1826 ATÉ 15 DE JULHO DE 1826.	92

FIGURA 24 –VIAGEM PELO RIO TIETÊ, ENTRE 17 DE JULHO DE 1826 A 17 DE AGOSTO DE 1826	93
FIGURA 25 –VIAGEM PELO RIO TIETÊ ATÉ CAMAPUÃ DE 18 DE AGOSTO DE 1826 A 10 DE OUTUBRO DE 1826	94
FIGURA 26 –VIAGEM REALIZADA DE 29 DE OUTUBRO DE 1826 A 22 DE NOVEMBRO DE 1826	96
FIGURA 27 –EXPEDIÇÃO REALIZADA ENTRE 21 DE NOVEMBRO DE 1826 A 30 DE JANEIRO DE 1827	97
FIGURA 28 –EXPEDIÇÃO À SERRA DA CHAPADA ENTRE 30 DE ABRIL DE 1827 E 27 DE MAIO DE 1827, COM O RETORNO PARA A VILA DE CUIABÁ	99
FIGURA 29 –EXCURSÃO PARA A VILA DIAMANTINO, ENTRE 09 DE OUTUBRO DE 1827 A 19 DE OUTUBRO DE 1827	101
FIGURA 30 –VIAGEM DE DEZEMBRO DE 1827, REALIZADA POR TAUNAY E RIEDEL.....	102
FIGURA 31 –VIAGEM DE 10 DE MARÇO DE 1828 A 20 DE MAIO DE 1828.....	103
FIGURA 32 – FORMULÁRIO DE PESQUISA DA BASE SPECIESLINK	110
FIGURA 33 – RESULTADOS DA PESQUISA SOBRE SELLOW NO SISTEMA SPECIESLINK	110
FIGURA 34 – RESULTADOS DE PESQUISA SOBRE RIEDEL NO SISTEMA SPECIESLINK	111
FIGURA 35 – RESULTADOS DA PESQUISA POR “SELLOW, F” NA BASE DE DADOS DO HERBÁRIO VIRTUAL DO BGBM	116
FIGURA 36 – EXEMPLO DE UMA AMOSTRA COLETADA POR RIEDEL, IDENTIFICADA NA GLOBAL PLANTS, J-STOR.....	119
FIGURA 37 – EXPLICAÇÃO DE DISSECÇÃO DE UMA PLANTA POR SELLOW EM 1831.....	126

Índice de Tabelas

TABELA 1 –INVENTÁRIO DO MUSEU NACIONAL DE 30 DE ABRIL DE 1838	34
TABELA 2 –TABELA DE VENCIMENTOS DO MUSEU, SEGUNDO O REGULAMENTO N°123 DE 3 DE FEVEREIRO DE 1842.....	35
TABELA 3 –CUSTOS DE VIAGEM DO ANO DE 1824.....	84
TABELA 4 –AMOSTRAS DE RIEDEL COM DATA NO SPECIESLINK	112
TABELA 5 –RESULTADOS DA PESQUISA SOBRE SELLOW NO HERBÁRIO VIRTUAL DO BGBM	116
TABELA 6 –TOTALIDADE DE ESPÉCIES NO JSTOR DO HERBARIUM LE	119
TABELA 7–RESULTADOS DA PESQUISA POR LANGSDORFF NA BASE J-STOR.....	120
TABELA 8–RESULTADOS DA PESQUISA POR RIEDEL NA BASE J-STOR.....	121

Lista de abreviaturas e siglas

BGBM.....	BOTANISCHER GARTEN UND BOTANISCHES MUSEUM BERLIN
BHL.....	BIODIVERSITY HERITAGE LIBRARY
BNDIGITAL	BIBLIOTECA DIGITAL DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
CRIA	CENTRO DE REFERÊNCIA EM INFORMAÇÃO AMBIENTAL
GIBF.....	GLOBAL BIODIVERSITY INFORMATION FACILITY
HERBARIUM LE	HERBARIUM OF VASCULAR PLANTS OF THE KOMAROV BOTANICAL INSTITUTE
IDigBio	INTEGRATED DIGITALIZED BIOCOLLECTIONS
IPHAN	INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
MNRJ	MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO
NATSCA	NATURAL SCIENCE COLLECTIONS ASSOCIATION
PCC&T	PATRIMÓNIO CULTURAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SiBBR	SISTEMA DE INFORMAÇÃO SOBRE A BIODIVERSIDADE BRASILEIRA
SPHAN	SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
UFRJ	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
UNESCO.....	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA

Introdução

O atual Museu Nacional do Rio de Janeiro (MN RJ) é considerado o maior museu de História Natural da América Latina, e uma das instituições científicas mais antigas do território brasileiro. Criado em 1818, quando era rei D. João VI, o monarca português que permaneceu no Brasil entre 1808 e 1821, ele insere-se num amplo contexto, que inclui a história das suas coleções, os seus diretores e edifícios. Envolvendo diversificadas áreas científicas, dentre elas: geologia, paleontologia, botânica, zoologia, antropologia biológica, arqueologia e etnologia, o Museu representa um universo histórico e ambiental, na sua relação entre os homens (diferentes atores) e a natureza (na sua diversidade). Os princípios de uma academia científica internacional, o ambiente cultural do iluminismo e a reforma da Universidade de Coimbra no século XVIII (Brigola, 2003), justificaram a criação daquela instituição, como acontecera, anos antes, no Portugal da metrópole, entre: os Museus de História Natural e Jardins Botânicos da Ajuda, em Lisboa, e os da Universidade de Coimbra (Simões, Casaleiro e Mota, 2013).

O Museu Nacional¹ esteve localizado, de 1818 até 1892, no Campo de Santana e desde 1892 até hoje no Palácio da Quinta da Boa Vista em São Cristóvão, zona norte do Rio de

¹ Observando a Coleção de Leis do Império do Brasil (1808-1889) até ao ano de 1821, o museu era nomeado como Museu Real. Em 13 de agosto de 1822, a decisão do Reino nº 94, ao nomear um escrivão do Museu, designa-o como Museu Nacional (Coleção das decisões do governo do império do Brasil de 1822. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1887, p.72. Disponível em https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao2.html. Acesso em: 12 jan. 2021). Em 1824, contém duas discrepâncias, o decreto de 19 de novembro, sobre o ordenado do porteiro e guarda, nomeia-o como Museu Nacional e Imperial (Coleção de Leis do Império do Brasil, 1924, parte 2ª. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886, p. 86. Disponível https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao2.html. Acesso em: 12 jan. 2021), e a decisão nº 266 do Império, do dia 15 de dezembro, a propósito da criação de um laboratório químico, nomeia-o como Museu Nacional (Coleção de Leis do Império do Brasil, 1924, parte 1ª. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886, p.189). Porém, no ano de 1825, o museu é designado como Museu Imperial e Nacional, no decreto relativo ao salário do diretor do Museu (decreto 1 de julho de 1825. Coleção de decretos, cartas imperiais e alvarás do Império do Brasil de 1825. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885, p.63. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao2.html. Acesso em: 12 jan. 2021). Será em 1842 que toma o designativo de Museu Nacional (coleção de leis do Império do Brasil, 1842, tomo 5º, parte 2, 10 secção, regulamento nº 123, de 3 de fevereiro de 1842. Disponível https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/copy_of_colecao4.html. Acesso em: 12 jan. 2021).

Janeiro. O SPHAN² classificou, no dia 30 de junho de 1938, o Conjunto arquitetônico da Quinta da Boa Vista, inscrito no Livro de Tombo Histórico e no Livro de Tombo de Belas Artes. Em 11 de maio de 1938 aconteceu a classificação do Museu Nacional e a Coleção Arqueológica Babino de Freitas, inscritos no Livro do Tombo Histórico e no Livro de Tombo de Belas Artes³.

Esta herança, feita patrimônio classificado, sofreu o pior dos danos. No dia 02 de setembro de 2018, os brasileiros recebiam a notícia, pelos meios de comunicação, de um incêndio descomunal no Paço de São Cristóvão. Um espaço voltado para a história da ciência estava em chamas!

Uma instituição criada e auxiliada por um monarca, e com contribuições diversas para o aumento do seu espólio ao longo dos anos, foi atingida pelos danos catastróficos, talvez, por algum esquecimento ou desconhecimento do seu significado. Foi, contudo, a justificativa para eu avançar na exploração da sua vida na primeira metade do século XIX e perceber como se foi constituindo a coleção de bens e do seu sentido, ligados ao patrimônio natural, que se foram acumulando ao longo do tempo, e porquê. Sem conseguir tocar toda a diversidade natural e cultural acumulada, optei por trazer o foco para duas figuras que contribuíram para a recolha de diferentes amostras de plantas, animais, minerais que foram contribuindo para o espólio nacional e internacional: Ludwig Riedel - Expedição de Langsdorff entre 1824-1828, e Friedrich Sellow - Expedição científica do príncipe Maximilian Wied-Neuwied, entre 1815-1817, sendo que esta última expedição ocorreu antes da criação do museu. Com efeito, esta obra é uma fonte de informação de grande valor e apresenta Friedrich Sellow numa perspectiva diferente,

² O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional foi criado pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, na década de 1970, foi denominado como IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Possui quatro livros de inscrição do patrimônio: o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, o Livro do Tombo Histórico, o Livro do Tombo das Belas Artes e o Livro do Tombo das Artes Aplicadas, de forma que os livros podem ter vários volumes. É o órgão nacional em relação à classificação e patrimonização dos bens patrimoniais culturais no Brasil.

³ No site do IPHAN é possível acessar uma Lista de bens Tombados e processos de tombamento. A lista é separada por Localização (UF e município), Informações sobre o bem (Classificação que se relaciona com a forma de proteção, nome atribuído e estágio da Instrução em relação a Portaria de 11/86) e Dados de Tombamento (Arqueológico, Etnográfico e paisagístico; Histórico; Belas Artes ou Artes Aplicadas).

como se verá, contribuindo para a compreensão do ofício do viajante-naturalista, ainda antes da famosa Missão Austríaca de 1817 que reuniu naturalistas e artistas europeus⁴. Serão estes o ponto de partida para uma pesquisa, conhecimento e proposta de um programa de ação de divulgação daquelas figuras e dos seus contributos para a compreensão do espólio do Museu.

Justificação do objeto de estudo

No ano de 2017, tive a oportunidade de conhecer o MNRJ, tal qual como uma criança, observando algo “novo”. O encanto com as exposições e com o prédio foi imenso. Quando foi noticiado o incêndio no museu, gerou-se uma sensação de tristeza. O incêndio, a água e as forças físicas foram os agentes da deterioração do Museu Nacional. A falha elétrica causou o incêndio, o uso da água para apagar o fogo acabou por levar ao desabamento dos pisos. Durante 5 meses, entre setembro de 2018 e janeiro de 2019, acabamos tendo uma perda da informação e a impossibilidade de acesso ao edifício e ao acervo museológico. Com este acidente, as áreas da educação, cultural e científica do Brasil e a uma escala global, acabaram sofrendo uma grande perda.

O Palácio foi sendo reconstruído, procurando recorrer a informações contidas em estudos realizados anteriormente à catástrofe (Dantas 2013, p.20). No primeiro semestre de 2019, o Museu Nacional montou e divulgou uma exposição temporária “Arqueologia do Resgate: Museu Nacional Vive”⁵ no Centro Cultural Banco do Brasil, do Rio de Janeiro⁶, na qual foram expostos ao todo 180 itens, dos quais 103 eram peças resgatadas das cinzas, quer inteiras quer danificadas. Esta exposição temporária permitiu compreender que o Museu ainda está presente, que ainda está ativo. Se até então era um espaço de visita por escolas do ensino fundamental e médio do Rio de

⁴ A Missão Austríaca compreendia cientistas, botânicos, zoólogos e artistas europeus que vieram com a arquiduquesa Leopoldina da Áustria para o Brasil quando do seu casamento com o príncipe regente D. Pedro de Alcântara, futuro Imperador do Brasil D. Pedro I. O resultado da Missão Austríaca foi a publicação dos livros *Reise in Brasilien* (Viagem pelo Brasil) e *Flora brasiliensis*. Disponível: <http://www.educacional.com.br/reportagens/missoes/austriaca.asp> Acesso em: 17 jul. 2021.

⁵ Arqueologia do Resgate: Museu Nacional Vive. Disponível em <https://eventos.ufri.br/evento/arqueologia-do-resgate-museu-nacional-vive/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

⁶ Ver Centro Cultural Banco do Brasil. Disponível em <https://ccbb.com.br/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

Janeiro, por estudantes das instituições superiores e pelos turistas, tornou-se um foco de atenção. Até então, como demonstrou uma reportagem do Rafael Barifouse da BBC (2018)⁷, em 2017, mais brasileiros foram ao Louvre, em Paris, do que ao Museu Nacional, porque o Museu de Rio de Janeiro registrou 192 mil visitantes enquanto quase o dobro de brasileiros visitou o Louvre. Quando foi noticiado o incêndio do museu, houve uma comoção enorme das pessoas, mas aparentava que as pessoas estavam dando o valor ao museu mais por causa da tragédia do que por o conhecerem.

Na verdade, pode mesmo pensar-se que terá ativado o interesse do público, sobretudo porque a falta da sua materialidade deu corpo ao projeto “Museu Nacional Vive”, uma cooperação entre a UFRJ, UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e o Instituto Cultural Vale⁸. Projeto este que tem como objetivo o de reconstruir e restaurar o Palácio de São Cristóvão, reformar e ampliar a Biblioteca Central do Museu Nacional/ UFRJ e de construir o Campus de Pesquisa e Ensino do Museu Nacional/UFRJ. É através do site que podemos aceder a diversas informações, dentre elas, uma página referente aos vídeos depositados no youtube, contendo webinários e mini-documentários. Como aponta Fernanda Miranda de Vasconcellos Motta e Ronaldo André Rodrigues da Silva (2020, p. 2) as iniciativas do projeto são exposições temporárias, expedições científicas, campanhas de mobilização e financiamento coletivo, táticas de comunicação digital, realização de eventos comunitários, programas de intercâmbio profissional e parcerias diversas, nos âmbitos científico, tecnológico, cultural e econômico, com instituições nacionais e internacionais. Abriu, por isso, um conjunto de estratégias e de oportunidades⁹ (Motta e Silva, 2020). Uma delas foi a de obrigar a saber mais sobre as suas coleções, pelo que

⁷ Barifouse, R. (2018). Número de visitantes do Museu Nacional em 2017 foi inferior ao de brasileiros que estiveram no Louvre. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/09/03/numero-de-visitantes-do-museu-nacional-em-2017-foi-inferior-ao-de-brasileiros-que-estiveram-no-louvre.html>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

⁸ Instituto Cultural Vale. Disponível em: <http://institutoculturalvale.org/PT/Paginas/index.aspx>. Acesso em: 17 jul. 2021.

⁹ O museu no Google Arts é uma forma de preservar o espaço museológico e as coleções, enquanto o prédio está em reforma. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/partner/museu-nacional-ufrj>. Acesso em: 22 ago. 2021.

considero ser essencial a investigação que permita identificar, classificar, interpretar e mediar qualquer que seja o objeto em estudo.

Esta perspectiva foi desenvolvida ao longo do curso de Mestrado de História e Património, e na realização de alguns trabalhos para as unidades curriculares, que lançou um novo olhar sobre o espaço museológico em geral e sobre o Museu Nacional do Rio de Janeiro em particular. Foi-se tomando consciência de que o espólio dos museus de história natural resulta de redes científicas na longa duração, o que encoraja o desenvolvimento de projetos-piloto de pesquisa para reconhecer coleções subutilizadas, de modo a servir as ciências da vida contemporânea. Ficamos cientes de que tais instituições científicas ou artísticas derivaram dos antigos Gabinetes de Curiosidades e/ou de coleções principescas que surgiram entre os séculos XVI, XVII e XVIII com objetos de arte da antiguidade, produções artísticas da época, tesouros ou curiosidades da Ásia e da América (Camenietzki e Kury, 1997; Damasceno, 2014; Julião, 2006; Raffaini, 1993). No caso do Brasil, várias foram as expedições científicas que levaram para a Europa de então exemplares de diferente natureza. Dada a sua diversidade, situamo-nos, apenas, como citamos acima, as expedições comandada por Langsdorff e o príncipe Maximilian Wied-Neuwied na primeira metade do século XIX, focando Friedrich Sellow e Ludwig Riedel, os seus percursos e as suas contribuições para o espólio dos museus e as redes científicas no Brasil e fora do Brasil, na longa duração.

Objetivos gerais e específicos

A presente dissertação tem como objetivos gerais o estudo do contexto da existência de determinadas coleções, a reconstituição de percursos científicos de indivíduos (dos indivíduos às expedições que realizaram) no Brasil, como contributo para a identificação do património científico e a sua disponibilização. Em segundo lugar, é um contributo para o quadro mais alargado das políticas de preservação e de mediação das coleções de ciências naturais no Brasil e dos museus do mundo, dado que muitos dos exemplares que constituem coleções pelos museus do mundo tiveram a sua origem no Brasil.

Como objetivos específicos, consideramos fundamental a identificação das coleções e dos percursos científicos no Brasil, como contributo para a identificação do Património

Cultural Científico, tendo em consideração o contexto histórico da construção do museu e as políticas de preservação e mediação das coleções de ciências naturais.

Para tal, focamo-nos no estudo dos naturalistas alemães que contribuíram para a existência das coleções no Brasil e na Europa, demonstrando que as expedições realizadas em território brasileiro, da responsabilidade de Ludwig Riedel (Expedição de Langsdorff entre 1824-1828) e Friedrich Sellow (Expedição científica do príncipe Maximilian Wied-Neuwied entre 1815-1817) contribuíram para a ciência no século XIX e se revelam, ainda, na atualidade, objeto de interesse e da investigação. Focamo-nos na primeira metade do século XIX, por corresponder a uma fase fulcral de instalação do museu, de 1818 até 1866.

Este trabalho de pesquisa procura responder à necessidade de dar corpo a iniciativas de natureza mediadora. O incêndio verificado parece ter provocado a abertura de outros caminhos, antecipando aqueles que podem ser inevitáveis, como elencaram José Luiz Pedersoli Junior, Catherine Antomarchi e Stefan Michalski (2017, p. 12): terremotos, tsunamis, erupções vulcânicas, deslizamentos de terra, enchentes e incêndios e/ou as ameaças ambientais graduais e cumulativas, de natureza química, física ou biológica.

Uma instituição como um Museu de História Natural, para além de abranger os três reinos da natureza: animal, vegetal e mineral, ainda inclui no seu acervo peças classificadas como referentes à arqueologia e à etnografia, pelo que os desafios em termos de projetos interpretativos são infindáveis, como garante Mariana Galera Soler e Maria Isabel Landim (2017), relacionando o objeto e o museu, transcendendo o que ele era na sua natureza inicial, dando aos museus novos significados e funções. Por isso, o nosso estudo busca trazer uma nova perspectiva cultural e científica em relação ao reconhecimento das coleções subutilizadas em exposições, expondo a importância histórica e atual para a ciência e o meio ambiente.

Na verdade, nos últimos anos, podemos apontar iniciativas nacionais e internacionais de identificação da biodiversidade. Podemos perceber um aumento de plataformas digitais de acesso a informação sobre diversas tipologias de espécies, de bases de dados. São exemplos: a Gibf (The Global Biodiversity Information Facility), uma rede

internacional que procura disponibilizar dados acerca de tipos de vida no mundo, do presente e do passado¹⁰, e a SibBr (Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira), uma plataforma online que integra dados sobre a biodiversidade e os ecossistemas, provenientes de fontes de informação diversas, do Brasil¹¹. Ainda bibliotecas digitais e arquivos sobre biodiversidade, tais como: a BHL (Biodiversity Heritage Library) na qual se poderá consultar obras digitalizadas sobre os viajantes e espécies do Brasil¹² e ainda a Natural Science Collections Association (NatSCA), uma instituição sediada no Reino Unido que representa as coleções de ciências naturais e os que nelas trabalham¹³. O desenvolvimento de plataformas de dados relacionadas com os acervos, neste nosso caso dando como foco as plataformas do Herbário da Secção Botânica do Museu Nacional¹⁴, estão contidas na grande base de dados Jabot (um sistema de gerenciamento de coleções científicas depositadas em herbários e redes laboratoriais de instituições de pesquisas botânicas e das coleções vivas de jardins botânicos¹⁵) e da speciesLink, que agrega e permite aceder a dados sobre a biodiversidade do Brasil¹⁶, que faz parte de uma base mais alargada, o CRIA, Centro de Referência em Informação Ambiental¹⁷. Estas ferramentas permitem um acesso à informação e contribuem para acrescentar informação ou esclarecer aspetos menos conhecidos acerca da localização de exemplares recolhidos no Brasil.

Em resumo, os nossos objetivos são de tripla natureza e orientam a estrutura da nossa pesquisa: em primeiro lugar, ao estudar o contexto histórico da construção do museu nacional, evidenciar a importância da formação das coleções existentes,

¹⁰ GBIF | Global Biodiversity Information Facility. Disponível em <https://www.gbif.org/what-is-gbif> . Acesso em: 17 abr. 2021.

¹¹ Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. Disponível em <https://www.sibbr.gov.br/> . Acesso em: 17 abr. 2021.

¹² The Biodiversity Heritage Library. Disponível em <https://www.biodiversitylibrary.org/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

¹³ NatSCA - Natural Science Collections Association. Disponível em <https://www.natsca.org/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

¹⁴ Dados do Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em <http://jabot.jbrj.gov.br/v3/consulta.php>. Acesso em: 17 abr. 2021.

¹⁵ JABOT Núcleo de Computação Científica e Geoproc. Disponível em <http://jabot.jbrj.gov.br/v3/consulta.php>. Acesso em: 17 abr. 2021.

¹⁶ SpeciesLink. Disponível em: <https://specieslink.net/> . Acesso em: 20 agos.2021.

¹⁷ CRIA. Disponível em: <http://www.cria.org.br/>. Acesso em: 17 abr. 2021.

fundamentalmente ligadas ao Herbário, e a sua associação aos percursos científicos no Brasil, como um exercício de investigação que pretende enquadrar-se na atual política do Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia, de acordo com a *Carta do Rio de Janeiro sobre o patrimônio cultural da ciência e tecnologia*, de 2016, no seu ponto 5 “Promover a cultura científica, realizando, a partir de pesquisas, a disseminação e divulgação do Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia”¹⁸. Por outro lado, dar visibilidade aos naturalistas alemães que contribuíram para a existência das coleções no Brasil e na Europa, demonstrando que as expedições em território brasileiro contribuíram para a evolução da ciência do século XIX e da atualidade, focando-nos na pesquisa nas bases de dados dos herbários da Alemanha e da Rússia, o Jardim Botânico e Museu Botânico de Berlim (BGBM)¹⁹ e o herbário Herbarium of Vascular Plants of the Komarov Botanical Institute (LE) da Rússia²⁰ e o Global Plants do Jstor²¹. Finalmente, reunir os materiais para uma exposição em ambiente virtual, evidenciando a comunicação e a educação científica, reconstituindo expedições e os seus circuitos, assim como as redes científicas internacionais, propondo atividades que poderão vir a ser do interesse de diversas faixas etárias.

Fontes de informação e metodologia de pesquisa

Com o tema escolhido e a orientação definida, a partir de julho, agosto, setembro e outubro de 2020, o início da investigação consistiu em determinar os viajantes naturalistas que estiveram no Brasil na primeira metade do século XIX e que mantiveram

¹⁸ Carta do Rio de Janeiro sobre Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia. 2016. Disponível em: <http://umac.icom.museum/wp-content/uploads/2017/05/Carta-do-Rio-de-Janeiro-sobre-Patrimo%CC%82nio-Cultural-da-Cie%CC%82ncia-e-Tecnologia.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021. Ver ainda Novaes et al., 2020; Granato et al., 2018.

¹⁹ Jardim Botânico e Museu Botânico de Berlim. Disponível em: <http://ww2.bgbm.org/herbarium/>. Acesso em: 4 ago.2021.

²⁰ Vascular Plants Herbarium of the Komarov Botanical Institute RAS-Herbarium LE. Disponível em: <http://en.herbariumle.ru/> Acesso em: 2 ago. 2021.

²¹ Global Plants Jstor. Disponível em: https://plants.jstor.org/search?si=0&ff=ps_type_ps_collection_name_str&fq=cHNfcmVwb3NpdG9yeV9uYW1lX3N0cjo0khlcml1bSB5dXNzaWFuIEFjYWRlbXkgb2YgU2NpZW5jZXMgLSBwLiBMLiBLb21hcm92IEJvdGFuaWNhbCBJbnN0aXR1dGUgKExFKSlp&filter=free_text&so=ps_group_by_genus_species+asc&Query=%28ps_repository%3ALE+AND+resourceType%3Aspecimens%29 Acesso em: 2 ago.2021.

contato com Alexander von Humboldt (1769-1859), o naturalista prussiano, inspirador viajante, cujo trabalho e pensamento induziram à produção de uma informação científica e estética do que via no terreno. A leitura de um artigo dos anos 60 de Helmut Andrä (1962), sobre *Alexander von Humboldt e as suas relações com o Brasil*, permitiu identificar todos os naturalistas alemães que participaram das expedições no Brasil e América espanhola, além de muitos outros que, pela leitura das suas obras ou por ele incentivados, percorreram a América do Sul. A figura de Humboldt e o seu papel na compreensão da natureza foi inspirador para a nossa investigação e a compreensão das redes que ele estabeleceu na Europa e a América, como o estudo premiado de Andrea Wulf demonstra (Wulf, 2016). Foi ainda Lorelai Kury (2001) que permitiu-nos compreender o que eram os naturalistas e os viajantes naturalistas em solo brasileiro.

Neste período, ocorreu a investigação da base de dados, de conferências e de declarações associadas à biodiversidade e às coleções de ciências naturais. Consultámos, para o efeito, os recursos disponíveis nos sítios já atrás referidos, como a Biodiversity Heritage Library (BHL), biblioteca online direccionada para arquivos e livros sobre a biodiversidade; a Natural Science Collections Association (NatSCA), com as publicações referentes às coleções, e o Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira (SiBBR), que nos possibilitou compreender as coleções existentes no MNRJ. Procedemos à leitura da Conferência Internacional sobre o Valor e a Avaliação das Coleções de Ciências Naturais, realizada em Manchester, no Reino Unido, em abril de 1995, e o livro organizado por John R. Nudds e Charles W. Pettitt (1997), o que nos permitiu compreender e aferir o valor das coleções de ciências naturais na atualidade. Acresce, ainda, a leitura de outros títulos, de autores associados ao património científico dos museus e ao seu valor patrimonial e científico, já atrás indicados.

Em novembro, dezembro, janeiro e fevereiro de 2021, definimos os viajantes naturalistas que contribuíram para o museu, Friedrich Sellow e Ludwig Riedel. Com efeito, no século XIX é possível perceber diversos nomes de figuras interessantes e importantes para a ciência, dentre eles: Johann Baptist von Spix, Carl Friedrich Philipp von Martius, Friedrich Wilhelm Sieber, Ignaz von Olfers, Wilhelm Christian Gotthelf Feldner, Karl Ferdinand Appun, Príncipe Adalberto da Prússia, Hermann Burmeister,

Robert Avé-Lallemant, Guilherme Luiz von Eschwege, Eduard Poeppig, Maximilian Wied-Neuwied e Georg Heinrich von Langsdorff. A seleção foi feita depois de um levantamento exaustivo dos viajantes de origem alemã ou prussina (a Alemanha surge como tal apenas em 1871) (ver tabela 1 em apêndice). Esta seleção foi realizada, principalmente, a partir da leitura da obra de Helmut Andrä (1962), cruzada com artigos e referências de outros autores que esclarecem o perfil desses naturalistas. Na realização do levantamento, o interesse era fazer uma rede entre eles e os contribuidores do museu, que constam em uma listagem por Ladislau Netto (1870). Depois de estabelecer esta rede, ocorreu a necessidade em pesquisar os relatos de viagens para compreender o ofício de viajante-naturalista e a sua importância para as coleções de história natural. Foi determinante a consulta da bases de dados: speciesLink, onde estão contidas informações relevantes sobre as coleções do Herbário do MNRJ. O edifício onde estava alojado o herbário não foi atingido pelo incêndio, porém houve alguma interrupção no acesso à informação e, infelizmente, desde o ano de 2020, e até a atualidade, estamos vivendo em períodos de lockdown, pelo que o acesso ao acervo nem sempre é viável.

Em março de 2021, elaborámos uma grelha com as informações referentes às expedições de Langsdorff (1774-1852) e do príncipe Maximilian Wied-Neuwied (1782-1867), com vista à construção da trajetória no território brasileiro, definindo algumas categorias de análise: o tempo, a localidade, pessoas, ocorrências, os instrumentos científicos e as recolhas, e procedemos à reconstituição das suas atividades como botânicos sabendo que tinham muitos outros interesses, e dos processos de conservação e preservação das espécies colhidas. Neles interessava-nos selecionar a participação dos naturalistas que já indicámos atrás, Selow e Riedel.

Foi realizado um breve contato com o curador do herbário (R), dr. Nilber Gonçalves da Silva, do MNRJ em abril de 2021 em uma comunicação via correio eletrônico, na qual, apresentou as bases dados, speciesLink e Jabot, abordando que nem toda a coleção do herbário está digitalizada.

Em maio de 2021, realizei o contato com o dr. Robert Vogt, curador do Herbário B do *Botanischer Garten und Botanisches Museum Berlin*, na qual salientou que apenas 20-

30% das coleções estão salvas no museu, porque infelizmente o museu sofreu grandes perdas durante a Segunda Grande Guerra e a apenas 20% do herbário do BGBM está digitalizado.

Outro contato realizado foi com o *Komarov Botanical Institute RAS* de São Peterburgo, em julho de 2021, em relação às coletas realizadas por Riedel e Langsdorff. Dr. Vladimir Dorofeyev comentou ser possível o acesso das imagens digitalizadas pela bases de dados do herbário LE e do JSTOR.

Feito este percurso, a presente dissertação estrutura-se em três partes. Na primeira parte, no primeiro capítulo, é abordada a construção do museu e a sua orgânica entre 1818-1866, a primeira fase do museu e a construção da secção de botânica que contém o Herbário. Corresponde à fase de instalação, desde a sua primeira sede, no Campo de Santana, assim como a sua orgânica, com os seguintes diretores: Frei José Batista da Costa Azevedo (1818-1822), João de Deus e Mattos (1822-1823, interino de 1835-1837), João da Silveira Caldeira (1823-1827), Frei Custódio Alves Serrão (1828-1847), Emílio Joaquim da Silva Maia (interino, 1845-1846 e 1846-1847) e Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui (1847-1866). Como fontes de informação essenciais para a elaboração deste capítulo, recorreremos aos autores Ladislau Netto (1870) e João Batista de Lacerda (1905) (antigos diretores do Museu), bem como à Coleção de Leis do Império do Brasil (1808-1889).

O segundo capítulo é dedicado aos viajantes naturalistas alemães no Brasil, às respetivas contribuições para o ambiente científico que se vivia na época, e à existência de redes internacionais e de colaboração na organização das coleções nacionais e internacionais, que irão circular entre várias instituições. Procura-se perceber a existência de “Instruções...” para a recolha de exemplares no ambiente natural e a sua adequada conservação, a fim de chegarem aos museus e coleções de História Natural. Neste caso, as referências bibliográficas são variadas, algumas delas fruto de investigação aprofundada.

Na segunda parte penetramos no quotidiano das duas expedições em que os dois figurantes principais, Sellow e Langdorff e os seus mais próximos (Wied-Neuwied e

Langsdorff) participaram, e a diversidade de domínios em que aqueles investigadores trabalharam. Nestes capítulos, 3 e 4, apresentamos, como fontes de informação para responder ao estruturado neste capítulo, os relatos de viagens: *Os Diários de Langsdorff*, organizados por Danuzio Gil Bernardino da Silva (1997) e *Viagem ao Brasil*, de Wied-Neuwied (1940)²². No caso do primeiro, segundo Hans Becher, Bóris N. Komissarov e Marcos Pinto Braga (1997, p.IX) os diários do Barão Georg Heinrich von Langsdorff são um importante repositório da expedição ao Brasil realizada entre 1822 e 1829. Esta documentação foi redescoberta em 1930 e estão guardados no Arquivo da Academia de Ciências Russa. Ao todo são 26 cadernos de diferentes formatos e tamanhos com 1.388 páginas. Esses diários foram escritos por Langsdorff quando ele ainda estava no campo, utilizando tinta indelével, composição de pedra-infernal, goma-arábica e fuligem de pinheiro. Alguns textos que foram escritos por tinta vegetais estão borrados ou apagados (Becher, Komissarov e Braga 1997, p.IX). Os diários iniciam-se no dia 8 de maio de 1824 e terminam em 20 de maio de 1828. A expedição começa no Rio de Janeiro na Fazenda Mandioca e segue no sentido de Minas Gerais (Becher, Komissarov e Braga 1997, p.IX). Os registros cessam no dia 20 de maio de 1828, conforme é relatado por carta ao Ministro das Relações Exteriores da Rússia, senhor Karl Nesselrode (Becher, Komissarov e Braga 1997, p. X). Os diários de 8 de maio a 17 de fevereiro de 1825 referem-se à viagem de pesquisa nas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais, sendo os cadernos números 1 a 17 correspondentes ao primeiro volume. O segundo volume abrange o período de 26 de agosto de 1825 a 22 de novembro de 1826, diz respeito a viagens em São Paulo, relativo aos cadernos números 18 a 20 e uma parte do 21. O terceiro volume começa em 22 de novembro de 1826 e termina em 20 de maio de 1828, corresponde à viagem pelas províncias de Mato Grosso e Amazonas, compreende parte do caderno nº21 até ao número 26 (Becher, Komissarov e Braga 1997, p. XI)²³.

²² Nas referências a este texto, utilizaremos o livro traduzido por Edgar Sússekind de Mendonça e Flavio Popper de Figueiredo, refundido e anotado por Oliverio Pinto pela Companhia Editora Nacional em 1940. Disponível: <http://books.scielo.org/id/q5cc4>. Acesso: 24 ago. 2021.

²³ “Os Diários de Langsdorff” estão na íntegra digitalizados e, por isso, é possível acessar os três volumes. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/q5cc4>. Acesso em: 24 ago.2021.

No caso *Viagem ao Brasil*, de Wied-Neuwied, a nossa análise será feita através do livro lançado em 1940 no Brasil, uma edição dividida em dois tomos²⁴. O primeiro tomo é dividido em onze capítulos (que possuem títulos e subtítulos, assinalando os lugares mais marcantes da viagem, e corresponde a travessia da Europa para o Brasil e o começo da expedição em 1815 nas províncias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. O segundo tomo possui oito capítulos, sendo um dele totalmente voltado sobre os Botocudos, correspondendo ao final do ano de 1816 e 1817 em Minas Gerais e Bahia, e um apêndice à respeito de “Sobre a maneira de se empreenderem no Brasil, viagens relativas à História Natural”, o “Vocabulário dos Povos indígenas de que se faz menção neste relatório de viagem”, e uma “Nota sobre a carta que acompanha a segunda parte desta descrição de viagem”. Christina Rostworowski da Costa (2008, p. 15) comenta que o relato foi publicado em alemão no ano de 1820. Entre 1821-1823 foram publicadas as versões em línguas inglesa, italiana, francesa e holandesa, e, em 1825, a edição austríaca. A primeira edição brasileira foi de 1940, pela Companhia Editora Nacional, fazendo parte da Coleção Brasileira (Costa 2008, p. 16).

A terceira parte da dissertação procura localizar nas instituições científicas atuais a informação reunida, exclusivamente, pelos viajantes Sellow e Riedel e como a reutilizar. Assim, o quinto capítulo reflete a pesquisa realizada na coleção do Herbário no Rio de Janeiro (Brasil), Berlim (Alemanha) e São Petersburgo (Rússia). Esta relação entre o Museu, os viajantes alemães, e as coleções dispersas irá suportar, no capítulo sexto, a proposta de mediação “Comunicar ciência: o Brasil nas redes internacionais dos naturalistas viajantes da primeira metade do século XIX”, que procura relacionar três categorias de informação (os homens, os percursos e os objetos/exemplares) com o público em geral, sublinhando o seu contributo para a história e para o património científico. Não esqueceremos a realização de exposições anteriores, como a de 2010, no

²⁴ O relato de viagem do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied é uma fonte inestimável para quem estuda e pesquisa sobre o século XIX, a história natural e a etnografia e a antropologia. Realizando uma comparação com os “Diários de Langsdorff” são perceptíveis algumas discrepâncias: enquanto os diários estão subdivididos em cadernos e por datas, permitindo uma compreensão maior do espaço e do tempo, no caso de Wied-Neuwied trata-se de um texto corrido, sem uma organização explícita por dias, percebendo-se que, nalguns casos, ele introduz informação colhida posteriormente.

Centro Cultural Banco do Brasil “Expedição Langsdorff”²⁵, que nos servirão de base de trabalho, mas às quais queremos acrescentar novidade e articular informação.

²⁵ Expedição Langsdorff. Disponível em <https://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/Langsdorff.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2021.

I PARTE

1. Da Casa dos Pássaros ao Museu Real e Imperial do Rio de Janeiro

O MNRJ é considerado como uma das instituições científica mais antigas a ser criada no território brasileiro, atualmente pertencente à Universidade Federal do Rio de Janeiro (doravante indicada como UFRJ). Neste capítulo procura-se apresentar o contexto histórico do museu entre 1818 até 1866, abordando a sua primeira instalação e a criação da Seção de Botânica. Neste período foi subordinado aos seguintes ministérios: o Ministério dos Negócios do Reino (6 de junho de 1818 a 12 de outubro de 1822) e o Ministério dos Negócios do Império (12 de outubro de 1822 a 29 de abril de 1868)²⁶. Tem-se em consideração, neste capítulo a ação de recolha dos exemplares e das políticas orientadas para a organização do seu espólio, em particular as espécies ligadas ao seu Herbário.

1.1. Fundação e orgânica do Museu

O MNRJ insere-se na história geral dos Museus ligados à História Natural e à Ciência, que tiveram as suas origens na reunião de espólios particulares anteriores. Algumas coleções dos museus científicos e os museus de arte derivaram dos antigos Gabinetes de Curiosidades ou das Coleções Principescas. Essas coleções surgiram nos séculos XVI, XVII e XVIII, com os objetos de arte da antiguidade (romanas e gregas), de tesouros ou curiosidades intercontinentais, de produções de artistas da época, financiados pelas famílias nobres ou pelo Estado/Coroa (Camenietzki e Kury, 1997; Damasceno, 2014; Julião, 2006; Raffaini, 1993).

Carlos Ziller Camenietzki e Lorelai Brilhante Kury (1997) abordam o perfil dos que, ao longo do tempo, constituíram tais coleções. Os “coleccionadores” eram naturalistas, médicos e apotecários, e consideravam as coleções como “teatros da natureza”, divididas em três reinos da Natureza: o vegetal, o animal e o mineral. Os gabinetes de curiosidades apresentavam o “exótico”, demonstravam o raro, o desconhecido e de

²⁶ O museu acabou sendo subordinado de sete ministérios ao longo da sua trajetória. Para acessar a informação, ver Dantas (2007, p.296).

terras distantes, expondo os exemplares e diversos artefactos de acordo com a divisão dos reinos da Natureza. Segundo Wagner Miquéias F. Damasceno (2014, p.45) os colecionadores contribuíram para o desenvolvimento das ciências naturais e o aprimoramento das técnicas de conservação e ordenação de espécimes, como a taxidermia e a catalogação.

O caso do Brasil é o que nos move. No final do século XVIII, houve uma tentativa de fundar um museu de História Natural. A iniciativa teria sido do vice-rei D. Luiz de Vasconcellos, com a criação do gabinete zoológico “Casa dos Pássaros” (D’Almeida e Dantas, 2018, p.16), aparentemente contendo uma coleção de aves mal preparadas e não classificadas pelo método científico (Lacerda, 1905, p.3). O preparador era Francisco Xavier Cardoso Caldeira, conhecido por Xavier dos Pássaros, que chegou a confeccionar objetos com penas, conchas e escamas, adornando as exposições industriais do Rio de Janeiro (Netto, 1870, p.12).

A Casa dos Pássaros ou Casa de História Natural preparou algumas amostras para as coleções brasileiras dos museus metropolitanos, na altura o Gabinete de História Natural, o Real Museu e o Jardim Botânico da Ajuda, como resposta à vontade de reunir produtos naturais e industriais e de elaborar uma “História Natural das Colônias” (Netto, 1870, p. 11-12; Brigola, 2003.; Pataca e Pinheiro, 2005, p. 63). No ano de 1810, o cargo de inspetor foi preenchido pelo Dr. Luiz Antonio de Costa Barradas (Netto, 1870, p.14). A 22 de junho de 1813, o príncipe regente “manda extinguir o museu desta Corte”, sendo todo o material (mais de mil peles de aves, muitos insetos e alguns mamíferos) guardado em duas grandes caixas ou caixotes, sob a guarda de Costa Barradas (Dantas, 2007, p. 60). O General Carlos Antonio Napion, Diretor da Fábrica de Pólvora do Rio de Janeiro, que veio para o Brasil em 1808, reencontrou as peças, infelizmente em condições péssimas de conservação, sobrando em torno de cinquenta pássaros e outros animais que ali foram guardados. Essas peças foram transferidas e guardadas no Arsenal de Guerra (atual Museu Histórico Nacional), juntando-se a uma coleção de mineralogia e instrumentos de “*physicos*” para estudos práticos dos alunos da Academia Militar. Em 1816, o diretor da Academia Militar, o mineralogista Frei José Batista da Costa Azevedo, futuro diretor do Museu Real (Fernandes; Henriques, 2013), transportou, para a

academia, a coleção de mineralogia e os instrumentos físicos, ficando no Arsenal de Marinha o resto da coleção ornitológica (Netto, 1870, p.14-15, p. 21; Dantas, 2007, p.61).

Criado pelo Decreto de 6 de junho de 1818, no Palácio do Rio de Janeiro, por D. João VI, tinha como objetivo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Reino do Brasil em prol do comércio, da indústria e das artes. O decreto clarifica as razões para a criação do museu e sobre os instrumentos, as máquinas e os gabinetes que estavam dispersos pelo território brasileiro, de modo a que fossem reunidos na instituição. O Museu Real passou a cumprir um papel de museu metropolitano, sendo o “espaço destinado ao desenvolvimento das ciências naturais no novo centro político do Império Português” (Silva, Kubrusly, 2011, p.3).

Segundo Ladislau Netto (1870, p.16), o monarca foi um dos idealizadores para a criação do museu, mas Thomaz Antonio de Villanova de Portugal, formado em direito, com funções de desembargador na metrópole, “do meu Conselho de Estado, Ministro, Ministro e Secretário de Estado dos Negocios do Reino, encarregado da presidencia de mesmo Real Erario, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessários” (Dantas, 2007,p.59) fez parte da execução e da ideia da criação. João Batista de Lacerda (1905, p.2) comenta como o ministro Thomaz Antonio possuía uma boa índole, méritos e conhecimentos a respeito de administração. Ele era estimado pelo rei em relação aos seus conselhos e as suas ordens eram cumpridas sem divergência pelos subordinados. As suas funções foram várias e em vários domínios e intervenções: a abertura dos Portos do Brasil ao comércio direto com o exterior, caindo o exclusivo do comércio com a metrópole, em 1808; a criação da Imprensa Régia, o Jardim Botânico, a academia de Belas-Artes, a Junta do Comércio e a Biblioteca Real (Lacerda, 1905, p.3).

A infraestrutura edificada que abrigou as coleções evoluiu de acordo com as necessidades de acomodação, as ideias do serviço do museu, a iniciativa dos seus diretores, a vontade política e outras circunstâncias que muito brevemente se apresentam.

O museu esteve localizado em dois lugares no Rio de Janeiro. No período de 1818 até 1892 ele se localizava em um prédio no Campo de Santana (atualmente, Praça da República), no número 26 (Gomes, Lopes, 2019, p.649). Do período de 1892 até à atualidade, o museu está localizado no Palácio da Quinta da Boa Vista em São Cristóvão, bairro da zona norte do Rio de Janeiro (Dantas, 2007). O período em estudo insere-se, pois, na totalidade, naquele edifício.

Figura 1- O Museu do Rio de Janeiro: Campo de Sant'Anna, em 1862.



Fonte: Castro y Ordoñez, Rafael. Campo de Sant'Anna: lado do museu. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1862. 1 foto, papel albuminado, p&b, 16,4 x 24,6 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon21044/icon1018540.jpg. Acesso em: 27 jan. 2021.

O Decreto de 6 de junho de 1818 faz referência à compra de uma residência localizada no Campo de Santa Anna, do antigo proprietário João Rodrigues Pereira de Almeida (posteriormente, Barão de Ubá, grande negociante e proprietário agrícola). Menciona os cômodos e as proporções da residência como convenientes para abrigarem o museu, sendo a compra e a escritura do prédio a cargo da coroa e paga pelo Real Erário. Está

situado na parte oriental do Campo de Aclamação²⁷, entre as ruas dos Ciganos (atualmente, Rua da Constituição) e a Rua do Conde²⁸ (Rua Visconde do Rio Branco) (Netto, 1870, p. 153)²⁹.

O primeiro diretor do museu, Frei José Batista da Costa Azevedo (1818-1822), coordenava um espaço museológico de nível real, porém o museu era um embrionário de um “museu colonial”, e muito do desenvolvimento do museu somente foi possível pela benevolência de particulares ou do governo (Lacerda, 1905, p. 5). No seu acervo existiam algumas coleções importantes, como a Coleção Werner, mineralogista alemão Abraham Gottlob Werner (1749 -1817), com 3326 exemplares de minerais, que fora adquirida pelo barão Karl Eugen Pabst von Ohain (1718 -1784), assessor de minas da Academia de Minas de Freiberg (Saxônia, Alemanha) (Fernandes; Henriques, 2013, p. 201), e lhe fora comprada por indicação do general Napion na Alemanha, apresentando-se devidamente organizada ou pelo seu colecionador ou pelo barão colecionador (Netto, 1870, p. 21).

No ano de 1819, a coleção Werner estava localizada na maior sala do edifício do museu no Campo de Santana com instrumentos, artefatos indígenas e produtos naturais, que antes da criação do museu estavam dispersos em vários espaços da cidade (Netto, 1870, p.21). Como detalha Lacerda (1905), o museu recebia muitas contribuições, “presentes e materiais” da população, e contribuições da família real e imperial, como os soberanos

²⁷ Segundo decisão do Império, nº 155 em 12 de dezembro de 1822, foi pedido ao Senado da Câmara da cidade do Rio de Janeiro para alterar o nome de Campo de Santana para Campo da Aclamação. O motivo da alteração teria sido por conta da solenidade da aclamação de D. Pedro I como Imperador.

²⁸ Segundo Netto (1870, p. 153), o edifício do Museu ficava entre as duas ruas, a Rua dos Ciganos e a rua do Conde, comentando que antes de chegar à rua do Conde havia ainda três casas. Ana Lúcia de Abreu Gomes e Maria Margaret Lopes (2019, p. 651), validam que a antiga Rua do Conde é atualmente conhecida como Rua Visconde do Rio Branco.

²⁹ O prédio chegou a ser o Arquivo Nacional e atualmente é o Centro Cultural Museu Casa da Moeda do Brasil. No ano de 2019, o Museu Nacional abriu ao público a exposição “Quando Nem Tudo Era Gelo: Novas Descobertas no Continente Antártico”, precisamente no Centro Cultural Museu Casa da Moeda do Brasil, antiga primeira sede do museu. Disponível em: <https://museunacional.ufrj.br/destaques/quandonemtudoeragelo.html> Acesso em: 13 set. 2021.

D. João VI³⁰ e D. Pedro I³¹ (Netto, 1870, p. 22). O Museu vai adquirindo o seu caráter de mediação e propagação da ciência com a decisão n°69 de 24 de outubro de 1821, que abria as portas do museu ao público, estrangeiro ou nacional, nas quintas-feiras de cada semana, das 10 da manhã até às 13 horas, exceto se dia Santo, sob a vigilância de soldados da Guarda Real da Polícia, para garantirem “a boa ordem” (Netto, 1870, p.27).

No ano de 1822, ocorriam as festanças em relação à Independência do Brasil no Rio de Janeiro. Porém, o Museu Imperial e Nacional estava de luto, por conta da perda do primeiro diretor (Netto, 1870, p.30). Quem assumiu o cargo de diretor interino foi João de Deus Mattos³², um funcionário que possuía a função de guarda, porteiro e preparador do museu. Foi nomeado um novo diretor do museu em 1823³³, o Dr. João da Silveira Caldeira (1823-1827), graduado em medicina (Netto, 1870, p.30), destacando-se em química, criou o Laboratório do Museu Nacional, ou *Laboratório Químico do Museu Nacional* do qual foi o primeiro diretor (Netto, 1870, p.38). A articulação com outros museus europeus intensificou-se, com a receção do Museu Real de Berlim, em 1827, de uma coleção ornitológica da Europa, eventualmente como permuta do envio para o mesmo museu de 17 caixões, sem se saber o conteúdo, assim como minerais para o reino da Dinamarca. Iniciou-se, entretanto, uma política de pedido aos governadores das províncias do Brasil, das produções naturais dos seus territórios, de modo a compilar os recursos do Brasil no espaço do Museu (Netto, 1870, p.44-47).

³⁰ Ladislau Netto (1870, p. 22) comenta sobre as contribuições do soberano como: 2 armários, 80 modelos de oficinas de profissões do século XVIII do tempo de D. Maria I, vaso de prata dourado com um coroador de um belo coral que representava a batalha de Constantino, 2 chaves sendo uma de um pé de mármore com alparcata grega e uma arma de fogo marchetada de marfim da idade média e uma coleção de quadros a óleo.

³¹ Em setembro de 1822, D. Pedro I doou para o museu cerca de 183 quadros (Netto, 1870, p. 30).

³² Foi discípulo do preparador Xavier dos Pássaros e ensinado por ele na taxidermia, na antiga Casa dos Pássaros (Netto, 1870, p. 30).

³³ Houve uma contradição em relação ao decreto que nomeou o senhor Caldeira para a direção do museu em 1823, na Coleção de Leis do Império do Brasil (1808-1889). Para acender a informação ver o site: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis>. Acesso em: mar. 2021. Netto (1870, p.30) faz uma referência ao decreto do dia 27 de outubro, ao acessar a informação sobre as coleções de lei foi possível perceber que o decreto daquela data e ano condiz com outra notícia “Approva o plano de uniforme dos officiaes da Armada”, não tendo nenhuma informação referente à nomeação do senhor Caldeira para a direção da instituição.

Com a sua saída, o Dr. Frei Custódio Alves Serrão³⁴(1828-1847) assumiu o cargo de diretor do museu. Era carmelita (apenas de ordens menores), que estudou na Universidade de Coimbra, professor de física e química na Academia Militar (Netto, 1870, p. 52; Lacerda, 1905). Segundo Lacerda (1905, p. 15-16), um dos desejos de Frei Custódio era transformar a instituição num espaço de ensino, onde fossem “ensinadas as sciencias physicas e naturaes”, porém o governo negou este desejo, ou porque havia já outras instituições de ensino que pretendiam ter as mesmas competências, ou por falta de financiamento. De facto, é interessante perceber como algumas instituições pediam ao museu parte do seu acervo ao serviço do ensino, esvaziando o espólio³⁵ (Netto, 1870; Lacerda, 1905, p. 16).

Alguma desilusão sentiu frente à sua vontade de dinamização do Museu, ao ver as suas iniciativas recusadas (mudança do local do museu, a negação a realizar uma biblioteca apropriada e a necessidade de promover outras instituições), o que talvez justifique o ter viajado para o Maranhão, com a licença do governo, em 1835 (Lacerda, 1905, p.16).

Neste período, 1835-1837, o museu ficou a cargo do diretor interino³⁶, João de Deus e Mattos, guarda, porteiro e preparador, que tinha sido discípulo e ajudante de Xavier dos Pássaros, ou seja, conhecia bem o percurso do Museu (Netto, 1870, p. 23). Era, pois, alguém de confiança, que se acautelou no envio de algumas duplicações de exemplares para o Gabinete de História Natural da Bahia, evitando o desmembramento das coleções (Netto, 1870, p. 59-60). Frei Custódio Alves Serrão regressou no ano de 1837 ao Rio de Janeiro e retornou para o seu cargo de diretor.

³⁴ Ladislau Netto (1870, p.46) considera que a nomeação do Frei Custódio havia ocorrido por um decreto de 26 de janeiro de 1828, mas esta informação não consta na Coleção de Leis do Império do Brasil (1808-1889). Para aceder à informação ver o site:<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis>. Acesso 14 abr.2021.

³⁵ Para saber mais sobre quais instituições e quais objetos do acervo ver: Ladislau Netto (1870, p.55), Lacerda (1905, p. 16).

³⁶ Além do senhor João de Deus e Mattos, o museu teve outro diretor interino, o senhor Emílio Joaquim da Silva Maia (1845-1846 e 1846-1847). Ver: Dantas, 2007, p.297.

Regressado ao Rio de Janeiro e às suas funções, Frei Custódio, segundo uma portaria de 1838, elaborou um relatório com as peças do museu. É um inventário dos objetos, a sua origem, com uma separação em sub-grupos e algumas informações sobre as quantidades de peças. Aparentemente, no acervo do Museu Imperial e Nacional, em relação aos reinos da natureza, a zoologia possuía o triplo de peças se comparado com a à área de botânica, como se verifica na tabela 1 (Netto, 1870, p. 62).

Tabela 1– Inventário do Museu Nacional de 30 de abril de 1838.

Objetos	Quantidades
Zoológicos	4.964
Botânicos	1.600
Oryctognosticos (fósseis e minerais) (não incluindo diamantes)	4.516
Numismáticos	1.105
Quadros	62
Instrumentos de Física e Química	5.181
Modelos de máquinas industriais	30
Objetos relativos a artes, usos e costumes (África, Brasil, Europa, Egipto, etc.)	vários

Fonte: Netto, 1870, p.62-64.

Segundo Netto (1870, p. 287), no período em que foram coligidas as informações sobre as coleções do museu, e principalmente as peças botânicas, esta coleção estaria completa, sem cedências a outras instituições, como acontecera a outras coleções (ver atrás)³⁷.

Poucos anos mais tarde, foi aprovado o “Regulamento nº123 de 3 de Fevereiro de 1842”, com o objetivo de dar uma “melhor classificação e conservação dos objectos”. Os 16 artigos clarificam a divisão dos objetos em 4 secções: 1ª de anatomia comparada e zoologia; 2ª de botânica, agricultura e artes mecânicas; 3ª de mineralogia, geologia e ciências físicas; 4ª de numismática, artes liberais, arqueologia, usos e costumes de

³⁷ Atualmente, o Herbário do museu contém cerca de 550.000 exemplares. Ver em Global Biodiversity Information Facility (GBIF). Disponível em: <https://www.gbif.org/dataset/cd6905cf-54d7-4628-b762-f63d269e239b#description>. Acesso em: 20 abr. 2021.

nações antigas e modernas. Cada uma estaria sob a direção de um diretor, com um ou mais adjuntos, consoante possíveis subdivisões. Todas dirigidas pelo Diretor, sendo determinadas as respectivas competências. Contém, ainda, informações sobre diretrizes a serem acatadas e salários dos funcionários naquele momento (Netto, 1870, p. 68-71). Na tabela 2, as informações sobre os vencimentos do museu mostram como a orgânica se alterou, com uma distribuição de responsabilidades, avaliável pelo montante do vencimento.

Tabela 2– Tabela de vencimentos do museu, segundo o regulamento nº 123 de 03 de fevereiro de 1842.

Cada um dos directores das seções	800\$000
Director nomeado do Museu	200\$000
Director que servir de Secretario	200\$000
Director aquem anexar a seção de numismatica	200\$000
Ajudante do Secretário	600\$000
O porteiro, guarda e preparador das seções de zoologia e botânica	1:000\$000
Guarda e Preparador das seções de mineralogia e numismatica	600\$000
Total dos vencimentos dos funcionários	3:600\$000
Despesa dos materiais	1:600\$000

Fonte: Netto, 1870, p. 71-72.

O regulamento estabeleceria uma verba de 8:000\$000, porém, no ano de 1843 houve uma redução do orçamento e, conseqüentemente, os vencimentos dos funcionários foram atingidos. A verba total passou a ser de 5:600\$000, e manteve-se até janeiro de 1855 (Netto, 1870, p. 80, p.142). De certa forma, gerou um desagrado no diretor, dada a redução do salário dos diretores das seções de 800\$ para 200\$ anuais (Netto, 1870, p. 79-80; Lacerda, 1905, p. 22).

Frei Custódio Alves Serrão pediu exoneração do seu cargo do museu em 25 de janeiro de 1847 (Netto, 1870, p. 94; Lacerda, 1905, p. 23), não sem antes redigir um longo relatório, em 16 de março de 1844, acerca das necessidades do Museu, em particular a construção e extensão do museu, que por falta de espaço não permitia uma acomodação das espécies segundo critérios científicos, nomeadamente a secção de

botânica, “essa riquíssima collecção de plantas, de fructas e até de madeiras”, além de não ter conseguido alimentar as coleções com os resultados das explorações feitas por “sábios” estrangeiros (Netto, 1870, p.82-84). A verdade é que o Museu Real procurava desenvolver a permuta de espécies, ao enviar neste mesmo ano, amostras de minerais para o recentemente criado Gabinete de História Natural do Maranhão, na esperança de receber outros do interior da Amazónia, prática que não teve sucesso (Netto, 1870, p.88).

O sucessor do cargo de direção foi o Dr. Frederico Leopoldo Cesar Burlamaqui (1847-1866) que possuía a cadeira de mineralogia e geologia da escola militar (Netto, 1870, 95). Sob a sua direção verificou-se a contratação de alguns coletores para o museu, dentre eles: Francisco Raymundo de Faria (produtos naturais e etnográficos do vale do Amazonas) e o naturalista e desenhista francês, João Theodoro Descourtilz (Jean Théodore Descourtilz, 1796-1855)³⁸ (coleções zoológicas, ornitológicas e entomológicas no Espírito Santo) (Netto, 1870, p. 97-98; Lacerda, 1905, p. 26). Com a morte de Descourtilz, houve a nomeação do francês Sohier de Gand (Alfred Sohier de Gand,?-1855?)³⁹ (explorou o vale do Amazonas e o Peru), botânico e zoologista (Lacerda, 1905, p.27), mas que não terá cumprido a sua missão, a acreditar em informação datada de 1858⁴⁰. Na Bahia havia o explorador João Francisco Thomaz do Nascimento, onde buscava descobrir os combustíveis minerais daquela região (Netto, 1870, p. 115). Em 21 de junho de 1860, foi nomeado como adjunto viajante do museu, o francês Jacques Brunet (Louis Jacques Brunet⁴¹), mas logo no ano de 1862 foi chamado para assumir um

³⁸Teodoro Descourtilz. Disponível em: https://web.archive.org/web/20160303172956/http://www.avesdobrasil.com.br/joao_teodoro.php Acesso em: 20 abr.2021.

³⁹ Alfred Sohier de Gand. In Global Plants. Disponível em: <https://plants.jstor.org/stable/10.5555/al.ap.person.bm000122007>. Acesso em: 20 abr.2021.

⁴⁰ AHI 300 03 06 – Parte I – Avisos recebidos pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros do Ministério dos Negócios do Império – 2ª Seção. Aviso do ministro dos Negócios do Império, Pedro de Araújo Lima, marquês de Olinda, ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Caetano Maria Lopes Gama, visconde de Maranguape – Informa que a comissão do Museu Nacional para coligir objetos de história natural da Amazônia, que era chefiada pelo francês Alfredo Sohier de Gand, foi cancelada juntamente com a gratificação do naturalista, uma vez que ele não trouxe os objetos que deveria ter colecionado (Sant’Anna; Bosisio, 2010, p. 227).

⁴¹Louis Jacques Brunet. Disponível em: <https://ilamdir.org/recurso/4331/museu-de-hist%C3%B3ria-natural-louis-jacques-brunet>. Acesso em: 20 abr.2021.

cargo no Ginásio de Pernambuco. Logo de seguida, Luiz Baraquin (Arsène Onessim Baraquin) assumiu o posto de adjunto viajante “honorário”, sem um salário fixo, porque o governo pagava apenas algumas viagens avulsas (Netto, 1870, p.127-128).

Além desta vontade de aumentar as coleções, de estabelecer permutas com museus estrangeiros (Melbourne, Nápoles, Estados Unidos, Chile, etc.) e de enviar coleções com objetivos pedagógicos para escolas do ensino secundário (ginásio de Pernambuco) (Netto, 1870, p.121), também se procurou a possibilidade de alargar os dias de visitas do museu ao grande público. Como se escreveu atrás, desde 1822, o museu era aberto ao público às quintas-feiras, iniciativa que se estendeu aos domingos a partir de janeiro de 1848 (Netto, 1870, p.101).

Um marco importante alcançado por Burlamaqui foi a conclusão de uma parte, já em construção, do museu, em 1856, e a pintura de algumas paredes (Netto, 1870, p. 111; Lacerda, 1905, p.26). No dia 11 de julho de 1863, abriu, finalmente, a tão desejada Biblioteca, com três mil volumes, a cargo do senhor Commendador Manoel Ferreira Lagos (Netto, 1870, p. 129-130; Lacerda, 1905, p. 29).

O diretor Burlamaqui faleceu a 14 de janeiro de 1866, sendo substituído por Francisco Freire Allemão de Cysneiros (de 1866 a 1870) (Lacerda, 1905, p. 30).

A fase seguinte, de que não nos ocuparemos, por apenas abordarmos a 1ª metade do século XIX, parece abrir uma outra página – a da crescente consciência política da utilidade do Museu para o desenvolvimento da economia do Brasil. Sinal desta evolução é o facto de o Museu ter passado da jurisdição do Ministério do Império para o Ministério da Agricultura, em maio de 1868 (Netto, 1870, p.135). O novo diretor foi, de alguma forma, incentivador desta mudança, ao endereçar convite, aceite, ao ministro da agricultura para visitar o Museu, que passou a assumir a sua tutela (Lacerda, 1905, p.32).

1.2 As Coleções, a Secção de Botânica e o seu Herbário

Os museus de História Natural, e as suas coleções científicas, foram mantidos e conservados pelas próprias equipas que trabalham naquelas instituições e, por vezes,

com o apoio dos naturalistas amadores qualificados (caso dos projetos associados a ONGs), empenhados no alargamento do conhecimento das características de espécies provenientes de várias localidades, recolhidas ao longo do tempo, que hoje interessam ao estudo da evolução da biodiversidade (Sforzi et al. 2018, p. 430).

Os viajantes naturalistas contribuíram muito para a constituição do acervo dos museus europeus. Um ponto já referido anteriormente, sublinhado por Ladislau Netto (1870), foi o das “duplicatas” de exemplares que essas instituições possuíam e que cediam a outras, por vezes permutando, aumentando a diversidade das suas coleções. De facto, o museu, como atrás se viu, enviou produtos minerais ao príncipe real da Dinamarca, mas também dele recebeu exemplares. O mesmo ocorreu no ano de 1827, quando recebeu do Museu Real de Berlim uma coleção ornitológica da Europa, iniciando assim um “elo” entre as instituições (Netto 1870, p.44-45).

Como já foi abordado, o museu teve o auxílio do governo para aumentar seu acervo. No período da direção do Dr. João da Silva Caldeira, dois ministros desempenharam um papel relevante: José Bonifácio de Andrada e Silva, (1763-1838), estudioso da escola de Freiberg com ênfase em mineralogia e figura do Estado⁴², e Estevão Ribeiro Rezende (1777-1856)(Marquês de Valença), que ocupou cargos administrativos estratégicos que lhe deram o conhecimento do interior do Brasil, tais como: juiz de fora de São Paulo (1811), fiscal dos diamantes no Serro Frio, em Minas Gerais (1816), ajudante do intendente geral da polícia no Rio de Janeiro (1817) e conselheiro de Estado, entre outros cargos (Oliveira, 2010). Este ministro enviou uma circular pedindo que as províncias enviassem ao museu exemplares de recursos naturais (Netto, 1870, p. 45).

⁴² José Bonifácio de Andrada e Silva, foi estudante e docente na Universidade de Coimbra, “Membro das Academias de Estocolmo, Copenhaga e Turim, da Sociedade de Investigadores da Natureza de Berlim, das de História Natural e Filomética de Paris, da Geológica de Londres, da Wermerícia de Edimburgo, das Mineralógica e Linneana de Iena, da de Física e História Natural de Genebra, da Filosófica de Filadélfia, e da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro”. História da Ciência na Universidade de Coimbra. Disponível em: https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores/SILVA_josebonifaciodeandradae. Acesso: 21 mar.2021. Sobre a sua ação no Brasil ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Bonif%C3%A1cio_de_Andrada_e_Silva. Acesso: 21 mar.2021.

Trata-se de uma decisão do governo⁴³, nº 155, de 20 de julho de 1825, motivada pelo desejo de enriquecer o Museu Imperial e Nacional com produtos naturais do território brasileiro, e peças indígenas, sendo dirigida aos governadores das províncias para providenciarem o seu despacho para o Rio de Janeiro.

A secção de Botânica assumiu um caráter orgânico a partir do regulamento nº 123 de 3 de fevereiro de 1842, atrás indicado, que dividiu o museu em quatro seções, sendo a primeira de anatomia comparada e zoologia, a segunda de botânica, agricultura e artes mecânicas, a terceira de mineralogia, geologia e ciências físicas e a quarta de numismática, artes liberais, arqueologia, usos e costumes das nações antigas e modernas. Em cada seção haveria um diretor, podendo ter adjuntos em cada uma das subdivisões das seções. O decreto do dia 11 de fevereiro de 1842, nomeou para a direção da seção de botânica, agricultura e artes mecânicas o Dr. Luiz Riedel, um experiente e conhecedor naturalista, tendo participado nas expedições de Langsdorff, de 1826 a 1828 (Sampaio, 1919, p. 38). Nomearam João de Deus e Mattos para porteiro, guarda e preparador das seguintes seções: anatomia comparada e zoologia, e de botânica, agricultura e artes mecânicas (Netto, 1870, p. 73; Lacerda, 1905, p. 20), o que significou uma acumulação de funções que não servia os objetivos de aprofundamento e eficácia das ações de conservação e estudo da coleção de botânica (Sampaio, 1919, p. 39).

A fragilidade dos recursos humanos é marcante, dadas as aposentações e substituições: João de Deus e Mattos se aposentou em 19 de outubro de 1852 (Netto, 1870, p.112). No ano de 1857 houve a exoneração do preparador Antonio Rodrigues da Cunha⁴⁴, e a nomeação de João Baptista Barros (Lacerda, 1905, p.28). Riedel faleceu a 4 de agosto de 1861, sendo nomeado o Dr. Manoel Freire Allemão em 21 de agosto de 1861 que faleceu, infelizmente, no dia 14 de maio de 1863. Foi nomeado como diretor para a seção de Botânica, o Dr. Ladislau Netto em 22 de março de 1865, que virá a ser diretor

⁴³ As decisões do governo estão inseridas na “Colecção das decisões do Governo”, por ano, e subdivididos entre: Justiça, Guerra, Império, Fazenda, Guerra, Marinha e Estrageiros. No caso da decisão nº155 ela faz parte da categoria Império.

⁴⁴ Ele assumiu a função de preparador logo após a saída de João de Deus e Mattos (Netto, 1870, p. 122).

do Museu, em 1875, e um excelente relator do percurso dos seus antecessores (Netto, 1870, p.132; Lacerda, 1905, p. 29; Sampaio, 1919, p.44).

É, por isso, este último que nos dá informações sobre o importante período de Riedel, marcado por muitas dificuldades de estudo das coleções que se foram acumulando, perdendo ou degradando. Segundo Netto (1870, p.287-288), a Seção de Botânica⁴⁵ estava localizada no salão nº10 no prédio do Campo de Santana. Em relação à quantidade de plantas existentes no seu Herbário, ele considera que no ano de 1832 existia uma coleção completa e com bastante plantas nativas, cerca de 1.600, como o inventário indicava (ver tabela 1), mas mesmo assim teria sido maior, se se tiver em consideração os avisos do então diretor que no ano de 1830, e posteriormente ao Relatório de 1838, alertara o governo com suas preocupações em relação à conservação e preservação das peças orgânicas (Netto, 1870, p.65), assim como à sua perda sempre que a instituição precisava emprestar suas peças a outras instituições de ensino (Lacerda, 1905, p.16). Além do mais, segundo Netto, uma parte dos exemplares (4.500 espécies) tinham sido levadas pelo botânico francês “Carlos Gaudichaud” (Charles Gaudichaud-Beaupré, 1789-1854)⁴⁶, que, quando da sua viagem à América do Sul, que incluiu o Brasil, terá trabalhado no Herbário, e levado aquela espécies, que se encontravam no herbário do Museu do Jardim de Paris, como forma de pagamento, por, “dizia elle lhe haverem sido offerecidas a titulo de retribuição pelo trabalho que houvera tido de classificar o hervario do Museu brasileiro” (Netto, 1870, p.287).

Além do mais, num relatório de 1844, a sala na qual estava situada a seção de botânica e o seu Herbário, não era adequada, havia dificuldade em catalogar as peças do Herbário. “Toda essa riquissima collecção de plantas, fructas e até de madeiras se damnificarão com o andar dos tempos e de grande difficuldade será para a Nação a sua reabilitação, além de despendioso e longo, o poder substituil-a” (Frei Custódio Alves Serrão, 1844, apud. Netto, 1870, p. 82). É persistente a apreensão dos diretores em

⁴⁵ O Horto Botânico foi anexado ao museu, em 1892, por conta da reforma de 26 de dezembro de 1892 (Lacerda, 1905, p.187).

⁴⁶ Sobre o botanista Charles Gaudichaud-Beaupré, ver: https://openlibrary.org/authors/OL6890763A/Charles_Gaudichaud-Beaupre. Acesso em: 19 set.2021.

relação à perda de espécies e o sentimento de desconsolo em relação ao governo por não apoiar a instituição, focando uma perspectiva que se mantém até à atualidade, a da preocupação com a conservação, preservação e classificação das peças existente no século XIX.

A coleção aumentou quando Riedel assumiu a direção da secção, pois ele ofereceu ao museu a sua coleção particular com cerca de 1.400 exemplares de fanerógamas⁴⁷ e 112 criptógamas⁴⁸ que enriqueceram o herbário, tendo-as classificado e descrito como a sua grafia demonstra (Sampaio, 1919, p. 41). O seu esforço terá sido focado na resposta aos pedidos de exemplares para a obra *Flora Brasiliensis*⁴⁹, em 15 volumes, ou Flora de Martius⁵⁰, por receber o nome de um dos naturalistas, que o obrigava ao envio de plantas para a Europa, na continuidade da chamada Missão Austríaca, já referida anteriormente (Sampaio, 1919, p. 40).

As coleções do herbário terão sofrido prejuízos, por conta da humidade e dos insetos. No final da direção de Riedel, ele trabalhava num espaço do térreo, escuro e húmido. Quando Ladislau de Souza Mello e Netto assumiu a direção da Seção de Botânica (diretor da secção em 1866, diretor do museu em 1875, como já foi referido atrás), ele estimava existirem cerca de 10 mil de espécies do Brasil e de outros continentes e localidades, dentre eles: América, Europa, Canarias, África e Austrália. Netto acabou realizando uma aquisição de algumas peças, e ainda comenta sobre uma coleção da Comissão Científica contendo cerca de mil e quinhentas peças do Ceará (Netto, 1870, p. 288-290)⁵¹. Além

⁴⁷ Fanerógamas. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Faner%C3%B3gama>. Acesso 19 set.2021.

⁴⁸ Criptógama. Disponível: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cript%C3%B3gama>. Acesso 19 set.2021.

⁴⁹ Flora brasiliensis. Projeto. Disponível: <http://florabrasiliensis.cria.org.br/index>. Acesso: 5 maio.2021

⁵⁰ Em 1817, o botânico alemão Carl Friedrich Philipp von Martius viajou ao Brasil com o zoólogo Johann Baptist von Spix como parte do séquito do casamento da Arquiduquesa Leopoldina da Áustria que se veio casar com o imperador do Brasil Dom Pedro I. Martius e Spix começaram suas explorações de história natural nos arredores do Rio de Janeiro e viajaram cerca de 10.000 quilômetros no Brasil. Ao regressar à Alemanha em 1820, Martius carregava consigo 20.000 espécimes botânicos que serviram, e continuam servindo, como base para inúmeros estudos botânicos, incluindo a Flora Brasiliensis que continua a ser a única flora completa publicada do Brasil até hoje. Esta obra monumental foi iniciada em 1840. O primeiro volume foi publicado em 1845 e o último concluído em 1906. Plant Talk. Disponível: <https://www.nybg.org/blogs/plant-talk/2013/05/science/flora-brasiliensis-how-a-19th-century-flora-continues-to-inspire/>. Acesso: 5 maio.2021.

⁵¹ Refere-se aos resultados da exploração da Comissão Científica, criada em 1856 no seio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que começou os seus trabalhos em 1859, sendo o Ceará a

do mais, outros produtos desta seção, eram aqueles que ofereciam benefícios para medicina, artes e indústria, como: madeiras, ceras, resinas de diversas árvores, seivas, borrachas, tintas, frutas, sementes, óleos e produtos vegetais internacionais⁵² (Netto, 1870, 290-291). Já num balanço dos inícios do século XX, Lacerda (1905, p.87) comenta que o território brasileiro, dadas as características do solo e clima, permite uma diversidade de plantas. No Herbário do museu, havia plantas que correspondiam a diversas famílias e representavam diversos biomas brasileiros. Estavam organizadas pelo nome de família, género e espécie. Os frutos secos ficavam expostos nos armários e os “carnudos” em frascos contendo álcool, e as sementes guardadas em recipientes de vidro.

primeira província a ser explorada, com o objetivo de levantar os recursos do Brasil sob a égide de uma equipa brasileira. A Comissão Científica era composta por cinco seções de estudos, cada uma sob a ordem de um membro sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB): Botânica, sob as ordens de Francisco Freire Alemão, também chefe da Comissão Científica de Exploração (e diretor do Museu Nacional); Geologia e Mineralogia, dirigida por Guilherme Schüch de Capanema; Zoológica, liderada por Manoel Ferreira Lagos; Astronomia e Geográfica sob o comando de Raja Gabaglia; Etnográfica e Narrativa de Viagem sob a responsabilidade de Gonçalves Dias. Além dos ajudantes de cada seção, ainda o pintor Reis Carvalho (Santos, 2011).

⁵² É explicado como esses produtos estavam localizados no salão pertencente à área de botânica, principalmente a organização por armários.

2. Os viajantes naturalistas no Brasil e o ambiente científico

Entre os séculos XVIII e XIX ocorreram diversas expedições no território brasileiro de naturalistas estrangeiros e luso-brasileiros. Este capítulo busca apresentar ao leitor algumas figuras específicas que contribuíram para a recolha do património natural existente no Museu do Rio de Janeiro, com o foco sobre o ofício de viajante-naturalista e botânico, na primeira metade do século XIX.

2.1 Os viajantes naturalistas – perfil, influências, instruções

Quando pesquisamos sobre os viajantes e os exploradores na América do Sul, deparamos com nomes conhecidos, como: Alexander von Humboldt (1769-1859)⁵³, o botânico Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853)⁵⁴, Carl Friedrich Philippe von Martius (1794-1868)⁵⁵, Johann Baptist von Spix (1781-1826)⁵⁶. São algumas figuras que contribuíram com o seu conhecimento para a História da Natureza.

Segundo Moema Parente Augel (1975, p.27) no século XVII já ocorriam expedições no território brasileiro, que eram publicadas e, desta forma, conhecidas no exterior do Brasil. Deste período, até à primeira década do século XIX, os visitantes eram poucos, por conta do isolamento do país (Augel 1975, p. 30). Alguns acontecimentos que ocorreram entre 1800-1820 geraram algumas mudanças nas esferas políticas, econômicas, sociais e científicas, e esses acontecimentos influenciaram a vinda de um grande aumento de viajantes naturalistas para o território brasileiro.

Por conta das invasões Napoleônicas na Europa e da estratégica de conquista de Napoleão Bonaparte sobre a Península Ibérica, o soberano de Portugal, D. João VI

⁵³ Clube Humboldt do Brasil. Disponível: <https://www.humboldtbrasil.org/>. Acesso: 2 ago.2021.

⁵⁴ As viagens de Auguste de Saint-Hilaire. Disponível: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/dossie-antigo/matriz-es-nacionais/figuras-de-viajantes/as-viagens-de-auguste-de-saint-hilaire/>. Acesso: 2 ago.2021.

⁵⁵ Carl Friederich Philipe von Martius. Disponível: <https://ims.com.br/titular-colecao/carl-friedrich-philipp-von-martius/>. Acesso: 2 ago.2021.

⁵⁶ Johann Baptist von Spix. Disponível: <http://bndigital.bn.gov.br/johann-baptist-von-spix/>. Acesso: 2 ago.2021.

transfere a família real e a Corte para o Brasil. Partindo de Lisboa em novembro de 1807 e chegando em 7 de março de 1808 no Rio de Janeiro, transformou a cidade na nova “Metrópole” (Lacerda, 1905; Dantas, 2007; Lahuerta; 2009; Schultz, 2008). Na esfera econômica, a Abertura dos Portos às Nações Amigas, em 28 de janeiro de 1808, permitiu um aumento do comércio internacional e a expansão das forças produtoras naturais do país (Mattos, 2017; Dantas, 2007; Lacerda, 1905).

Segundo Netto (1870, p.08), a cidade do Rio de Janeiro servia como um lugar de reparo e abastecimento das grandes viagens. No momento em que a cidade é transformada na nova “metrópole”, passa a ser um polo, atraindo os brasileiros das províncias e os viajantes estrangeiros, os comerciantes, os embaixadores, os estudiosos, os naturalistas e/ ou os artistas que buscavam conhecer o país e as riquezas naturais (Dantas, 2007, p. 38).

Os naturalistas estrangeiros foram beneficiados pelo casamento de D. Pedro I com D. Carolina Josepha Leopoldina em 1817, a imperatriz austríaca, apaixonada pelas ciências naturais, e que contribuiu para a criação do museu Real em 1818 (Dantas 2007, p. 40). Como se referiu atrás, por conta do seu matrimônio, foram enviados ao Brasil os naturalistas Rochus Schüch, Johann Natterer, Johann Emanuel Pohl, Giuseppe Raddi, Johann Christian Mikan, Spix e Martius (Netto 1870, Dantas 2007). Em contrapartida, a imperatriz Leopoldina enviava ao Museu de História Natural de Viena, caixotes com espécimes animais, vegetais e minerais (Dantas 2007, p. 82).

Segundo Dantas (2007, p. 82) os viajantes deixaram de ter o foco na pesquisa científica nos países europeus e voltaram a sua curiosidade para a exploração do Novo Mundo e o Oriente, fortalecendo os atos de coleta e de preservação de exemplares até meados do século XIX. Dantas se refere a opinião tradicional de que o enlace entre D. Pedro I e D. Leopoldina suscitou a vontade dos viajantes a conhecerem o desconhecido e despertou a curiosidade dos povos germânicos, contudo, outros estudos demonstram que embora seja necessário compreender a influência da Imperatriz sobre o desenvolvimento das ciências naturais, porém já antes existiam outras iniciativas. De facto, Regina Dantas (2007, citando Schwarcz, 1993, e Barreto, 1962) refere que antes de 1817 já haviam ocorrido expedições de viajantes de origem germânica, como:

Alexander von Humboldt (1799-1804 na América do Sul espanhola), e Wied-Neuwied em 1815-1817, que trabalhou com os jovens alemães Friedrich Sellow e Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825)⁵⁷.

É impossível não abordar a influência do barão, natural de Berlim, Alexander von Humboldt e as suas contribuições para o ambiente científico. Segundo Helmut Andrã (1962, p.390), ele pesquisou e explorou o território da Espanha, a pedido da coroa espanhola, mas não chegou adentrar no território português, pois o mesmo precisaria de uma permissão do governo, numa altura tensa entre os dois países peninsulares, no âmbito da aliança de Madrid com a França e que conduzirá às Invasões Francesas⁵⁸.

As expedições de Humboldt na América do Sul tiveram um grande significado para a geografia, geologia, botânica e zoologia (Andrã 1962, p. 393). Entre os vários aspetos, terá sido um dos primeiros cientistas a referir-se a uma alteração ambiental induzida pelo homem, ao deparar-se sobre os efeitos devastadores das plantações de cacau na Venezuela, pela perda da água, pela esterilidade dos terrenos (Wulf, 2016, p. 7). Ele influenciou e mantinha contatos com alguns naturalistas estrangeiros que estiveram, no século XIX, no Brasil. Os naturalistas que mantinham contatos foram: Friedrich Wilhlm Sieber, Friedrich Sellow, Ignaz von Olfers, Wilhelm Christian Gothef Feldner. E os naturalistas influenciados por ele, como: Karl Ferdinand Appun, Príncipe Adalberto da Prússia, Hermann Burmeister, Roberto Avé-Lallemant, Guilherme Luiz von Eschwege, Karl Fr. Ph. Von Martius, príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, A. De Saint-Hilaire, peter Wilhelm Lund, R. Schomburgk, Louis Agassiz, Eduard Poeppig, Charles Darwin e Karl von den Steinen (Andrã 1962, p. 397-398).

⁵⁷ Sellow e Freyreiss haviam decidido já fazer uma viagem quando, em 1815, com a chegada do príncipe Wied-Neuwied ao Brasil, este decidiu acompanhá-los nessa viagem (Moraes, Smedt, Hjertson, 2014, p.124). Na introdução do relato de viagem, Wied-Neuwied (1940, p. 16-17) agradece ao governo português por ter autorizado a sua viagem, e esclarece que Freyreiss e Sellow, com o apoio da sua Magestade, o rei de Portugal e do Brasil, eram já viajantes experientes, pois já conheciam a língua e os costumes locais, dadas as excursões que já tinham realizado, o que justifica o facto de Wied ter realizado uma parte da viagem em companhia deles.

⁵⁸ Helmut Andrã evidencia diversas notícias em jornais, como Gazeta de Lisboa e do Kolnische Zeitung referentes a Humboldt (Andrã, 1962, p. 389-390).

Estes exemplos contrastam com as anteriores práticas e perfis dos naturalistas. Lorelai Kury (2001) apresenta dois tipos de naturalistas: os viajantes e os naturalistas que ficavam no seu país, estudando através das coleções de ciências naturais no gabinete. Dá como exemplo o francês Georges Cuvier (1769-1832) que foi convidado por Napoleão Bonaparte para explorar o Egito, porém ele declinou o convite e preferiu permanecer em França, estudando as coleções (Kury 2001, p. 864).

Apresentando dois extremos do ofício, de um lado temos aqueles que utilizavam os relatos e os recursos naturais conservados, preservados e colecionados para estudar, e do outro, aqueles que relatavam, pintavam, coletavam e preparavam os recursos naturais para o ambiente científico (Kury, 2001, p. 865).

De facto, os viajantes ou empregados para as expedições científicas possuíam um “manual” para coletar e preparar as peças. A obra *Instrução para os Viajantes e empregados nas colonias sobre a maneira de colher, conservar, e remetter os objectos de História Natural* (1819) foi fruto de um longo percurso de instruções para a realização das viagens exploratórias no terreno e uma tradução, adaptada, do “original francês, impresso em 1818”, dado que seria escrita pela administração do real museu de História Natural de Paris, e por ordem da Sua Majestade traduzida e impressa no Rio de Janeiro em 1819, e expedida pelo então Ministro e Secretário de Estado do Reino, à época, Tomás António de Vila-Nova Portugal (1755-1839)⁵⁹. A instrução se refere à recolha, preparo, à maneira de encaixotar para chegar à Europa, a escolha e a forma das notas para acompanharem essas peças e a indicação dos exemplares a coletar (1819, p. 1-2), assim como as normas de despacho pela Alfândega, em caixotes próprios e identificados, que não necessitavam de ser abertos (1819, p. XXXVI-XXXVII). Trata-se de uma preciosa edição que inclui informação, muito provavelmente, de elementos que constituíram as “Viagens filosóficas ou Dissertação sobre as importantes regras que o filósofo naturalista, nas suas peregrinações deve principalmente observar”, de Domingos Vandelli, de 1779 e que foram apresentadas na Academia Real das Ciências

⁵⁹Tomás Antônio de Vila Nova Portugal. Disponível: <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/70-assuntos/producao/publicacoes-2/biografias/452-tomas-antonio-de-vilanova-portugal>. Acesso: 15 set.2021.

de Lisboa (Pataca, Pinheiro, 2005, p. 63-64). Por sua vez, alguns destes elementos das Viagens Filosóficas surgem nas “Breves instruções aos correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sobre as remessas dos produtos, e noticias pertencentes a Historia da Natureza, para formar um Museu Nacional”, editada em 1781, como está mencionada no frontispício e na introdução da “Instrucção para os Viajantes...” (1819)⁶⁰.

Percebe-se, que o sistema de acondicionamento das plantas era uma preocupação natural, até pelos riscos que corriam quando se tratava de atravessar os oceanos. Segundo Ermelinda Moutinho Pataca (2016, p. 98-99), que faz referência ao transporte marítimo das plantas no final do século XVIII e o começo do século XIX, utilizando como referência Frei José Mariano da Conceição Veloso, a sua obra “Instrucções para o transporte por mar de árvores, plantas vivas, sementes, e de outras diversas curiosidades naturaes”, publicado em 1805, as plantas acondicionadas eram colocadas em diversos materiais: areia, papéis com terebentina ou seus próprios casulos. As instruções do naturalista abordavam desde a melhor época em fazer a coleta e a travessia, até em relação aos climas temperados e tropicais (Portugal e Brasil), o acondicionamento dos vegetais, abrigando-os das alterações climáticas, muitas vezes bruscas, durante o trajeto marítimo.

Os viajantes poderiam não ter utilizado especificamente aquele “manual” (*Instrucção...*), mas lendo os relatos de viagem é nítido que algumas características referentes à recolha e à coleta do reino animal e vegetal correspondem com as instruções.

O manual possui uma introdução fazendo referência aos estabelecimentos do Museu e Gabinete de História Natural e ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. É abordado que cada Capitania tivesse seu Gabinete de História Natural com os produtos dos três reinos da natureza, e que enviasse uma duplicata para o Rio de Janeiro para este possuir uma cópia. Deveriam ser classificados segundo um sistema de identificação, como: família, classe, ordem, gênero, espécie (1819, p.IX). Instrui (1819, p. XVII) sobre algumas

⁶⁰Instrucção para os viajantes e empregados nas colonias sôbre a maneira de colher, conservar, e remetter os objectos de história natural 1819, p. III. Disponível <https://www.biodiversitylibrary.org/item/110944#page/3/mode/1up>. Acesso: 1 jan.2021.

características que os relatos de viagens deveriam abordar, como: a questão da natureza, religião, política, economia, artes e tradições. De facto, no decorrer da leitura dos relatos de viagens foi possível perceber a abordagem dessas esferas contextuais citadas na introdução dirigida aos viajantes.

Outras especificidades de procedimentos da recolha de exemplares encontram-se, por exemplo, no livro *Viagem ao Brasil de Wied-Neuwied (Expedição científica do príncipe Maximilian Wied-Neuwied entre 1815-1817)*. O capítulo “Sobre a maneira de se empreenderem no Brasil viagens relativas à História Natural”, do segundo tomo (Wied-Neuwied 1940, p. 468-469), apresenta ao leitor algumas características sobre os manejos com as coleções de história natural, os preparativos e as dificuldades encontradas pelo viajante ao longo da trajetória. Como utilizavam os burros para transportar os objetos pessoais e as peças de ciências naturais, precisavam de caixas específicas, com tamanho de 29 polegadas do Reno, de madeira branca e leve, e protegidas por couro com os pelos para fora. As caixas eram encontradas no Rio de Janeiro, Vila Rica e na Bahia, e eles introduziam no fundo algumas madeiras leves e alguns apoios nos cantos, para fortalecerem e preservarem os exemplares.

Sobre a recolha de plantas recomendava-se a utilização de um papel com cola. Os processos eram condicionados pela providência das plantas e da região. As plantas de determinadas de lugares quentes eram colocadas em papel forte e com cola, e, para secarem, perto do fogo. E depois de secas, eram colocadas em papel sem cola e remetidas para o seu destino. Outro elemento interessante, seria o tratamento das plantas “carnosas”, mergulhando-as em água fervente por oito a dez minutos, sem atingir as flores e, em seguida, comprimiam as folhas e elas perdiam os seus líquidos (Wied-Neuwied, 1940, p.473).

2.2 As viagens dos Naturalistas Sellow e Riedel

Durante a administração do Dr. João da Silva Caldeira (1823-1827), o museu começava a ser um modelo consultivo do Governo Imperial. A ação de José Bonifácio de Andrada e Silva é de sublinhar, como já antes sublinhámos. O ministro do Império dirigiu-se aos exploradores pedindo que eles auxiliassem na formação e aumento do acervo do

Museu, com a promessa de ressarcimento de seus serviços e com o apoio das autoridades das paragens do interior do território brasileiro. Algumas figuras atenderam seu pedido como: Langsdorff (explorador), Natterer (fundador do Museu brasileiro em Viena na Áustria), Antonio Luiz Patrício da Silva Manso (naturalista brasileiro)⁶¹, Besche (naturalista de Hamburgo), Paoli (viajante), Roque Schüch (bibliotecário da Imperatriz D. Leopoldina) e Sellow (Netto, 1870; Lacerda, 1905).

É importante frisar que não são somente esses viajantes naturalistas e exploradores que contribuíram para as coleções do Museu, porque num anexo do livro do Ladislau Netto (1870, p. VII) é referida uma “relação dos doadores do Museu Nacional” (mais de 100), encabeçada pelo monarca D. João VI. De tantos nomeados, as páginas seguintes referem-se apenas a Ludwig Riedel e a Friedrich Sellow⁶², na impossibilidade de estudar todos aqueles doadores. A pesquisa dos seus contributos para o Museu será identificada no sistema de base *Species Link*, no acesso à coleção de *R*, *R-Algae*, *R-Bryophyta*, *R-Fungi*, e *R-Tipos*, pertencente ao Herbário do Museu Nacional e à base de dados *Jabot*, já citados, que procuraremos cumprir no capítulo 5.

Nos capítulos seguintes, 3 e 4, iremos reconstituir os seus percursos, através dos quais, e cartografando as etapas das suas expedições, sobre cartografia quase contemporânea às viagens, lançaremos a informação recolhida, embora os dados sejam mais qualitativos que quantitativos.

Com estas viagens, pelo tempo e pelo espaço percorrido por aqueles viajantes naturalistas alemães, possuiremos uma compreensão maior sobre a divisão do território brasileiro e sobre as questões sociais, políticas, econômicas e religiosas no Brasil na primeira metade do século XIX, contextos essenciais para a reconstituição do ambiente de pesquisa, coleta e seleção das espécies.

⁶¹ Carta de Martius para Manso, sobre Riedel e Langsdorff (Magalhães, 1919, p. 93).

⁶² No livro do Ladislau Netto (1870) e de João Batista de Lacerda (1905), os nomes Ludwig está como Luiz e Friedrich está como Frederico.

II PARTE

3. A Viagem ao Brasil do Príncipe Wied-Neuwied e Friedrich Sellow

Neste capítulo procuraremos seguir a informação contida na narrativa da Viagem ao Brasil pelo príncipe renano Maximilian Alexander Philipp zu Wied-Neuwied, na qual participou Friedrich Sellow e outros naturalistas. Apresenta-se uma breve identificação dos dois protagonistas, referem-se outros participantes e reconstitui-se o percurso seguido pela expedição, procurando cartografar os lugares e associar um conjunto de informações, de diferente natureza, a cada um deles, com atenção maior para os exemplares coletados e em que condições.

3.1. Os protagonistas Sellow e Wied-Neuwied

Segundo Sabine Hackethal e Frank Tillack (2016), Friedrich Sellow nasceu em 1789 na cidade de Potsdam, na Prússia, e morreu em 1831 no rio Doce no Brasil. As recolhas que realizou contribuem para o acervo de alguns espaços museológicos de Berlim, como o Museum für Naturkunde (Museu de História Natural de Berlim) e o Botanischer Garten und Botanisches Museum Berlin (Jardim Botânico e Museu Botânico de Berlim).

A família Sellow era marcada pela atividade de jardinagem. O pai e avô eram jardineiros em Sanssouci e aprendeu a jardinagem com o tio Johann Wilhelm Sello (1756-1822) e depois tornou-se assistente no Jardim Botânico de Berlim-Schöneberg, quando era diretor Ludwig Willdenow (1765–1812) (Hackethal e Tillack, 2016, p. 65).

Sellow chegou no Brasil em 1814, integrado na expedição do Cônsul Geral da Rússia, o barão de Langsdorff (Costa, 2008, p.11-12). Permaneceu como colecionador entre 1814-1831 (17 anos) no Brasil (Andrä, 1962, p. 397), sendo alcunhado de “bandeirante científico” e mantendo relações com Humboldt, que conheceu em Paris, em 1810, que o defendeu e apoiou toda a vida (Hackethal e Tillack, 2016, p. 65). Em 1817, o estado prussiano financiou as suas expedições (Hackethal e Tillack, 2016, p. 64). Foi ainda pensionário de Portugal desde 1 de julho de 1815, e acabou coletando alguns recursos naturais (1819, p. XXXI). Na verdade, recebeu do rei de Portugal, passaporte e carta de

recomendação para explorar e coletar produtos naturais para o Museu Real do Rio de Janeiro, o que justifica ser denominado de naturalista pensionista (Hackethal e Tillack 2016, p. 64), recebendo por esse serviço 800\$ do Governo (Netto 1870, p.35).

Segundo Liana Bach Martins (2008, p. 34), Sellow participou em várias expedições com o príncipe Wied-Neuwied, entre 1815-1817, e 1818-1820, acompanhou o etnólogo e naturalista Ignaz von Olfers⁶³ (Inácio von Alfes) por Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No ano de 1821, Sellow viajou para o sul do território, Rio Grande do Sul e a Cisplatina. Em meados de 1825, seguindo para o norte e oeste do país, passou por Santa Catarina e Paraná. Foquemo-nos, então, na viagem com o príncipe.

O Príncipe Maximilian Alexander Philipp de Wied-Neuwied, grande relator das viagens de recolha de exemplares do Brasil, filho do conde (Graf) Friedrich Karl zu Wied-Neuwied (1741-1809) e da condessa (Gräfin) Marie Luise Wilhelmine zu Sayn-Wittgenstein-Berleburg (1747-1823), nasceu em 1782 e morreu em 1867, alistou-se no exército prussiano e estudou na Universidade de Göttingen, sendo um dos alunos de Johann Friedrich Blumenbach. Foi estimulado para fazer a viagem por este famoso anatomista e antropologista Blumenbach, e pelo seu mentor Alexander von Humboldt (Costa, 2008, p. 10; Vanzolini e Myers, 2015). Maximiliano partiu de Londres a 15 de maio de 1815 e chegou ao Rio de Janeiro dois meses depois, a 15 de julho, onde encontrou e se juntou a outros naturalistas (Costa, 2008, p.11).

Na “Instrução para os viajantes e empregados nas colônias de 1818...” (1819, p.XXV), já citado, existem referências ao Príncipe Maximiliano de Neuwied, que explorara a costa oriental do Brasil, junto com os naturalistas Freyreiss e Sellow, as províncias do Rio de Janeiro, do Espírito Santo, de Minas Gerais e da Bahia, e que retornou à Alemanha no mês de maio de 1817, com uma grande coleção de produtos naturais e animais, nomeadamente crânios humanos (Costa, 2008, p. 24).

Num balanço do relato de viagem de Wied-Neuwied, gostaria de salientar alguns pontos: ele escreve sobre a fauna e flora e apresenta ao leitor diversos estudos e

⁶³ Inácio von Alfes (1793-1871) foi um naturalista alemão, historiador e diplomata. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/entity/m0cv2m0?hl=nl> Acesso em: 23 jul.2021.

referências que procuram esclarecer e identificar os exemplares localizados; apresenta muitos elementos que demonstram o seu grande interesse pelo modo de viver dos indígenas, tanto que esse relato de viagem seria uma fonte inestimável para estudos referentes à antropologia e à etnografia. Por outro lado, raramente dá informações sobre o ofício de viajante, as preparações das peças para despacho, embora possamos inferir os procedimentos adotados, dadas as instruções que inclui no seu livro (ver capítulo 2). A respeito de Freyreiss e Sellow, nem sempre os menciona, embora saibamos que os acompanhou. A certa altura nomeia Sellow como “nosso companheiro botânico” (Wied-Neuwied, 1940, p. 70), sendo que este nem sempre esteve presente nas suas viagens, mas era frequentemente invocado⁶⁴. Se há referências à caça de animais de grande, médio e pequeno porte, nem sempre se percebe se os animais seriam para consumo próprio ou seriam para, tratados, virem a integrar parte do acervo de museus.

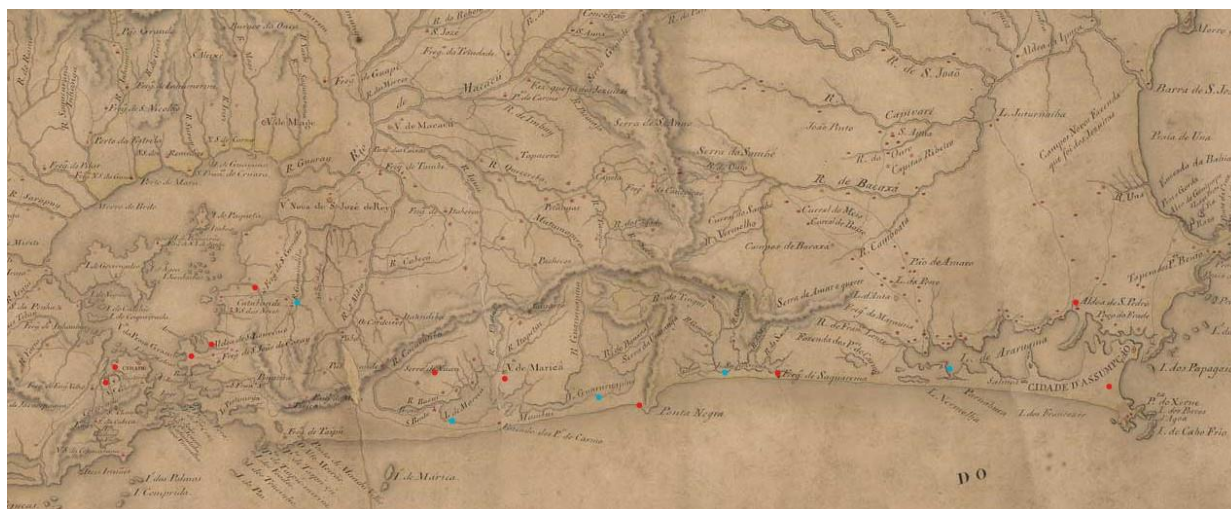
3.2. Os percursos e a colheita de exemplares

Wied-Neuwied adentrou em águas brasileiras no dia 27 de junho de 1815 e o avistamento da costa deu-se em dias posteriores: Pernambuco, costa de Todos os Santos. No dia 15 de julho avistou Cabo Frio, baía do Rio de Janeiro, Pão de Açúcar, Santa Cruz, Ilha Raza, Ilha Redonda, Corcovado, Dois Irmãos, Forte Coligny e Bico de Papagaio (Wied-Neuwied, 1940). Quando chegou ao Rio de Janeiro, ele e a sua tripulação e acompanhantes precisaram de aguardar a inspeção dos empregados da Alfândega (possíveis bens a desalfandegar e pagar impostos), da comissão da saúde (inspeção sanitária) e os oficiais examinarem os passaportes, sendo ao todo 72 dias a bordo (Wied-Neuwied, 1940, p.30).

⁶⁴ No final de 1815, Sellow separou-se do resto do grupo, em setembro eles se reencontraram e chegou em julho de 1817 à Bahia. (Hackethal e Tillack, 2016, p. 67). Segundo é apontado por Costa (2008, p.11), Sellow teria retornado para a Europa juntamente com o príncipe Wied-Neuwied para a realização de pinturas, utilizando como bases as aquarelas realizadas durante a viagem.

Através do conde da Barca, António de Araújo e Azevedo, ministro dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos⁶⁵, o governo apoiou a realização desta viagem, emitindo os passaportes de estadia⁶⁶ e cartas de recomendação para apresentarem junto dos capitães-gerais das províncias. Ou seja, quando as autoridades eram solicitadas, elas tinham que prestar auxílio e proteção aos viajantes, com soldados, guias, carregadores e animais de cargas (Wied-Neuwied, 1940, p.40).

Figura 2- Trajetória da expedição a partir de 4 de agosto de 1815.



Fonte: Pormenor da “Carta geographica da Província do Rio de Janeiro, copiada no Real Archivo Militar de Lisboa de 1823”.

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart171000/cart171000.htmlescala [ca. 1:112.236] Acesso em: 14 jul.2021.Tratamento próprio: pontos azuis, rios e lagos; pontos vermelhos, locais assinalados, contidos nos capítulos “II. Estadia no Rio de Janeiro- A cidade e seus arredores. Os índios de São Lourenço. Preparativos para a viagem pelo interior” e “III. Viagem do Rio de Janeiro a Cabo Frio”.

⁶⁵ António de Araújo e Azevedo, conde da Barca. Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível: <http://mapa.an.gov.br/index.php/publicacoes/70-assuntos/producao/publicacoes-2/biografias/387-antonio-de-araujo-e-azevedo-conde-da-barca>. Acesso: 15 ago.2021.

⁶⁶ Eles utilizavam o documento emitido pelo governo para ter auxílio no acolhimento em moradia, mas houve momentos em que lhes foram negados ou, pelo contrário, na fazenda de Tiririca (próximo da Saguarema), em que inicialmente o capitão-mor havia mandado eles ficarem no Engenho, depois que leu a portaria, ele convidou Neuwied para ficar em sua casa (Wied-Neuwied, 1940, p.61). Em Parati, o proprietário ofereceu uma varanda e estribeiros para eles dormirem, negou alguns alimentos e água, e no dia posterior, Neuwied ameaça que iria comentar a respeito do proprietário junto do príncipe Regente (Wied-Neuwied, 1940, p.64-65). Na região de Cabo Frio, o capitão Carvalho recebeu por parte dele um “atestado dos importantes serviços prestados”, mas descobriu posteriormente que este capitão fora prestável para vir a receber favores em proveito próprio (Wied-Neuwied, 1940, p. 76).

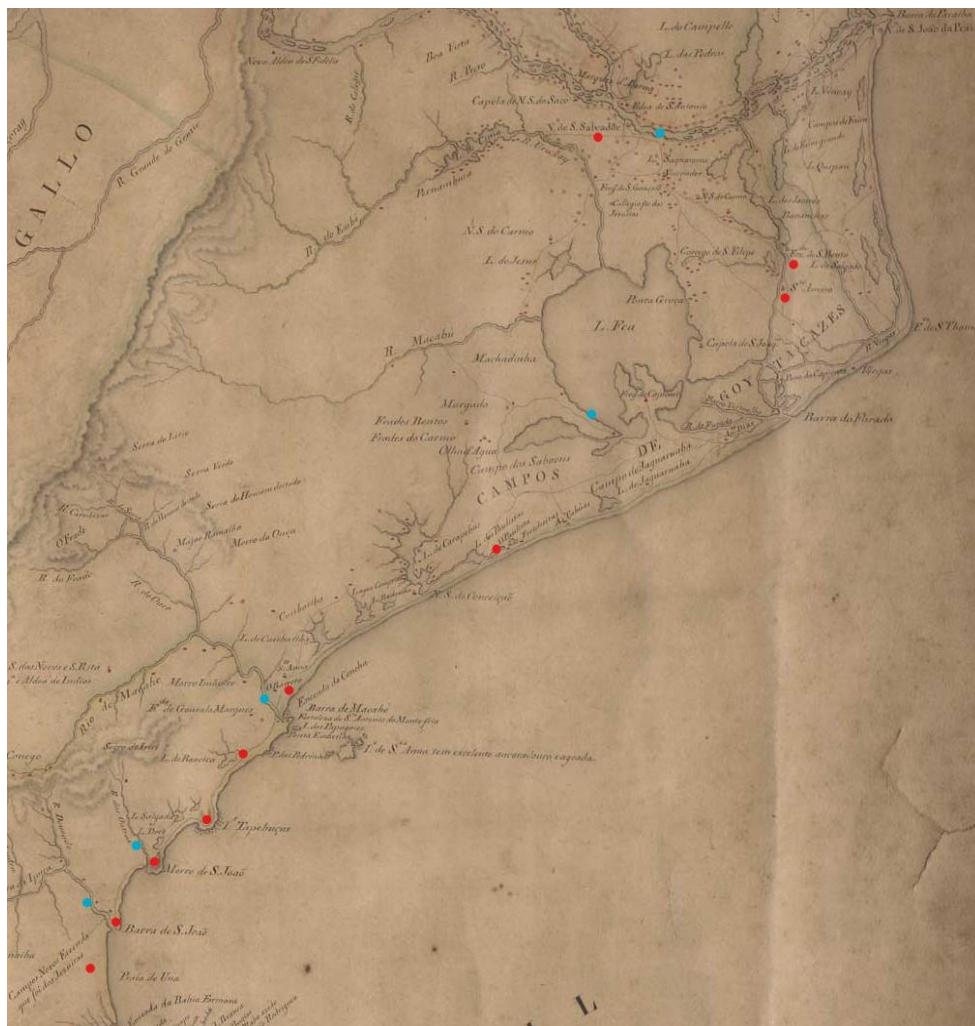
Enquanto esteve no Rio de Janeiro, Wied-Neuwied visitou alguns lugares: a cidade, Aldeia de São Lourenço, Baía do Rio de Janeiro (Baía de Guanabara), São Cristovão (região-Rio) e Praia Grande (cidade de Niterói).

Iniciou a sua expedição no dia 4 de agosto de 1815. Os pontos demarcados a vermelho (figura 2) condizem com localidades, enquanto os pontos a azul referem-se a afluentes: Aldeia de S. Golçalves, rio Guajintibo (rio Guaxindiba), Serra de Nuan (Serra de Inoã, que demarca a Serra de Nuan como se observa na figura 2), Lago de Maricá, Vila de Santa Maria de Maricá, Lago Guaruruapina (Gurapina), Ponta Negra, Lago de Saquarema, Saquarema, Lago de Iraruama (Araruama). Aldeia de São Pedro (São Pedro dos Índios) e Cabo Frio.

Para realizar a expedição, Wied-Neuwied (1940, p.40-41) determinou a necessidade de dez homens para cuidar dos animais e para caçar. Incluía dois tropeiros paulistas, Mariano e Felipe, um caçador português, Francisco e o índio Francisco, além de Sellow e Freyreiss. Entretanto, não são citados os nomes dos negros. Na região de Barra de São João (ver figura 3), ele mandou matar uma cobra, e acabou tendo dificuldade para convencer o negro carregador de plantas colecionadas a transportar a cobra (Wied-Neuwied, 1940, p. 81). Na região da Abadia de São Bento (ver figura 2), tiveram um mulato como guia (Wied-Neuwied, 1940, p. 96). Ele contratou, ainda, um botocudo indígena, Querck (Wied-Neuwied, 1940, p. 352).

Em diversos trechos do livro, Neuwied comenta que Sellow ou ele próprio atribuíram nomes a algumas plantas e animais e descreve como era a sua forma, sua cor e algumas características predominantes. Neuwied (1940, p. 43) refere uma planta *Bignonia* de flores infundibuliformes, a qual Sellow nomeou de *coriacca*. O reino vegetal na América do Sul causava uma grande admiração, por conta da sua riqueza vegetal e da sua variedade, por conta do tempo ser húmido, o que seria um dos motivos para a diversidade, o que leva a que invoque o conhecimento que Humboldt já desenvolvera sobre esta realidade (Wied-Neuwied, 1940, p.48).

Figura 3- Trajetória de Cabo Frio até aos Campos de Goitacases.



Fonte: Pormenor da “Carta geographica da Província do Rio de Janeiro copiada no Real Archivo Militar de Lisboa de 1823”.

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart171000/cart171000.htmlescala

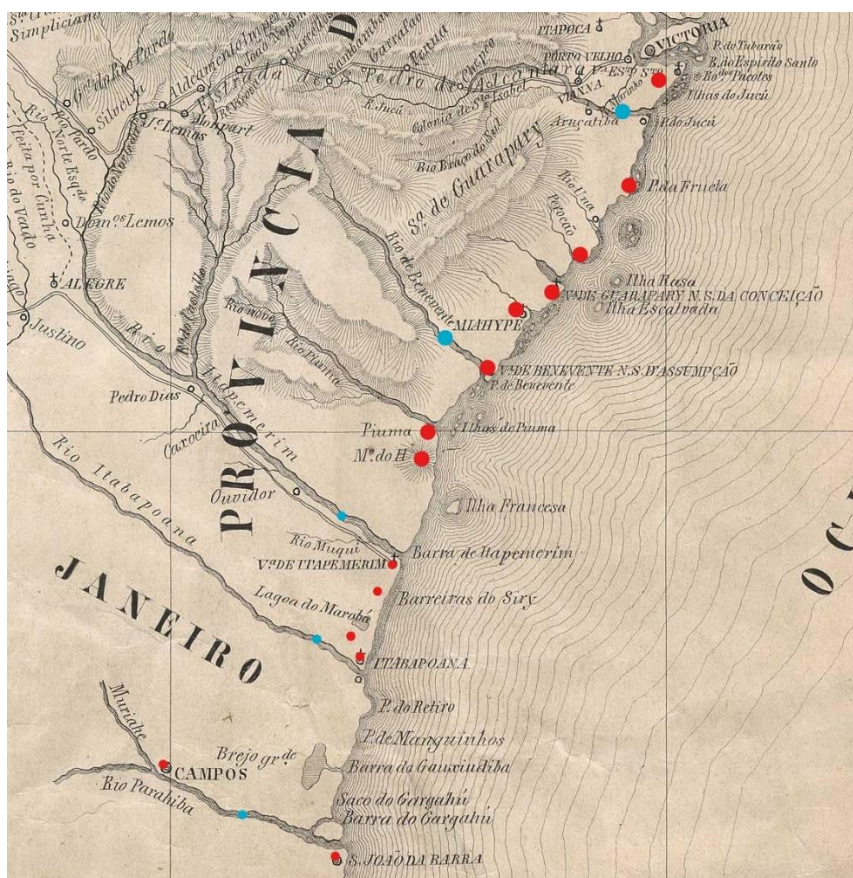
[ca. 1:112.236] Acesso em: 14 jul.2021. Tratamento próprio: pontos azuis, rios e lagos; pontos vermelhos, locais assinalados demarcados da viagem de Cabo Frio até os Campos de Goiaitases.

Corresponde ao capítulo “IV. Viagem de Cabo Frio à Vila de São Salvador dos Campos dos Goitacazes”.

No dia 8 de setembro de 1815, eles deixaram a região de Cabo Frio com o capitão Carvalho e seguiram viagem para a Vila de S. Salvador (Wied-Neuwied, 1940, p. 77). Passaram por Campos Novos (Fazenda do Rei), rio São João, Barra de São João, rio das Ostras, Fazenda de Tepebuçu (Ilha de Tapebuçus), Serra de Iriri. A viagem para Macaé se iniciou no dia 16 de setembro de 1815, Macaé (próximo da Lago de Imboassica ou

Na trajetória para S. Fidelis, eles passaram por Vila de S. Salvador, rio Paraíba, rio Muriaé (Moriahé), rio do Colégio, S. Fidelis e depois retornaram para a Aldeia de S. Antonio. Enquanto eles estavam na Vila de S. Salvador dos Campos de Goitacazes, o coronel Manoel Carvalho dos Santos, comandante do distrito de S. Salvador e do regimento da milícia, concedeu dois guias: um soldado e um oficial para acompanhá-los para S. Fidelis (Wied-Neuwied, 1940, p. 99).

Figura 5 –Partida do Rio de Janeiro no dia 20 de novembro de 1815 para a capitania do Espírito Santo.



Fonte: Pormenor da “Carta da provincia do Espírito Santo: com parte da provincia de minas que lhe está adjacente. Organizada por ordem do exmo. Sr. Dr. Joze Mauricio Fernandes Pereira de Barros, presidente da mesma provincia de 1856” por João José de Sepulveda e Vasconcellos. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart528776/cart528776.html escala [10 Leguas Portuguezas de 18 ao grão] Acesso em: 14 jul.2021. Tratamento próprio: pontos azuis, rios e lagos; pontos vermelhos, locais assinalados demarcados da expedição do Rio de Janeiro para a capitania do Espírito Santo. Corresponde ao capítulo “VI. Viagem da Vila de São Salvador ao rio Espírito Santo”.

A trajetória do Rio de Janeiro para o Espírito Santo⁶⁷ se inicia em 20 de novembro de 1815. O trajeto foi por S. Salvador (Campos), margem do Paraíba, Vila de S. João da Barra, Muribeca (próximo da lagoa de Marobá), margens do Itabapuana, Itabapoana, Ciri (Barreiras do Siry), Vila de Itapemirim, rio Itapemirim, Morro da Agá (Aghá), Piuma (Ipiuma), rio Benevente, Vila Nova de Benevente, Miaipé (Miahype), Vila de Guaraparim (Guarapary), Perocão, Ponta da Fruta, rio Jucú e Vila de Espírito Santo.

Figura 6 - Trajeto em dezembro de 1815 entre a estadia na Capitania e a viagem para o rio Doce.



Fonte: Pormenor da “Carta chorographica da provincia do Espírito Santo, organizada por ordem do exmo. Sr. D. A. Alves de Souza Carvalho, presidente da mesma provincia em 1861” por E’ditions de la Martinière.

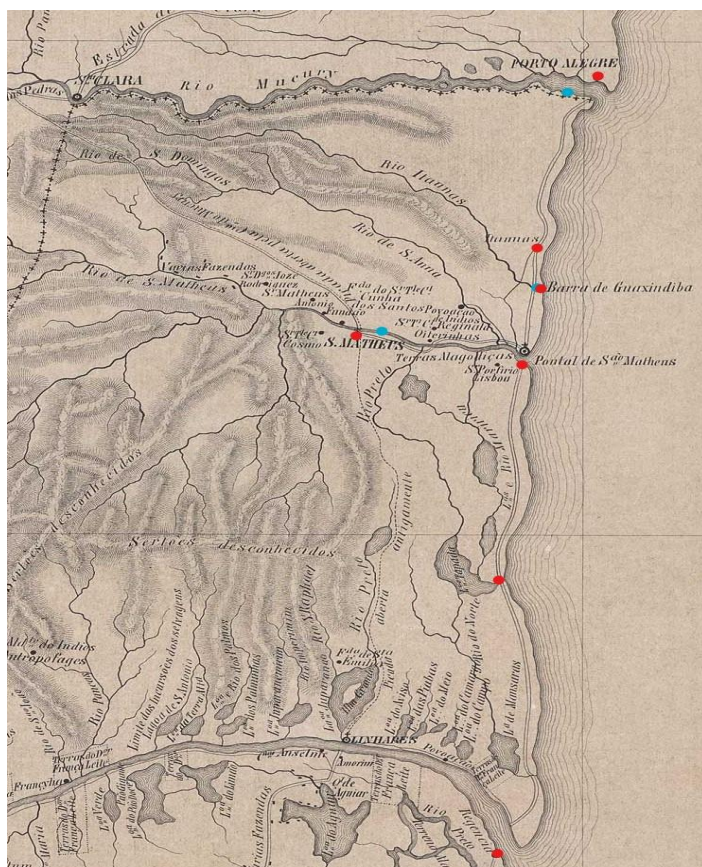
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart174492/cart174492.html escala [Legoas de 2761 Brd 9 cada u.] Acesso em: 14 jul.2021. Tratamento próprio, os pontos vermelhos correspondem aos lugares e os pontos azuis aos lagos e rios da viagem pela capitania de Espírito Santo até o rio Doce. Corresponde ao capítulo “VII. Estadia na Capitania e viagem ao Rio Doce”.

⁶⁷ Corresponde a continuação da viagem anterior, o príncipe Wied-Neuwied queria traçar uma expedição pelo litoral oriental do território brasileiro.

Trajetória por Vila Velha do Espírito Santo, Vila de Vitória, Barra de Jucú, Aracatiba (Araçatiba), rio de Jucú, rio Muruhy (Muruim), Carapebuçu (Barra de Jacazahype), Vila Nova de Almeida, rio da Saíanha ou dos Reis Magos, Aldeia Velha (Sta. Cruz), Quartel do Riacho, foz do Rio Doce, Quartel da Regência, rio Doce e Linhares. Eles imaginaram que iriam conseguir alguns produtos que precisavam em Espírito Santo, porém o que eles necessitavam fora enviado para Caravelas, por este motivo Neuwied e Freyreiss no dia 19 de dezembro de 1815, deixaram a Barra do Jucu e viajaram sentido de Caravelas (Wied-Neuwied, 1940, p.144).

Há que sublinhar que o texto de Wied-Neuwied terá sido escrito à posteriori da visita que seria o objetivo da descrição. Com efeito, gostaria de salientar que em determinadas localidades ele incorporou informações acontecidas posteriormente. Sobre a Vila Nova de Almeida e sobre o rio dos Reis Magos, ele refere que Sellow havia visitado aquela região em uma viagem anterior e teve a oportunidade de presenciar a forma de pescar com os ramos da árvore “tingui” (Wied-Neuwied, 1940, p.147). Um outro exemplo, refere-se a uma viagem que ocorreu mais tarde (prova de que ele escreveu o relato posteriormente à sua própria viagem), a Linhares, em que Freyreiss visitou a Lagoa de Juparanã, tendo enviado a Neuwied uma carta descrevendo a lagoa, informação que o príncipe transcreveu, incluindo as características desta lagoa (Wied-Neuwied, 1940, p. 159).

Figura 7 - Viagem do rio Doce para a Vila de S. José do Port' Alegre.



Fonte: Pormenor da “Carta chorographica da provincia do Espirito Santo, organizada por ordem do exmo. Sr. D. A. Alves de Souza Carvalho, presidente da mesma provincia em 1861” por E’ditions de la Martinière.

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart174492/cart174492.html escala [Leguas de 2761 Brd 9 cada u.] Acesso em: 14 jul.2021.Tratamento próprio, os pontos vermelhos correspondem aos lugares e os azuis, os rios e lagos. Corresponde ao capítulo “VIII. Viagem do rio Doce a Caravelas, ao rio Alcobaça e volta ao Morro d’Arara, a margem do Mucuri”.

A viagem se inicia no Quartel de Regência no dia 30 de dezembro de 1815. Nas proximidades de Linhares, em Monserra, eles pediram ao alferes local dois soldados para servirem de guias para S. Mateus, apresentaram os passaportes que autorizavam a pedir guias. O que ele descobriu posteriormente, era que o governador da Capitania havia prendido esse alferes, pelos serviços prestados, e lamentava terem ocasionado esse castigo (Neuwied, 1940, p. 164), o que prova que nem sempre as ordens régias eram acatadas localmente. Chegaram no dia 1 de janeiro de 1816 em Barra Seca (aproximidade de Lagoa Tapada), Barra de S. Mateus, Vila de S. Mateus, rio S. Mateus, Barra de Guaxindiba (Guajintiba), Itaunas, rio Mucuri e Vila de S. José do Port’ Alegre (Vila de Port’ Alegre).

rio Grande ou Belmonte, st. André (St. Andrea), rio Sto. Antonio, rio Mogiquiçaba (Mugiquissaba), Mugiquiçaba (Mugiquissaba), Belmonte.

Na proximidade de Alcobaça existia uma fazenda do ministro Conde de Barca, chamada Ponte do Gentio, e deixaram esse local em 25 de janeiro de 1816.

As coleções⁶⁸ de história natural receberam acréscimos interessantes, sendo que apenas denomina que as de borboletas sofreram estragos das formigas vermelhas, e salvaram essa coleção com rapé (Wied-Neuwied, 1940, p. 181). Eles retornaram para a região de Mucuri, e, no dia 3 de fevereiro de 1816, Freyreiss retornou com a tropa para a capitania de Espírito Santo e Neuwied seguiu para cima com canoas (Wied-Neuwied, 1940, p. 183).

Ele retorna para Mucuri em 10 de março de 1816, e em começo de Maio, Freyreiss reencontra-o com o resto da tropa em Mucuri (Wied-Neuwied, 1940, p.196). Eles foram para a Vila de Viçosa e deixaram-na no dia 11 de junho, no sentido de Caravelas, onde ele esperou por um “Casqueiro”⁶⁹ do Rio de Janeiro (Wied-Neuwied, 1940, p. 202). Com a chegada do “Casqueiro”, ele trouxe, objetos que necessitavam, e recebeu as coleções que foram enviadas pelos amigos na capital, eles seguiram viagem, ele partiu para norte no dia 23 de julho de 1816⁷⁰ e Freyreiss e sua “tropa” ficaram em Mucuri (Wied-Neuwied, 1940, p. 203).

Entre a Vila do Prado e o rio Cahy, planície denominada de Imbassuaba, eles recolheram diversas plantas agrestes para a coleção (Wied-Neuwied, 1940, p. 211). O morro do Pascoal, pertencente atualmente ao município de Prado na Bahia, o local oferecia ao

⁶⁸ Outro momento que ele aborda sobre o aumento da coleção é no Morro d’Arara (não encontrei informação referente a essa localidade), ele não comenta especificamente quais coleções, mas que a de quadrúpedes aumentou por meio das armadilhas “mundéus” (Wied-Neuwied, 1940, p. 188). Wied-Neuwied (1940, p. 192-193) apresenta uma tabela com a quantidade e tipos de animais e aves capturados, mas não se distingue se é para consumo ou para as coleções de história natural.

⁶⁹ Presume-se que seria uma embarcação, dada a proximidade do mar, mas não se encontrou uma definição específica.

⁷⁰ Foi a partir desta data, na qual Neuwied retorna a sua trajetória para o norte, passando pelo rio Alcobaça.

botânico um grande entretenimento e ocupação, possivelmente pela variedade de vegetação (Wied-Neuwied, 1940, p.213).

Figura 9- Viagem iniciada em 17 de agosto de 1816 pela região do rio Belmonte.



Fonte: Pormenor da “Carta geographica e topographica da Provincia da Bahia de 1855”⁷¹

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249888/cart249888.html escala [12 legoas] Acesso em: 9 jul.2021.Tratamento próprio com os pontos demarcados em vermelhos, vilas e azuis, lagos e rios, demarcando a trajetória pela região do Rio Belmonte. Corresponde ao capítulo “XI. Estadia no rio Grande de Belmonte e entre os Botocudos”.

Wied-Neuwied (1940, p. 229), a partir de 17 de agosto de 1816, decidiu viajar pelo interior do rio Belmonte. A região possuía diversos destacamentos militares e quartéis, servia para proteger a população de povos indígenas mais aguerridas e ameaçadoras. Eles começaram essa viagem pela Vila de Belmonte, rio da Salça, Ilha Grande, Quartel dos Arcos, Cachoeira do Inferno (Caxoeira), Quartel do Salto (Salto Grande), rio Belmonte, Ilha da Chave, entre as vilas de Trancoso e do Prado, ele passou pelos rios: Corumbão e Caí, o rio do Prado ou Jucurucu, Vila de Caravelas, Destacamento de Vimeiro.

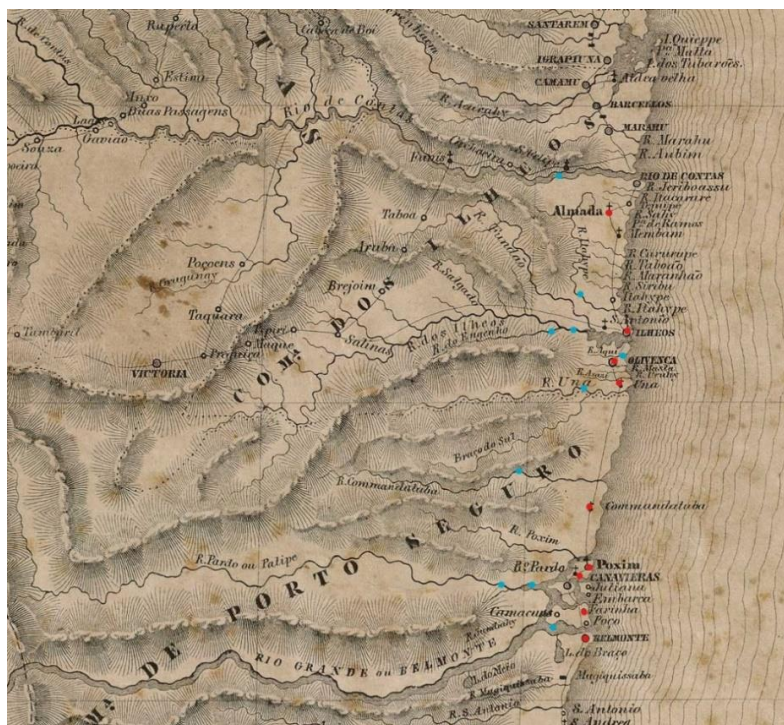
Em torno do quartel dos Arcos e Salto, eles conseguiram aumentar a coleção de História Natural, embora citacem apenas Anhoma (*Palamedea Cornuta*)⁷² (Wied-Neuwied, 1940,

⁷¹ Se se observar a carta Geographica e topographica da Provincia da Bahia de 1855, o mapa está orientado no sentido do litoral para o interior.

⁷² Ave Anhuma, nome científico de *Anhima cornuta*. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/wiki/anhuma> . Acesso em: 22 jul.2021.

p. 245). No dia 28 de setembro de 1816, ele retornou para a Vila de Belmonte e tomou o sentido em direção a Mucuri. Em Caravelas ele reencontrou-se com Freyreiss e Sellow, reconhecendo-os como companheiros da fase precedente da viagem. Depois de três semanas junto aos companheiros, ele retornou a Belmonte (Wied-Neuwied, 1940, p. 263).

Figura 10 - Viagem de Belmonte para Ilhéus.



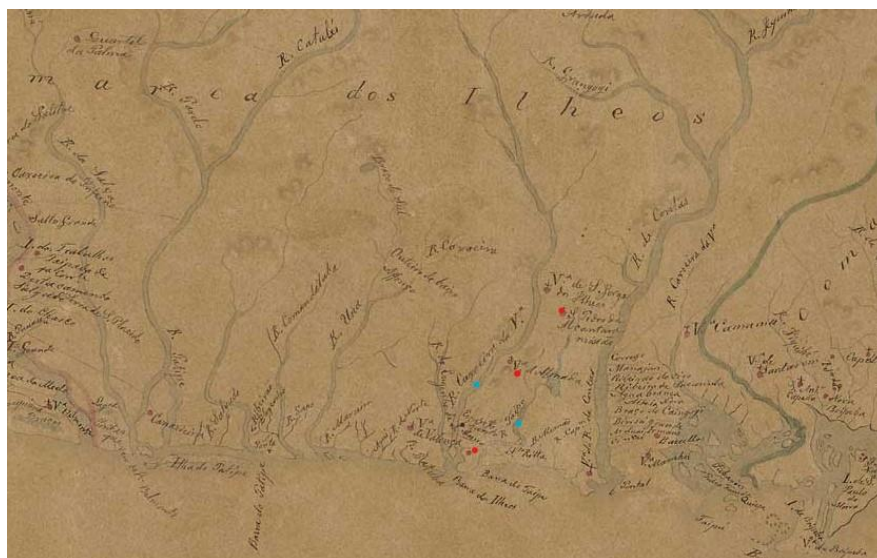
Fonte: Pormenor da “Carta topographica e administrativa da provincia de Bahia: erigida sobre documentos mais modernos de 1857” por Auguste Villiers de L’ille Adam.
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart541257/cart541257.html escala [Petite de 20 legoas ao graó, O Meridiano heo de Rio de Janeiro = 45°35’54” O de Paris] Acesso em: 8 jul.2021.Tratamento próprio com pontos em vermelhos, lugares e azuis, lagos e rios, correspondendo ao segundo tomo, capítulo “II. Viagem do rio Grande de Belmonte ao Rio Ilhéus”.

Trajatória por rio Belmonte, Vila de Belmonte, Barra das Farinha, foz do rio Pardo, rio Pardo ou rio Patipe (na figura 8, o rio Patipe está mais definido), Canavieiras, rio Salça (também mais visível na figura 8), Poxí (Poxím), Comandatuba, rio Comandatuba, rio Una, rio Aqui, Una, Olivença, rio dos Ilhéus, Vila dos Ilhéus, rio Engenho, rio Itaípe (Itahype), Almada (estabelecimento para os “Guerens”) e rio das Contas.

Sobre as coleções de história natural, na região entre Canavieiras, pouca coisa lhes interessou que fosse passível de aumentar a coleção (Wied-Neuwied, 1940, p. 317).

Entre Una e Olivença, a espécie de palmeira “cocô de piaçaba”⁷³ é encontrada, e ele explica as diferenças dos trabalhos feitos entre a população de Olivença e Mogiquiçaba, a primeira com o fruto, enquanto a segunda produzia cordas com as fibras da planta (Wied-Neuwied, 1940, p.321).

Figura 11- Viagem pela região de Ilhéus e início da viagem pelo sertão da Capitania.



Fonte: Pormenor da “Carta geographica e topographica da Provincia da Bahia de 1855” http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249888/cart249888.html escala [12 legoas] Acesso em: 9 jul.2021.Tratamento próprio com os pontos demarcados em vermelhos,vilas e azuis, lagos e rios, demarcando a trajetória pela região do Rio Belmonte. Corresponde ao segundo tomo, capítulo “III. Viagem de Vila dos Ilheus a São Pedro de Alcântara último povoado rio Acima- Preparativos para a viagem pelo Sertão, através das matas”.

A viagem se inicia em 21 de dezembro de 1816 pela Ilha de Ilhéus⁷⁴, rio dos Ilhéus ou rio da Cachoeira, rio Taípe, Vila da Almada e São Pedro de Alcântara. É em São Pedro de Alcântara que ele consegue um guia mineiro, José Caetano (Wied-Neuwied, 1940, p. 346).

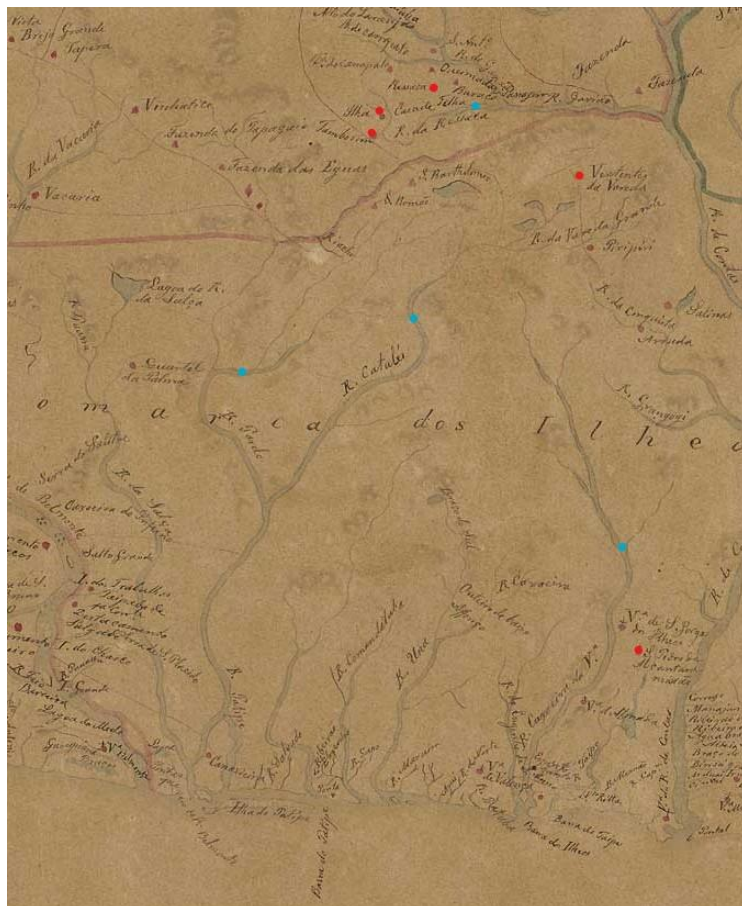
Segundo Wied-Neuwied (1940, p.336) a região possuía uma grande abundância de plantas e árvores desconhecidas e conhecidas, e diversas espécies sendo: trepadeiras, líquens e musgos. Em alguns momentos, Wied-Neuwied seguia a viagem e deixava

⁷³ Uma palmeira, cujas fibras eram utilizadas para a fabricação de cordas, tapetes e escovas. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/biologia/piacava>. Acesso em: 23 jul.2021.

⁷⁴ Wied-Neuwied cita outros lugares nessa região, mas não foi possível localizar na carta.

alguns homens preparando peças para a coleção de História Natural, dentre elas uma serpente, não descrita pelo príncipe⁷⁵ (Wied-Neuwied, 1940, p. 346).

Figura 12 - Viagem pelo sertão da capitania.



Fonte: Pormenor da “Carta geographica e topographica da Provincia da Bahia de 1855”.

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249888/cart249888.html escala

[12 legoas] Acesso em: 9 jul.2021.Tratamento próprio com pontos vermelhos, demarcando lugares e os pontos azuis, os rios, corresponde ao segundo tomo, capítulo “IV. Viagem através das matas virgens de São Pedro de Alcântara até Barra da Valeda, no Sertão”.

A partir de 6 de janeiro de 1817 eles iniciam a viagem pelo sertão da capitania. Começam por São Pedro de Alcântara, rio Ilhéus ou rio da Cachoeira, rio Pardo, rio Catolé, Vareda, Tamburil (Tamborim), rio da Ressaca, fazenda da Ilha e Ressaca.

⁷⁵ Em determinados momentos, ele comenta sobre o aumento da coleção. Gerou uma certa dúvida se seriam apenas espécies da fauna para caça ou para colecionar. Esporadicamente refere-se a lugares que um botânico ficaria admirado de ver ou sobre uma espécie de flora desconhecida, mas não fica claro se colheu exemplares.

Quando adentram pelo interior da capitania da Bahia, sentido Minas Gerais, eles encontram diversos materias para a sua coleção história natural, uma ave, o gavião do sertão (Wied-Neuwied, 1940, p. 347). Nas proximidades do rio Ilhéus, no dia 9 de janeiro de 1817, por terem caminhado por florestas densas, conseguiram diversas plantas para o herbário (Wied-Neuwied, 1940, p. 351). A coleção das plantas foi abundante, ele levou mais de cem espécies de fetos e o professor Schrader considerou como novas espécies mais da metade delas (Wied-Neuwied, 1940, p. 359). No final de janeiro de 1817, na região de Vareda, eles conseguiram para a botânica várias espécies de gramíneas, belos fetos, como *Filix* e algumas plantas de belas flores, uma *Allamanda catharlica* e uma *Cassia* (Wied-Neuwied, 1940, p. 378).

Figura 13- Corresponde ao capítulo “V. Estadia em Barra de Vareda e viagem até aos Confins da Capitania de Minas Gerais”.



Fonte: Pormenor da “Carta chorographica da provincia de Minas Gerais: coordenada e desenhada em vista dos mapas chorographicos antigos e das observações mais recentes de vários engenheiros por ordem do Illmo. e exmo. Sr. Doutor Francisco Diogo Pereira de Vasconcellhos, presidente desta provincia” por Frederico Wagner em Ouro Preto de 1855.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart309977/cart309977.html [escala de 40 legoas]
Acesso em: 12 jul.2021. Tratamento próprio com pontos em vermelhos e azuis corresponde ao segundo tomo, capítulo “V. Estadia em Barra de Vareda e viagem até aos Confins da Capitania de Minas Gerais”.

Em meados de fevereiro de 1817, Neuwied estava na região de Campos Gerais, especificamente na região de Valo⁷⁶. Neuwied permanece por um tempo em Valo e no começo de março de 1817 retorna para Vareda (Wied-Neuwied, 1940, p. 407).

Eles encontraram na região, uma casa de barro com um furriel e dois soldados, comandado pelo posto do Arraial do Rio Pardo para evitar o contrabando, revistando todos os viajantes, e aceitando como presentes moedas espanholas⁷⁷ (Wied-Neuwied, 1940, p. 390). A região onde eles estavam era pouco habitada, e assim para os naturalistas botânicos ou os caçadores⁷⁸, havia uma variedade enorme de espécies, sem comparação com a zona litorânea (Wied-Neuwied, 1940, p. 391).

Figura 14 - Viagem do dia 5 de março até ao dia do embarque para a Europa, 10 de maio de 1817.



⁷⁶ Comparando com o mapa anterior (ver figura 11), o mapa representa a província da Bahia em 1855, porém o mapa naquele período apresenta algumas comarcas que futuramente seriam partes de Minas Gerais, como: do Rio das Contas, Comarca de Minas Novas. O pormenor denominado como figura 12, representa a região de Valo, na qual, Wied-Neuwied ficou por algum tempo, descrevendo e investigando sobre a história natural.

⁷⁷ Os postos alfandegários ao longo do território brasileiro possui um contexto fascinante, principalmente na região de Minas Gerais e o receio como contrabando de ouro e diamantes.

⁷⁸ Referente ao ofício de preparador, eles conseguiram três exemplares de emas adultas e jovens (*Rhea americana*). Só uma ema ocupou todo um dia para ser preparada para a viagem (Wied-Neuwied, 1940, p. 397).

Fonte: Pormenor da “Carta topographica e administrativa da provincia de Bahia: erigida sobre documentos mais modernos de 1857” por Auguste Villiers de L’ille Adam.
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart541257/cart541257.html escala [Petipe de 20 legoas ao graó, 0 Meridiano heo de Rio de Janeiro = 45°35’54” O de Paris] Acesso em: 8 jul.2021. Tratamento próprio com pontos em vermelhos, lugares e azuis, lagos e rios, correspondendo ao segundo tomo, capítulo aos capítulos “VI. Viagem das Fronteiras de Minas Gerais ao Arraial de Conquista” e “VIII. Viagem de Conquista à Capital da Baía e Estadia nessa Cidade”.

A partir do dia 5 de março de 1817, ele parte de Vareda para Nazareth. Trajetória por Ribeirão da Ressaca, Arraial de Conquista (Vila da Vitória), Taquara, Arraial de Poções (Poçoens), rio das Contas, Cabeça de Boi, Bom Jesus, fazenda de Areia (Area), povoação de Aldeia (Aldea) Nazareth. A trajetória para a Bahia foi pela margem do Jaguaripe, Vila de Jaguaripe, Ilha de Itaparica, Recôncavo ou Baía de Todos os Santos e Bahia, Cidade ou S. Salvador.

Ao longo da viagem, em diversos momentos Wied-Neuwied e os companheiros alemães foram considerados ingleses. Na região de Lage foram presos, pois imaginaram que estavam do lado dos pernambucanos (Revolta Pernambuco de 1817), que contestavam a liderança monárquica portuguesa (Villalta, 2017) e os ingleses eram aliados dos portugueses. E a portaria que fora entregue pelo governo, neste momento não serviu para nada, porque não levou à sua libertação pelos carcereiros (Wied-Neuwied, 1940, p.441). Eles passaram por Aldeia e chegaram em Nazareth, aonde passaram 3 dias na prisão, e só foram soltos por uma ordem do Governador da Bahia. Por conta deste incidente, além de terem perdido tempo, eles ainda perderam várias peças importantes, porque não deixaram secar algumas peças (Wied-Neuwied, 1940, p.443). A trajetória para a Bahia foi pela margem do Jaguaripe, Vila de Jaguaripe, Ilha de Itaparica, Recôncavo ou Baía de Todos os Santos e Bahia, Cidade ou S. Salvador.

Segundo Wied-Neuwied (1940, p. 432), colherem perto dos rios (como, o Taípe e Ilheus) diversas plantas aquáticas. Como foi comentado anteriormente, Sellow e Wied-Neuwied, chegaram a nomear novas espécies desconhecidas, no caso de Sellow, referente a um remédio para cuidar da mordedura de cobras venenosas, e teceu comentários sobre a produção de uma infusão, de uma espécie de *Verbena*, nomeando-a como *Virgata*, usada pelos camponeses para sobreviverem àqueles animais (Wied-Neuwied, 1940, p. 435).

Segundo o seu relato (Wied-Neuwied, 1940. p. 459) no dia 1 de julho de 1817 se dirigiram para o Reino de Portugal, em Lisboa, pelo Tejo, próximo de Belém. Seus passaportes foram analisados e permitidos em adentrar em Portugal. Partiram no dia 12 de julho de Portugal e tomaram sentido de Londres em 24 de julho (Wied-Neuwied, 1940, p. 463). Eles permaneceram poucos dias em Londres. Partiu para Dover, embarcou em Dover, e chegou ao continente, fez a travessia para Ostende, costa de Flandres, porto de Ostende, Gand, Bruxelas, Liège, Aix-la-Chapelle (Aachen no estado da Renânia do Norte-Vestfália) e depois chegou em seu país, nas margens do Reno (Wied-Neuwied, 1940, p. 464).

4. Riedel e a expedição de Langsdorff através dos seus Diários

Neste capítulo procuraremos apresentar uma breve identificação dos dois protagonistas, Riedel e Langsdorff, assim como outros nomes a eles associados, evidenciando a rede em que se inseriam, acompanhando e cartografando o seu percurso, associando um conjunto de informações, de diferente natureza, sublinhando as ocasiões em que vários exemplares de história natural foram coletados e em que condições.

4.1. O perfil dos protagonistas

Riedel participou da expedição com o senhor Langsdorff⁷⁹, Freytag (guarda-livros), Rugendas⁸⁰, Rubtsov⁸¹ e Ménétriès⁸², Taunay⁸³, Florence⁸⁴, Christian Friedrich Hasse⁸⁵.

⁷⁹ “A Expedição Langsdorff foi uma expedição russa, chefiada e organizada pelo barão Georg Heinrich von Langsdorff (1774 – 1852). Artistas e cientistas, percorreram, entre 1821 e 1829, mais de 17 mil quilômetros pelo interior do Brasil e realizaram um importante inventário do país. Alguns dos principais participantes foram, além do próprio Langsdorff, o francês Aimé-Adrien Taunay (1803 – 1828) e o alemão Johann Moritz Rugendas (1802 – 1858), os zoólogos franceses Edouard Ménétriès (1802 – 1861) e o alemão Christian Friedrich Hasse (1771 – 1831), o astrônomo russo Néster Rubtsov (1799-1874) e o já citado botânico alemão Ludwig Riedel (1790 – 1861). In *Brasíliana Fotográfica Digital*. Disponível em <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=christian-friedrich-hasse>. Acesso em: 14 jul.2021.

⁸⁰ Johann Moritz Rugendas (1802-1858), viajou com a comitiva de 1822 até outubro de 1824, nascido em uma família de pintores da Baviera. O artista deixou em torno de 3 500 obras (Komissarov, 2010, p.23).

⁸¹ Néster Gavrílovitch Rubtsov nasceu em São Petersburgo em 1799 e faleceu em 1874. Foi astrônomo, cartógrafo e o auxiliar mais próximo de Langsdorff. Em 1818 se formou na Escola de Navegação e recebeu a patente de suboficial. Foi recomendado pelo navegador russo V.M.Golovnin para participar da expedição. No final da expedição ficou a seu cargo o comando, pois Langsdorff se encontrava doente. Ele retornou para a Rússia, e entre os anos 1837-1860 ocupou o cargo de chefe o Arquivo do Departamento Hidrográfico do Ministério da Marinha (Cherniávski, 2010, p.13).

⁸² Edouard Ménétriès (1802-1861) discípulo dos naturalistas franceses G. Cuvier e P. Latreille, acompanhou Langsdorff até o verão de 1825. Em seguida, foi para São Petersburgo levando consigo as cartas de recomendação escritas por Langsdorff e foi colaborador da Academia de Ciências de São Petersburgo. Entomologista proeminente foi um dos fundadores da Sociedade Entomológica da Rússia (Komissarov, 2010, p.23).

⁸³ Aimé-Adrien Taunay (1803-1828), filho do pintor Nicolas-Antoine Taunay. Iniciou a viagem com a expedição em agosto de 1825. Em uma determinada altura da viagem, o grupo se separa e Taunay segue viagem junto de Riedel. No dia 1 de janeiro de 1828 morreu afogado no rio Guaporé (Komissarov, 2010, p.23).

⁸⁴ Hercules Florence (1804-1879), participou da expedição entre 1825 à 1828, catalogou a coleção das obras deixadas por Rugendas e por Taunay. Ele se estabeleceu em Vila de São Carlos (Campinas) em São Paulo. Foi o pioneiro do jornalismo, e por ter sido químico e físico inventou a fotografia em 1833 (Komissarov, 2010, p.25).

⁸⁵ Hasse era zoólogo.

As referências que faremos terão por base a obra já referenciada na introdução desta dissertação, ou seja, “Os Diários de Langsdorff”, nos seus 3 volumes, organizado por Danuzio Gil Bernardino da Silva pela editora Fio Cruz, em 1997.

Segundo Carlos Ossenbach (2018, p.141), Ludwig Riedel nasceu na Prússia (Berlim) em 1790 e faleceu em 4 de agosto de 1861. Adquiriu experiência em lidar com plantas por ter trabalhado como horticultor e botânico na Europa. Segundo Lúcia Maria Paschoal Guimarães (2001, p.1066), a ida para o Brasil deu-se como resposta ao pedido de Langsdorff para participar na expedição científica como botânico, patrocinada pelo czar Alexandre I.

Enquanto residia na Europa, chegou a fazer parte do Exército Prussiano (1813-1816) e coletou plantas no sul da França (1816-1817). Chegou ao Brasil em 1821, por Ilhéus, na Bahia, e assim, começou a realizar coletas de espécimes de plantas. Em novembro de 1822 chegou ao Rio de Janeiro e foi recebido no Consulado Russo pelo cônsul Langsdorff (Ossenbach, 2018, p. 141). No ano de 1822, Langsdorff realizou uma pequena expedição na região do Rio de Janeiro e aparentemente Riedel não participou (Ossenbach, 2018, p. 141). Entre 1824-1828, Riedel terá participado na expedição de Langsdorff.

Segundo Boris N. Komissarov (2010, p.21), entre 1831-1836, Riedel dirigia a filial brasileira do Jardim Botânico de São Petersburgo. Atuando para o governo brasileiro, ele administrou os jardins da casa imperial e o Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Como já referimos atrás, em 11 de fevereiro de 1842, Riedel foi nomeado para a direção da seção de botânica, agricultura e artes mecânicas do Museu Nacional (Netto, 1870; Lacerda 1905).

Francisco Tomasco de Albuquerque (1997, p.XXVII) pesquisou, um pouco, sobre a genealogia de Langsdorff, figura que exercia funções consulares e diplomáticas no Rio de Janeiro, ao serviço do governo russo. Conhecido na Rússia como Grigory Ivanovitch Langsdorff, nasceu em Wollstein no Hesse renano, Alemanha, em 18 de abril de 1774 e faleceu na cidade de Freiburg, em Breisgau, na Alemanha, em 29 de junho de 1852, aos 78 anos.

Foi filho do Intendente-Mor de Wollstein e Vice-Chanceler do Supremo Tribunal de Karlsruhe no Grão-Ducado de Baden, o senhor Johann Gottlieb Emilius von Langsdorff e da sua primeira esposa Anna Katharine Friederike Koch (Albuquerque, 1997, p. XXVII). Ele frequentou escolas de Buchweiler e de Idstein e estudou ciências naturais e medicina na Universidade de Göttingen⁸⁶, doutorando-se em Medicina com 23 anos de idade. Foi membro de várias sociedades científicas de diversos países e foi membro da Academia Imperial de Ciências de S. Petersburgo, sendo ainda Conselheiro, Cavaleiro e Comendador (Albuquerque, 1997, p. XXVII).

Segundo Bóris N. Komissarov (1997, p. XIII) Langsdorff era uma figura diplomática e consular do governo russo no Brasil. No século XVII, a Rússia já estava fazendo algumas reformas radicais por iniciativa de Petr I, e por conta disso, possibilitou o êxito da carreira e a expedição científica pelo território brasileiro, financiando por Aleksander I e Nikolai I.

No início do século XIX, o Brasil não possuía grande interesse pela Rússia no quesito econômico e político. A baía do Rio de Janeiro era uma das escalas que ligava São Petersburgo com a América Russa (Alasca e ilhas adjacentes). Por conta do Pacto de Tilsit em 1807 com Napoleão Bonaparte uniu-se ao bloqueio continental da Inglaterra, cessando assim as ligações entre a Rússia e a Inglaterra. Sendo assim, começou a ativar o comércio com a Ásia, Estados Unidos, os países da América do Sul e o Brasil (Komissarov, 1997, p. XIV).

No ano de 1813, foi estabelecido um Consulado Geral no Rio de Janeiro e quem assumiu o cargo foi Langsdorff. Ele buscou cimentar uma relação comercial entre a Rússia e o Brasil, principalmente em relação aos produtos naturais. Em 1814, assumiu a função de encarregado de negócios. No ano de 1815, ele deixou o cargo de cônsul-geral. Em junho de 1817 e até setembro de 1819, exerceu as funções de encarregado de negócios, não especificados (Komissarov, 1997, p. XVI).

⁸⁶ Um dos professores de Langsdorff foi o antropólogo Johann Blumenbach, então mestre de Humboldt e Wied-Neuwied. Para saber mais, ver: Komissarov, 2010, p.15.

Cônsul geral da Rússia na corte do Rio de Janeiro e naturalista, Langsdorff chegou a fazer remessa para a Rússia e para Alemanha de recursos naturais, antes da sua própria Expedição de 1824 a 1828 (1819, p.XXXIII). Segundo Irina Tunkina (2010, p.09) entre 1803-1804 chegou em território brasileiro e assim, Langsdorff participou da Circumnavegação russa, comandada por I.F. Krusenstern e I. F. Lissiánski (1803-1807) no Brasil. Entre 1813-1819, Langsdorff recolheu recursos naturais nas províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro, e algumas amostras foram enviadas em navios russos para a Rússia. Este envio queria sensibilizar o czar Alexandre I para que este protegesse futuras explorações. Assim, no ano de 1821, a expedição é permitida com o montante de 40 mil rublos fixos e mais de 10 mil rublos anuais (Komissarov, 2010, p.17).

4.2. Os percursos e os seus resultados: entre dificuldades e sucessos

Através da leitura dos Diários de Langsdorff, percebe-se que ele indica, especificamente, a Fazenda Mandioca, local que ele comprou em 1816, situada no fundo da baía Guanabara (atualmente o Município de Magé no Rio de Janeiro), e que esteve na sua posse até 1826 (quando estava em Cuiabá ele vendeu a Fazenda para o Governo), como um espaço de encontro entre homens das ciências e participantes das viagens russas, na qual possuía uma biblioteca e coleções naturais (Komissarov, 1997, p. XVI).

Segundo Komissarov (1997, p. XVII), a Expedição de Langsdorff se inicia em 1822 nas mediações do Rio de Janeiro, não avançando para outras províncias, pois ocorriam conflitos pela Independência do Brasil na Bahia, Maranhão, Pará e Montevideu. Quando Dom Pedro I proclamou a Independência e transformou o Brasil, aparentemente a Rússia não reconheceu o novo sistema político, somente em 1826. De setembro até dezembro de 1822, ocorreram explorações próximas de Nova Friburgo. No ano de 1823, as suas explorações ficaram adjacentes à Fazenda Mandioca. Para se mover para o interior era necessário obter uma permissão especial do governo, ajuda para receber crédito e privilégios alfandegários, e até então Langsdorff evitava ter contatos com alguns representantes do governo.

O Imperador do Brasil apoiou a expedição de Langsdorff em 1824, porém o país se encontrava em uma situação delicada no âmbito político e econômico. Não tinham

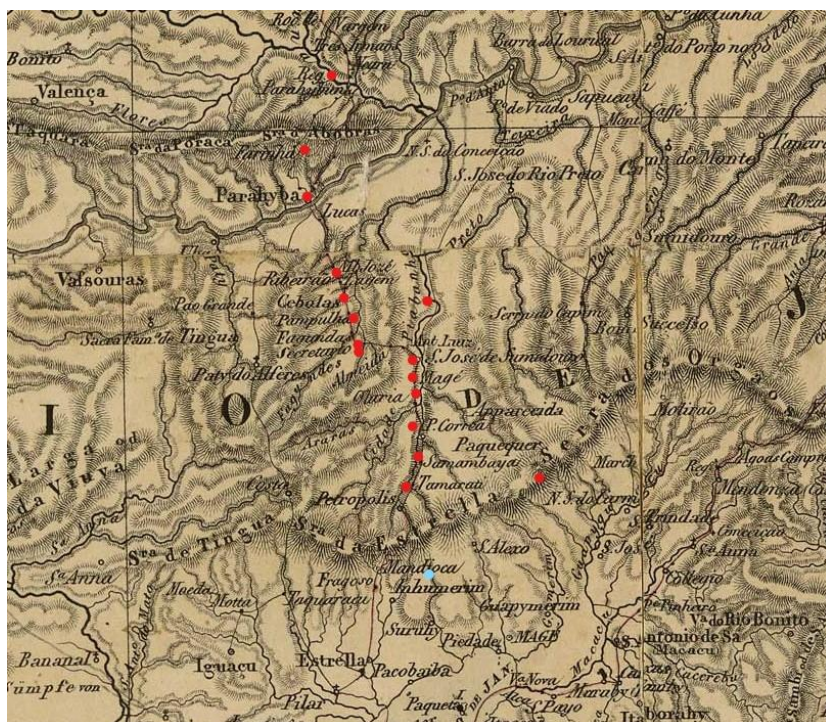
suporte económico para irem para Amazônia, o Sul estava em conflito com o Uruguai e o Nordeste não apoiava o governo, e, por isso, a escolha foi a de ir para Minas Gerais (Komissarov, 1997, p. XVIII).

Como já foi abordado, a expedição se inicia na Fazenda Mandioca e prossegue para a província de Minas Gerais. O primeiro caderno contém os relatos dos dias de 8 de maio a 12 de junho de 1824.

Segundo Francisco Tomasco de Albuquerque (1997, p. XXXII), a Fazenda Mandioca estava localizada em Inhomirim. O ponto demarcado como azul (figura 15) simboliza a localidade da Fazenda Mandioca e o início da expedição. Eles utilizaram as mulas como animais de carga, com um tropeiro e alguns negros, e algumas figuras emblemáticas, nesta primeira parte da viagem, como o senhor Freytag (guarda-livros), Rubtsov (observações astronómicas), Riedel (botânico), Rugendas (pintor) e Ménétrès (zoólogo) (Silva, 1997).

O pormenor da descrição da viagem nem sempre se reflete na carta, porque neste caso, pode não haver alguns lugares, citados por Langsdorff, dado serem a uma escala muito micro, como sejam fazendas, vendas, pousadas e ranchos.

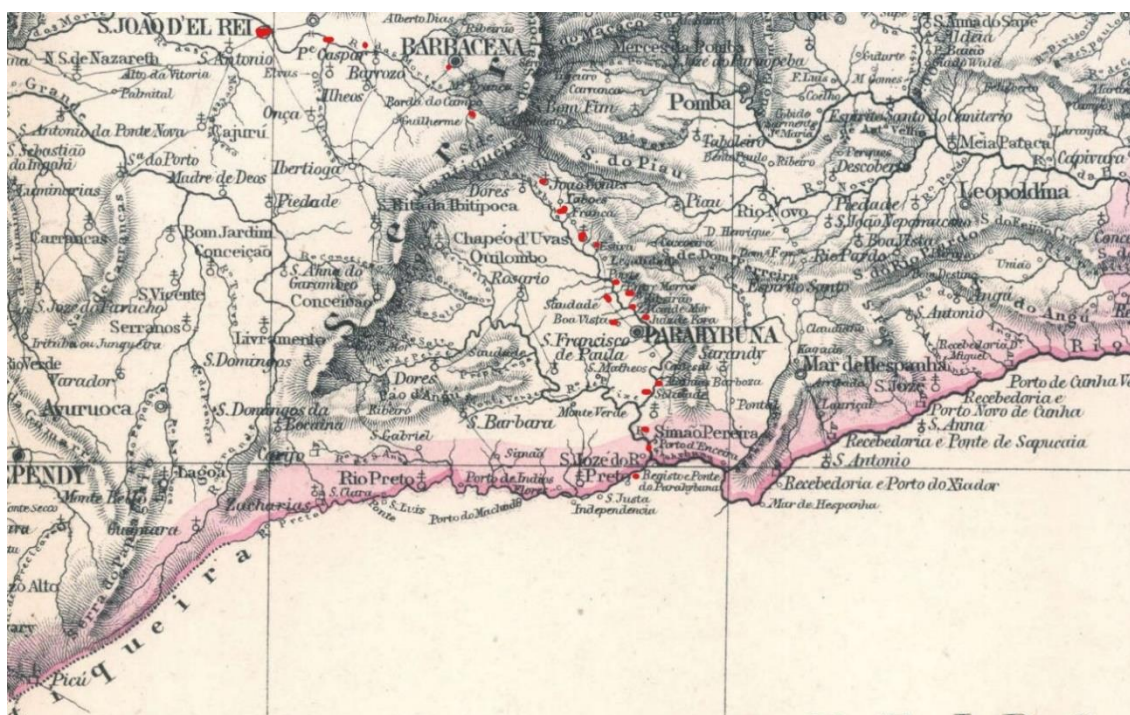
Figura 15- Começo da Viagem em 8 de maio de 1824 no Rio de Janeiro.



Fonte: Pormenor do mapa “Karte zur Übersicht von Reise in Brasilien – 1850” de Hermann Burmeister. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart208488/cart208488.html escala [5 deutsche Meilen, 6 Leguas] Acesso em: 1 jul.2021. Tratamento próprio com pontos vermelhos, corresponde ao início da viagem em 8 de maio à 17 de maio de 1824.

Trajeto por Inhomirim (Fazenda Mandioca), Tamarati, Samambaia, Serra dos Órgãos, P. Correa (fazenda do padre Antônio Tomas de Aquino Correia), Olaria, Magé, S. José do Sumidouro⁸⁷, rio Piabanha, Capitão Fagundes, Secretário, Pampulha, Cebola, Ribeirão, Parahyba, Farinha, e alfândega de Parahybuna. No que diz respeito à Serra dos Órgãos, Langsdorff, na proximidade ao rio Paraíba, a localidade oferecia uma vegetação diversificada. As outras localidades anteriores ofereciam muito pouca variedade, se comparada com a Serra dos Órgãos (Silva, 1997, p. 7).

Figura 16 – A trajetória da expedição realizada de 18 de maio de 1824 a 6 de junho de 1824.



⁸⁷ Se observarmos ao mapa, percebemos que no canto superior e inferior direito existem outras demarcações como “Sumidouro”. Ele comenta sobre a distância de Pampulha e Sumidouro como uma distância de 2 ½ léguas, por este motivo demarquei S. José do Sumidouro. O mapa utilizado para a demarcação do percurso realizado ao longo deste período foi publicado em 1862, mas tem o detalhe suficiente para representar a toponímia referida no relato da viagem.

Fonte: Pormenor do Mapa “Karte der Brasilianische Provinz Minas Geraes – 1836-1855” por Friedrich Wagner, https://collections.thulb.uni-jena.de/rsc/viewer/HisBest_derivate_00015722/Mittheilungen_Perthes_ErgBl_129602493_1862_09_0047.tif escala [1:2.000.000] Acesso em: 16 jul.2021.Tratamento próprio, a pontos vermelhos, a trajetória da expedição realizada de 18 de maio de 1824 a 6 de junho de 1824.

Os lugares destacados a vermelho no recorte vão da divisa da província do Rio de Janeiro ao interior de Minas Gerais: Registro e Ponte do Rio Paraibuna, Simão Pereira, Martins Barboza, Juiz de Fora, Alcaide-Mor, Ribeirão, Entre-Morros, Estiva, Chapeu d’Uvas, França, João Gomes, Boa Vista, Saudades, Soledade, Borda do Campo, Barbacena, São João del Rei, e os seguintes rios: rio Paraibuna, rio Elvas e rio das Mortes.

A expedição partiu a 13 de maio, próximo ao Rio Paraíba (o maior da província do Rio de Janeiro), onde havia um Passadouro e Registro (ver figura 16). Os viajantes, que faziam essa travessia, necessitavam de apresentar o passaporte e pagar impostos, sendo esses impostos aplicados na construção de estrada e a sua manutenção. Era um posto de inspeção e controle de contrabando de ouro em pó e barra e de diamantes. Langsdorff ressalta que os viajantes eram inspecionados por serem suspeitos ou denunciados (imposto de 370 réis por mula, 250 réis por pessoa, inclusive os negros). Em relação ao apoio com que contaram, eles tiveram a ajuda de um alemão de Frankfurt, o senhor João Frederico Credé⁸⁸, que lhes deu hospedagem e avisou sobre a sua chegada aos moradores, dando uma sensação positiva de acolhimento (Silva, 1997, p. 7-8) e, sobretudo, da instalação de alemães naquelas paragens.

No dia 21 de maio, estariam em Marmelo, que, tendo em conta a indicação de lugares próximos, ficaria na proximidade de Juiz de Fora. Aí, pararam antes das 2h da tarde, para que Riedel pudesse trabalhar com as plantas⁸⁹(Silva, 1997, p.16). No dia 22 de maio, Riedel não achou ser de grande variedade a flora da serra dos Órgãos (Silva, 1997, p.17).

⁸⁸ João Frederico Credé, um jovem de Frankfurt que se casara com uma filha de um funcionário que trabalha no Paraíba. Entende-se Paraíba como o posto alfandegário que articulava “Minas Gerais e das províncias mais distantes de Goiás e Mato Grosso com o Rio de Janeiro (Silva, 1997, p.369).

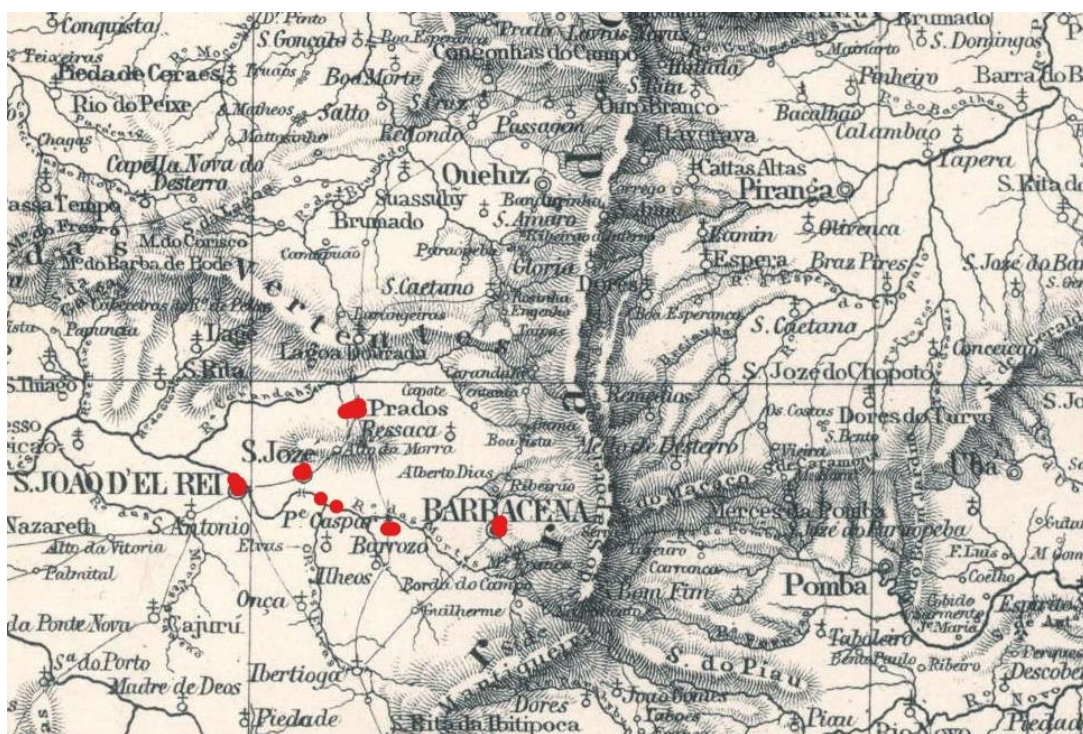
⁸⁹ Langsdorff quando relata algumas atividades realizadas no terreno, ligadas à coleta de exemplares, não especifica totalmente sobre o processo realizado.

Na região de Entre-Morros, no dia 23 de maio, Riedel precisou de “remover todas as suas plantas” (Silva, 1997, p.18). O processo de remover todas as plantas era para não estragar ou mofar as amostras, pelo que elas eram prensadas entre papéis absorventes que retiravam a humidade, e quando os papéis estavam húmidos precisavam de secar para serem reutilizados ao longo da viagem (Silva, 1997, p. 375).

Três dias depois, a 26 de maio, eles chegaram a Batalha e Confisco, lugares provavelmente próximos de Bordo do Campo, tendo em conta a direção do percurso. Por conta da vegetação variada, Riedel pode recolher algumas amostras, mesmo que com algumas dificuldades (dores na perna) (Silva, 1997, p. 21). Foi necessário ficar em Bordo do Campo, no dia 27 de maio, para que Riedel pudesse acondicionar uma grande quantidade de plantas (Silva, 1997, p. 22).

Como Stemahnn (1997: XXIV) assinalou no estudo acerca desta expedição, as amostras de plantas deviam ser prensadas entre papéis absorventes, de modo a extrair-lhes a humidade e secá-los. Não estava em causa o seu transplante, como a Memória atrás indicava. Esse processo demorava tempo o que justificava a preocupação diária, relatada por Langsdorff, na obtenção de abrigo e permanência num mesmo local.

Figura 17– A trajetória da expedição realizada de 5 de junho de 1824 a 29 de junho de 1824.



Fonte: Pormenor do Mapa “Karte der Brasilianische Provinz Minas Geraes – 1836-1855” por Friedrich Wagner, https://collections.thulb.uni-jena.de/rsc/viewer/HisBest_derivate_00015722/Mittheilungen_Perthes_ErgBl_129602493_1862_09_0047.tif escala [1:2.000.000] Acesso em: 16 jul.2021.Tratamento próprio, a pontos vermelhos, a trajetória da expedição realizada de 5 de julho a 29 de junho de 1824.

Neste trecho da viagem⁹⁰, eles chegaram a fazer uma excursão para São João del Rei e São José. Eles viajaram com 5 das 8 bestas de cargas e algumas bagagens com o hospedeiro Alferes José Simpliciano (Silva, 1997, p. 26). Os lugares percorridos foram São João del Rei, São José, Barbacena, Barroso, Prados (no texto é citado Arraial dos Prado/ do Prado), e os seguintes rios: rio Elvas e rio das Mortes.

No dia 12 de junho, o senhor Langsdorff comenta sobre o rio das Mortes, próximo da Vila de São João, e a necessidade de utilizar barcos para atravessá-lo, dando a compreender que os moradores das margens não podiam transpô-lo, a não ser que pagassem o imposto, “o pedágio da ponte”. Por conta de uma portaria imperial ou do passaporte de Langsdorff ele não precisou pagar nada e pode passar livremente pelo local (Silva, 1997, p.38).

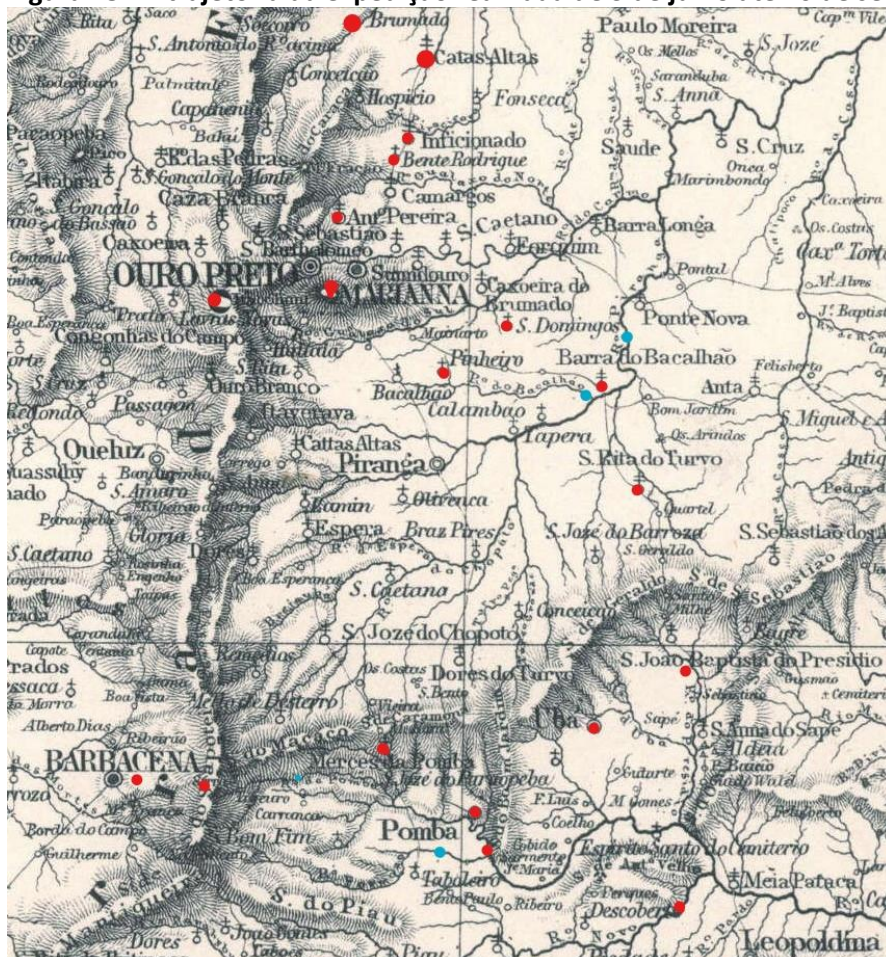
No dia 14 de junho, as plantas colhidas no dia anterior foram todas acondicionadas (Silva, 1997, p. 40). No relato, Langsdorff não deixa claro se houve coleta de plantas, no caso do dia 13 de junho, ele apenas refere que fizeram algumas observações meteorológicas com o instrumento barômetro (Silva, 1997, p. 39). Possivelmente, eles estavam entre São José e Prados, pois no dia 17 de junho ele comenta que a região era seca, porém possuíam algumas plantas raras (Silva, 1997, p. 42).

No período de 18 a 29 de junho eles estavam em Barbacena. Além de escrever relatórios para o Rio de Janeiro, ele enviou as coleções que já haviam sido feitas para a Fazenda

⁹⁰ A cidade Descoberta Nova é citada várias vezes no relato de viagem, provavelmente é atualmente a cidade Descoberto, localizada no canto inferior esquerdo da Figura 17. Sobre a história da cidade de Descoberto. Disponível em: <http://descoberto.mg.gov.br/pagina/6814/Hist%C3%B3ria>. Acesso em: 1 jul.2021. Outra localidade comentada seria a fazenda de Pombal, que seria parte, atualmente, da cidade de Ritapólis. Denominada anteriormente como: Santa Rita do Rio Abaixo, chegou a pertencer à cidade de S. João del Rei. História de Ritapólis, ver: <http://ritapolis.mg.gov.br/pagina/6730/Hist%C3%B3ria%20da%20Cidade> . Acesso em: 1 jul.2021.

Mandioca (Silva, 1997, p. 46). No dia 2 de julho, Langsdorff decidiu enviar para Riedel, que já se encontrava mais à frente, as mulas novas para que lhe fizessem chegar papel de secagem para as suas plantas (Silva, 1997, p. 51).

Figura 18 - A trajetória da expedição realizada de 3 de julho até 10 de setembro de 1824.



Fonte: Pormenor do Mapa “Karte der Brasilianische Provinz Minas Geraes – 1836-1855” por Friedrich Wagner, https://collections.thulb.uni-jena.de/rsc/viewer/HisBest_derivate_00015722/Mittheilungen_Perthes_ErgBl_129602493_1862_09_00_47.tif escala [1:2.000.000] Acesso em: 16 jul.2021.Tratamento próprio, a pontos vermelhos, a trajetória da expedição e os pontos azuis, os rios, realizada de 3 de julho até 10 de setembro de 1824.

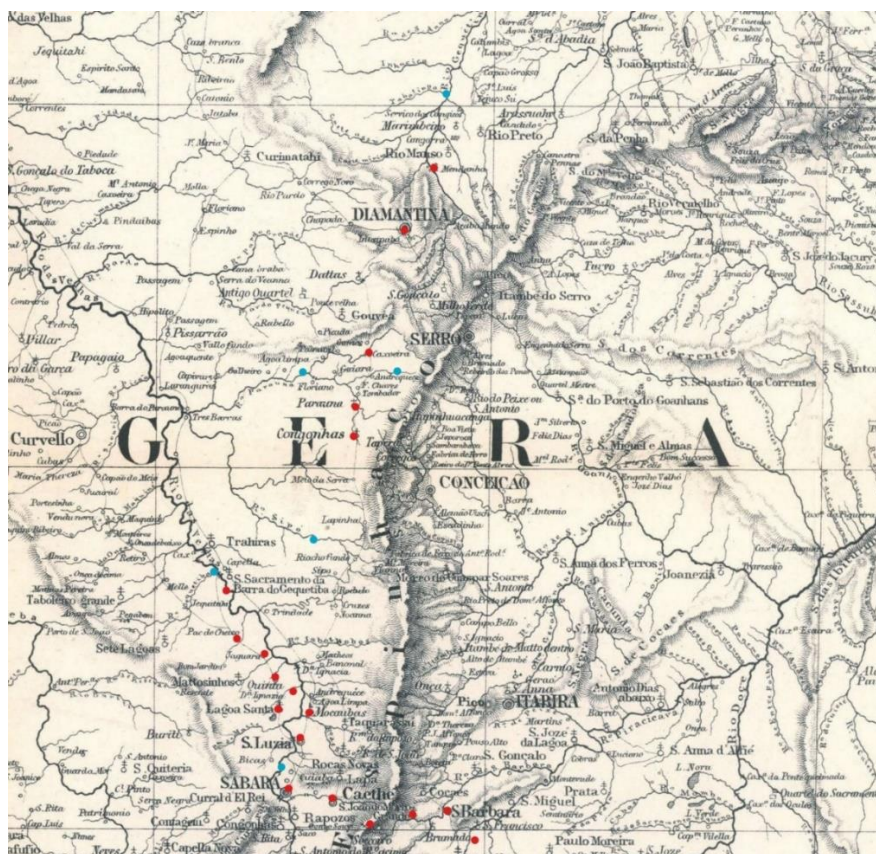
A expedição passou por Registro Velho (localizado próximo de Barbacena), Serra da Mantiqueira, rio da Pomba, Arraial das Mercês, Aldeia da Pomba (Aldeia dos Índios), Descoberta Nova (Descoberta), rio Formoso, S. do Bom Jardim, Aldeia d’Ubá, Presídio (São João Baptista de Presídio ou Arraial de São João Batista), Santa Rita, Arraial da Barra de Bacalhau, rio Bacalhau e rio Piranga, S. Domingos, Pinheiro, Mariana, Cidade Imperial de Ouro Preto, Timbopeba (próximo do Arraial de Antônio Pereira), Bento Rodrigues

(Bente Rodrigue), Inficionado, Morro de Água Quente (pertence a Catas Altas), Brumadinho (antes de Brumado).

No dia 19 de julho de 1824, percebemos que havia um grande interesse por parte de Langsdorff sobre uma planta, a Ipecacuanha. Ele adentrou na mata junto com o estalajadeiro L. Narcisso, porém conseguiu obter a planta, mas não a flor e a sua semente, como era seu propósito (Silva, 1997, p. 92-93).

Outro momento interessante, é quando eles encontram uma planta conhecida por raiz-preta (*Chiococca aba Rubiaceae*), planta considerada medicinal contra picada de cobra e contra hidropisia crônica. Langsdorff e Riedel tentaram comparar a planta *in loco* com um desenho realizado pelo Barão von Eschewege. Eles conseguiram ver um ramo, porém eles consideram diferente e pertencente à família *Rubiaceae*. Langsdorff chegou a ir no campo para tentar encontrar a planta, e uma *Chiococca* com sementes, e conseguiu-o, retornando com sementes maduras e verdes, folhas e galhos (Silva, 1997, p.109-110).

Figura 19 –Trajeto de 11 de setembro de 1824 até 28 de dezembro de 1824.



Fonte: Pormenor do Mapa “Karte der Brasilianische Provinz Minas Geraes – 1836-1855” por Friedrich Wagner, https://collections.thulb.uni-jena.de/rsc/viewer/HisBest_derivate_00015722/Mittheilungen_Perthes_ErgBl_129602493_1862_09_00_47.tif escala [1:2.000.000] Acesso em: 16 jul.2021.Tratamento próprio, a pontos vermelhos, a trajetória da expedição e os pontos azuis, os rios, realizada de 11 de setembro de 1824 até 28 de dezembro de 1824.

Eles passaram⁹¹ por Serra da Caraça⁹², Brumadinho, Brumado, Morro Grande, Gongo Soco, Santa Bárbara, Arraial de São João, Caeté, Sabará, rio das Velhas, Lagoa Santa, Santa Luzia, Macaúba, fazenda da sra. Ignácia, Lagoa Santa, Quinta, Jaguará (Jacuara), Pau de Cheiro, rio Jequetibá, Barra de Jequetibá (Gequetiba), rio Sipó (Cipó), rio Paraúna, Congonhas, Paraúna, rio da Serra dos Campos (Andrequicé), Cachoeira (Caxoeira), Tijuco (Diamantina), Mendanha (rancharia de Medanha) e rio Gequetinhonha (Jequitinhonha).

No dia 18 de setembro de 1824, seguindo para Caeté, eles encontraram e coletaram diversas plantas. Porém, encontraram plantas típicas de terrenos salinizados. Aqui, Riedel conseguiu colecionar muitas plantas em comparação outras excursões, e assim, acumularam-se diversas plantas depositadas nos papéis que serviam para a sua secagem (Silva, 1997, p.140-142). No dia 21 de setembro de 1824, Riedel conseguiu coletar e secar diversas plantas da primavera de uma vez, se comparando com os três ou quatro anos em que ele já estava no Brasil (Silva, 1997, p.143).

Em 13 de outubro de 1824, os materiais coletados de Ouro Preto até ao momento (próximo de Vila de Santa Luzia), foram entregues ao senhor Manuel Ribeiro Vianna para ser despachado. Ao todo havia 8 pacotes de plantas secas (mais de 200 espécies em um pacote), 500 pássaros numa segunda caixa, alguns minerais, trabalhos de pedra-sabão, terra, salina e duas caixinhas cheias de insetos (Silva, 1997, p.171-172). Langsdorff enviava constantemente cartas numeradas para a fazenda Mandioca no Rio de Janeiro e relatórios para São Petersburgo (Silva, 1997, p. 152).

Langsdorff encomendou a caçadores, algumas espécies de grande porte, que ele deseja ter como o tamanduá-bandeira, ema, seriema e o tatu-canastra. No dia 26 de outubro

⁹¹ Outros lugares que eles passaram foi por Morro Vermelho (entre Caeté e Sabará), Capitão José Nunes (próximo de Santa Luzia),

⁹² Não está demarcado no pormenor da carta, mas a Serra da Caraça se localiza entre os municípios de Catas Altas e Santa Bárbara.

de 1824, os caçadores trouxeram um cervo, uma ema e uma seriema. Como era necessário preparar essas peças para o transporte e obter caixas específicas para o transporte, eles permaneceram em Pau de Cheiro. Desde Santa Luzia, eles haviam colecionado mais de 700 espécies de plantas e cerca de 800 pássaros (Silva, 1997, p. 196).

No dia 1 de novembro de 1824, Rugendas e Langsdorff acabam tendo um desentendimento e, no dia 2 de novembro, Langsdorff envia uma carta para Moritz Rugendas retirando-lhe o cargo que ele ocupava como pintor da expedição. Ele ainda envia um anexo nº 403 para o vice-Cônsul P. Kielchen sobre a exoneração do pintor⁹³ (Silva, 1997, p. 208-210). Rugendas partiu no dia 3 de novembro de 1824 e Langsdorff pediu para ele entregar a carta nº 30, para a fazenda de Mandioca (Silva, 1997, p. 215).

Tabela 3- Custos de viagem do ano de 1824.

Ménétriès recebe anualmente	1.800 francos
Riedel (deveria receber 2.000)	1.000
Rubtsov	1.500
Rugendas	1.000
Tropeiro	576
Tocador ou camarada	300
Aluguel de 4 escravos	1.200
Alimentação para 11 pessoas	7.000 (aproximadamente)
Manutenção de 14 mulas e ferraduras	5.000
Despesas imprevisíveis, compras, gorjetas, algodão, caixas e caixotes, transporte de caixas para o Rio	3.000
TOTAL	23.376

Fonte: Silva, Danuzio (1997, p. 226).

A informação referente ao custo de viagem é valiosa em relação à anuidade dos viajantes, mas sobre as despesas em relação a história natural (ver Despesas imprevisíveis) é possível perceber os custos sobre objetos essenciais para o transporte

⁹³ A comitiva estava retornando à fazenda Mandioca, e quando estão em Ouro Preto, eles reencontram Rugendas, o que causa uma certa “repulsa” por parte de Langsdorff. Enquanto, Langsdorff gostaria de seguir viagem, Ménétriès e Riedel não o queriam acompanhar, e estavam na casa de Rugendas. Para Langsdorff, Rugendas era uma má influência (Silva, 1997, p. 350-351).

das peças. Outro ponto é o da dívida a Riedel que deveria receber 2.000 francos pelo trabalho feito na expedição e apenas recebera metade (Silva, 1997, p. 226).

Nas proximidades da Serra da Lapa em 16 de novembro de 1824, eles encontraram uma vegetação diversificada. Riedel encontrou um cactus *Melocactus*, conhecido como feixe turco, além de *Rhexia*, *Eriocaulon*, *Sauvagesia*, *Gramineae*, *Ribes*, *Vello*, *Barbacenia*, *Cassia* (Silva, 1997, p. 239). Em 20 de novembro, Langsdorff subiu o morro, e o instrumento barômetro mediu a altitude da serra, com 4.700 pés, subindo mais 500 pés, determinou-se com 5.200 pés (Silva, 1997, p. 244).

Em 21 de novembro, Riedel estava ocupado, acondicionando suas plantas e guardando os insetos (Silva, 1997, p. 245). No momento em que eles adentram na Serra da Lapa, Langsdorff menciona constantemente a abundância de plantas e de insetos naquela região. No dia 25 de novembro, Langsdorff define a região como rica em diversas plantas consideradas nativas da América do Sul, como: *Manihot* (mandioca), milho e banana da terra (Silva, 1997, p. 248-249).

Nas proximidades do rio Jequitinhonha, enquanto, Riedel conseguiu algumas plantas, Langsdorff conseguiu alguns minerais e insetos (Silva, 1997, p. 278).

Em 28 de dezembro de 1824, ele deixou duas caixas com o senhor Vicente Tropa, para serem despachadas com os materiais recolhidos na Barra de Jequitibá. Ele enviou alguma correspondência, como a carta nº 32 para Mandioca e uma para os comandantes do Registro da Paraíba, pertencente à província do Rio de Janeiro, para permitir que as caixas passassem livremente. O único que lhe negou a permissão foi o presidente da província de Minas Gerais, por motivos justificados⁹⁴ (Silva, 1997, p. 284).

⁹⁴ Os motivos justificados por parte do presidente da província tinham a ver com o registo e autorização de circulação, porque considerava que só se aplicava ao Rio de Janeiro e não a Minas Gerais.

Figura 20- Trajeto de 29 de dezembro de 1824 até 17 de fevereiro de 1825.



Fonte: Pormenor do Mapa “Karte der Brasilianische Provinz Minas Geraes – 1836-1855” por Friedrich Wagner, https://collections.thulb.uni-jena.de/rsc/viewer/HisBest_derivate_00015722/Mittheilungen_Perthes_ErgBl_129602493_1862_09_00_47.tif escala [1:2.000.000] Acesso em: 16 jul.2021.Tratamento próprio, a pontos vermelhos, a trajetória da expedição e os pontos azuis, os rios, realizada de 29 de dezembro de 1824 até 17 de fevereiro de 1825.

Em 29 de dezembro de 1824, Langsdorff e a sua comitiva retornava de Tijuco (Diamantina) para a fazenda Mandioca no Rio de Janeiro, passando por Cachoeira, Paraúna, rio Paraúna, Congonhas, Meio da Serra, Lage, Lapinha, rio Sipó (Cipó), Cipó, Riacho Fundo, rio Jaboticatuba, Jaquaruçu (Jaquarassai), Cocaís, Gongo Soco, São João do Morro Grande, Socorro, Brumado, Inficionado e em Ouro Preto, Capão (perto de Ouro Preto), Ouro Branco, Queluz, Ribeirão, Barbacena, Confisco, Engenho, Pinho Novo, Pinho Velho, João Gomes, Estiva, Antônio Moreira, Boiadeiro, Alcaide-mor, Juiz de Fora, Matias Barbosa, Paraíbuna e no Rio de Janeiro (ver figura 15), Varginha, Olaria, Paraíba, Rancho do Governo, Sumidouro, Magé, Corrégo Seco e Mandioca.

Na viagem de retorno, fizeram recolhas da história natural. Dando como exemplo: em Meio da Serra, a região possuía uma vegetação muito bela, porém Riedel pode recolher um pouco da vegetação, mesmo faltando materiais, o papel, e acondicionar em papéis as plantas colhidas (Silva, 1997, p. 293). Ou quando eles tiveram que ficar em Riacho Fundo, por conta da situação do rio cheio, Riedel esticou suas plantas sobre papéis e colocou para secá-las, ocupando duas pessoas em secar as plantas (Silva, 1997, p. 315).

Eles acondicionaram nas caixas materiais colhidos desde Tijuco (Diamantina). Foram 13 caixas grandes com plantas secas, 29 com minerais e 5 com outros materiais diversos, e ainda os outros materiais como minerais e pássaros que estavam na Vila Pereira (Silva, 1997, p.350).

No dia 26 de agosto de 1825, a expedição se inicia novamente em Mandioca para a província de São Paulo. Nesta viagem acompanha-o Ménéttriès⁹⁵, Hasse⁹⁶, Riedel, Rubtsov, Taunay e Florence. A segunda parte da expedição de Langsdorff possui diversas informações, e de certa forma, dados referentes a um navio e a embarcações no mar e em rios ou afluentes.

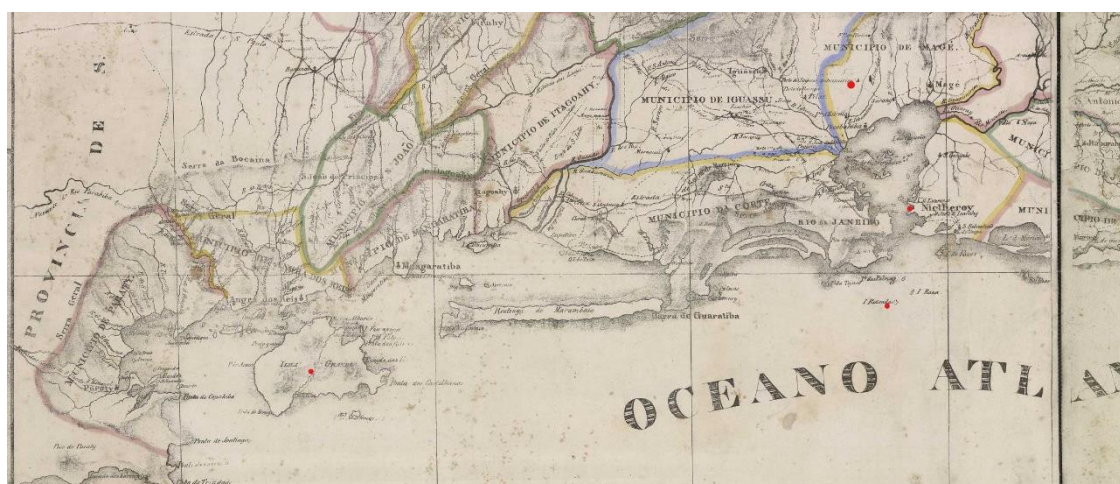
Tais referências vêm no segundo volume do “Diário de Langsdorff”. Num primeiro momento, eles fizeram uma viagem para São Paulo e depois retornam por terra para o

⁹⁵ Em relação ao Ménéttriès, neste volume, ele não é citado, Langsdorff apenas o cita no começo do diário. Provavelmente, Ménéttriès permaneceu no Rio de Janeiro.

⁹⁶ No caso de Hasse, este permanece em Porto Feliz, em São Paulo, e não segue viagem para Cuiabá.

Rio de Janeiro. Depois retornam para São Paulo e realizam uma viagem em embarcações pelo rio Tietê sentido Mato Grosso. Na segunda metade da viagem, o leitor é surpreendido pela presença de Wilhelmine Langsdorff, a esposa de Langsdorff, que em determinados momentos escreve trechos no relato. Segundo a nota de Silva (1997, p. 323) foi a partir de 5 abril de 1826 que se deu a viagem de Rio de Janeiro para São Paulo, possivelmente a senhora Langsdorff o acompanhou. Em alguns trechos do diário, reparamos com a referência a “Sr. L. [Langsdorff]”, podendo ser uma referência à sua esposa, embora não seja segura esta possibilidade (Silva, 1997, p.77). Entre os dias 23 de agosto de 1826 a 28 de agosto de 1826, Langsdorff cita em seu relato sobre “minha querida doente” (Silva, 1997, p. 202).

Figura 21—Travessia pelo navio Aurora no litoral do Rio de Janeiro.



Fonte: Pormenor da “Carta corographica da provincia do Rio de Janeiro, segundo os reconhecimentos feitos pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer” de 1839. http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164664/cart164664.html escala [com 6 legoas ou 18.000 braças; 1:400.000; com 400 braças para as cidades, villas e povoados; 1:10.000] Acesso em: 1 jul.2021. Tratamento próprio: os pontos destacados em vermelho, correspondem ao espaço atravessado e avistado por Langsdorff na sua travessia pelo navio Aurora, no litoral do Rio de Janeiro.

O início da viagem dá-se no dia 28 de agosto de 1825 por Mandioca, rio Fundo e Forte de Santa Cruz. No forte eles pegam um navio no dia 30 de agosto de 1825, chegando na Ilha Rotunda (Ilha Redonda). Como foi abordado anteriormente, o governo possuía em diversos lugares registros, nos quais se realizavam vistorias. No porto, através de um Inspetor, com o trabalho de revistar os passaportes, anotava os números e a situação

dos passageiros e dos colchões (Silva, 1997, p.2-03). Por questões climáticas, abundância de chuva, Langsdorff sobe a bordo apenas no dia 3 de setembro de 1825 no navio *Aurora*⁹⁷ no sentido ao litoral paulista. No dia 5 de setembro de 1825, ele avista a Ilha de São Sebastião e Ilha de Alquebraças, chegando no dia 6 de setembro de 1825 a Santos (ver figura 22).

Nas mediações de Santos, um encarregado adentrou na embarcação para se informar sobre o nome do navio, a carga, os números de passageiros e o tempo de viagem do Rio até Santos (Silva, 1997, p.7). Num primeiro momento, Langsdorff obteve apoio do cônsul inglês e americano, o sr. Whitaker. Com a sua ajuda as bagagens foram liberadas da alfândega (Silva, 1997, p.8).

A travessia⁹⁸ se inicia no dia 3 de setembro de 1825 e no dia 5 de fevereiro de 1826 eles retornam ao Rio de Janeiro por terra. Os pontos em vermelho correspondem à primeira parte da viagem pela província de São Paulo, sendo: Santos, porto de São Vicente, Cubatão, Ponte Alta⁹⁹, Serra de Cubatão, São Bernardo, São Pulo, rio Tietê, Jaraguá, rio Juquiri, Jundiaí, São Carlos¹⁰⁰ (Campinas), Jacaré (Cabriuva/Cabreúva), Ytu (Itu), Porto Feliz, Sorocaba e Ipanema (Fábrica de ferro de São João de Ipanema).

⁹⁷ Ao bordo da embarcação *Aurora*, a expedição estava dividida. No dia 26 de setembro de 1825 chegaram Riedel e Hasse com a tropa em São Paulo (Silva, 1997, p. 16).

⁹⁸ Como foi abordado anteriormente, o autor cita em determinados momentos espaços micro, como casas e fazendas.

⁹⁹ Não consegui determinar na carta cartográfica estes lugares.

¹⁰⁰ Riedel foi para São Carlos no dia 28 de outubro de 1825 (Silva, 1997, p. 31). Em 6 de novembro de 1825, a expedição estava dividida da seguinte forma em: São Carlos estavam Riedel e Florence, na cidade de São Paulo, o Taunay e junto de Langsdorff estava Hasse e Rubstov (Silva, 1997, p. 33).

Figura 22- Primeira parte da viagem para a província de São Paulo e o retorno para o Rio de Janeiro.



Fonte: Pormenor do “Mappa chorographico da provincia de San Paulo” por Daniel Pedro Müller de 1841 http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176169/cart176169.html escala [Longitudes contadas da Ponta Occidental da Ilha de Ferro] Acesso em: 1 jul.2021. Tratamento próprio: pontos vermelhos, corresponde à primeira parte da viagem para a província de São Paulo e os pontos verdes, o retorno para o Rio de Janeiro.

Em novembro de 1825, Langsdorff mandou transportar para São Carlos os mantimentos e os materiais, e uma parte do material ficou sob a guarda de José Maria em Jundiá (Silva, 1997, p.34). Entre 22 de novembro de 1825 nas mediações da região de Itu, surge o interesse em realizar uma viagem no sentido Cuiába, através do rio (Silva, 1997, p.42). Se comparar com a viagem anterior (Minas Gerais em 1824) percebe-se que existem algumas alterações porque, de facto, Langsdorff aborda menos os trabalhos realizados por Riedel e apontamentos relativos à botânica. Refere o interesse pelos animais de grande porte e pequeno porte, assim como pelos insetos. No dia 30 de novembro de 1825, estiveram realizando a coleta de materias novos, porém não especifica a sua natureza. No dia 2 de dezembro, escreve que Taunay teria chegado de São Paulo e que estiveram ocupados em organizar o material coletado, e que seria para ser deixado naquele lugar até ele retornar (Silva, 1997, p.45).

O retorno ao Rio de Janeiro começa a 5 de fevereiro de 1826 até 20 de fevereiro de 1826 (demarcado a verde na figura 22) através da Fazenda de Ipanema, Sorocaba, Itu,

Parnahyba (Parnaíba), São Paulo, Penha, Mogy das Cruzes (Mogi das Cruzes), Sabaúna e Taiaçupeba (pertencentes a Mogi das Cruzes), rio Jaguary (Jaguari), rio Paraíba, São José (dos Campos), Capão Grosso (pertencente a São José dos Campos), Pindamonhangaba, Aparecida, Guaratingueta, Lorena, Areas (Areias), Bananal, e no Rio de Janeiro, Pouso Alto, rio Piraí, São João Marcos, Serra do Tomahy, Porto Teixeira, registro de Itaguai, Santa Cruz e chegando em Mandioca do dia 21 para 22 de fevereiro de 1826 (Silva, 1997, p. 69).

O retorno para São Paulo se inicia a 5 de abril de 1826, de Mandioca, usando a embarcação *Aurora*, e avistando o Forte de São João e somente no dia 19 de abril de 1826 eles avistam Santos. Passam por Santos, Cubatão, São Paulo, Fazenda Juquiri, Jundiai, Jacareí, Itu, rio Tietê e Porto Feliz, cidade em que fizeram os preparativos para seguirem a viagem por embarcações, pelo rio Tietê. Como eles estavam na “casa da Expedição Imperial Russa” em Porto Feliz (Silva, 1997, p. 82), fizeram pequenas viagens por localidades próximas, como: Ipanema, Sorocaba, Itu e visitas a algumas figuras da região, como o Dr. Enger e Krélé.

No dia 2 de maio de 1826 é anotado o despacho dos materias de ciências naturais para São Petersburgo, via Rio de Janeiro (Silva 1997, p.83). No dia 5 de maio de 1826, receberam notícias sobre agitações na Rússia (Silva 1997, p. 85). E em 18 de maio, receberam uma carta do vice-cônsul russo, Peter Kielchen, sobre a morte do Imperador Alexandre e como ficaria a questão da sua situação económica, por conta da morte do imperador (Silva 1997, p. 92).

Figura 23-Viagem pelo rio Tietê 23 de junho de 1826 até 15 de julho de 1826.



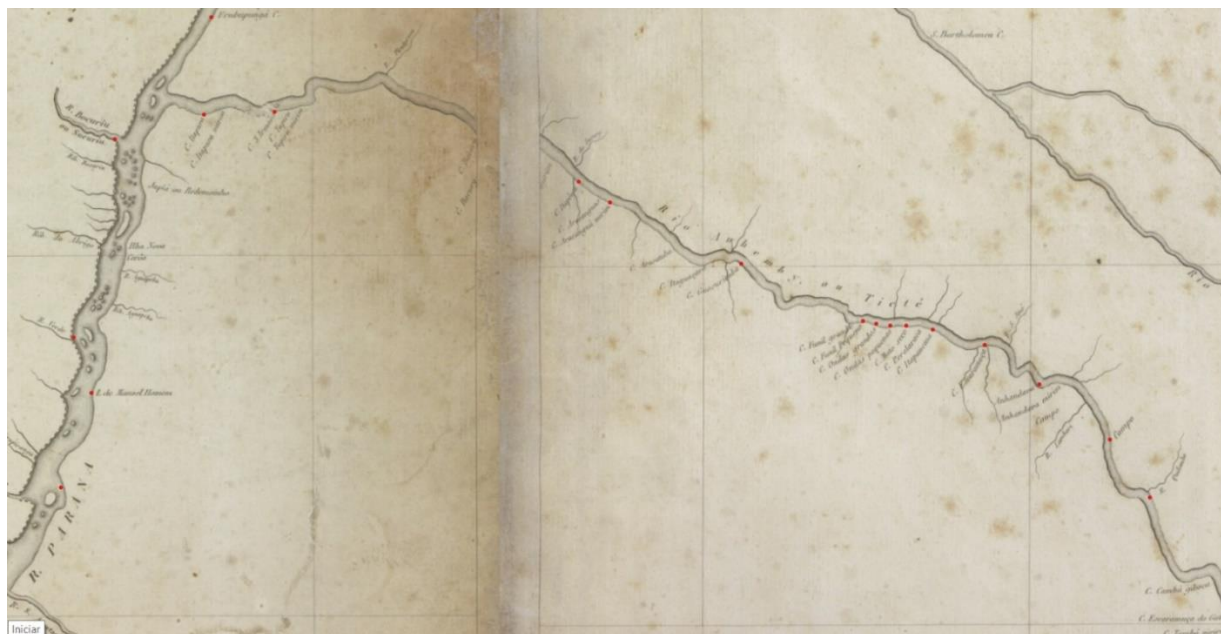
Fonte: Pormenor do “Mappa chorographico da provincia de San Paulo” por Daniel Pedro Müller de 1841 http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176169/cart176169.html escala [Longitudes contadas da Ponta Occidental da Ilha de Ferro] Acesso em: 1 jul.2021. Tratamento próprio: pontos vermelhos, corresponde a viagem pelo rio Tietê, de 23 de junho de 1826 a 15 de julho de 1826.

Ao todo, eles usaram 8 embarcações, duas adquiridas depois de iniciar a viagem em Porto Feliz, e para a realização deste trajeto contrataram o guia Antônio Lopes. A viagem iniciou-se no dia 23 de junho de 1826 pelo rio Tietê, e é importante frisar que ele indica diversos lugares que não constam no mapa, pois o próprio mapa determina a região como “Sertão desconhecido” e o relato dá notícia de diversos espaços como cachoeiras e ilhas. Inicia em Porto Feliz, Itaguacava, Pirapora, cachoeira Pirapora, rio Capivari (Capibary), Pederneiras, foz do rio Piracicaba, ilha Araraquara, Banharão (Banharo), Pontunduva (Pontenduba), Bauru, Biriri-mirim, Biriri-guassu (guaçu), Sapetuba (Sápe-mirim ou Sapé-açu), ilha Congonha (c. Congonhas), Guamicanga (Cruamicanca), Tambaruçu (Tambá guassu), Tambatiririca (Tambá piririca), Escaramuça do Gato e Cambaiuvoca (Cambá giboca).

No dia 29 de junho de 1826, refere o cumprimento de uma norma antiga, a necessidade de enviar uma cópia da relação dos nomes dos membros integrantes da expedição para o Capitão-mor, o presidente de São Paulo e o Ministério no Rio de Janeiro, e ainda enviou relatórios para São Petersburgo (Silva, 1997, p. 125).

Em uma anotação do dia 7 de setembro de 1826, ele refere as proximidades da cachoeira de Bauru como uma região emprobreceda do ponto de vista botânico, se comparada com outros lugares (Silva, 1997, p.141).

Figura 24- Viagem pelo rio Tietê, entre 17 de julho de 1826 a 17 de agosto de 1826.



Fonte: Pormenor do “Mappa chorographico da provincia de San Paulo” por Daniel Pedro Müller de 1841 http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176169/cart176169.html escala [Longitudes contadas da Ponta Occidental da Ilha de Ferro] Acesso em: 1 jul.2021. Tratamento próprio: pontos vermelhos, corresponde a viagem pelo rio Tietê, de 17 de julho de 1826 a 17 de agosto de 1826.

Seguindo a viagem pelo rio Tietê, eles passaram pelo ribeirão Quilombo, Campo, Avandava (Anhandava), Escaramuça (Excaramuxos), Itapanema (Itupanema ou Itupanama), Mato Seco, cachoeira Ondas Pequenas, cachoeira Ondas Grandes, ilha do Funil Pequeno, Guacurutuguaçu (Guacurituba), ilha Aracanguá-mirim, Itapeva (Itupeva, conhecida por Canal do Inferno), Três Irmãos, Itapura, Urubupungá, rio Sucuriu, rio Verde, ilha de Manoel Homem, rio Paraná.

Em determinados pontos da leitura é possível extrair pequenos apontamentos relacionados com as coleções de ciências naturais, como, por exemplo: no dia 19 de julho de 1826, Riedel colecionava plantas, Taunay e Florence tentavam desenhar as cenas que viam, Rubstov realizava as observações astronômicas e relacionava-as com a física e Langsdorff esfolava e empalhava um animal (Silva, 1997, p.156). Se realizarmos

uma comparação com a viagem anterior, Langsdorff possuía um foco maior em relação à vegetação, mas relativamente aos trabalhos realizados por Riedel temos poucos momentos focados nesta atividade de recolha de espécies. No dia 10 de agosto de 1826, Langsdorff ordenou que empacotassem e contassem todos os exemplares coletados até ao momento, e Riedel havia encontrado alguns exemplares de plantas fluviais desconhecidas (Silva, 1997, p. 178). No dia seguinte, ele realizou uma coleta em uma pequena área e descobriram novas espécies, *Rhexia* e *Papilionaceae* (Silva, 1997, p.180).

Em seu relato, Langsdorff lembra as coleções do Museu do Rio de Janeiro, no momento ele que se apercebe de uma certa semelhança com os seixos encontrados em uma praia e que faziam parte do acervo do museu, no qual, teria visto em um armário (Silva, 1997, p. 187).

Figura 25 - Viagem pelo rio Tietê até Camapuã de 18 de agosto de 1826 a 10 de outubro de 1826.



Fonte: Pormenor do “Mappa chorographico da provincia de San Paulo” por Daniel Pedro Müller de 1841 http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176169/cart176169.html escala [Longitudes contadas da Ponta Occidental da Ilha de Ferro] Acesso em: 1.7.2021. Tratamento próprio: pontos vermelhos, corresponde a viagem até Camapuã, de 18 de agosto de 1826 a 10 de outubro de 1826.

A travessia corresponde à viagem a partir de 18 de agosto de 1826 pela foz do Rio Pardo, rio Pardo, rio Anhanduri-açu (Nahnduhy Guassu), Orelha de Onça, Orelha das Antas (Orelha da Anta), cachoeira da Sirga Negra, Três Irmãos, Tamandua, salto do Corão (Curao), cachoeira Sirga de Manoel Rodrigues, bacia do Sucuriú, Laje Pequena e Camapuã (Camapuan).

Um dos factos que Langsdorff se questionava em relação ao rio Pardo, era o das possibilidades de sucesso da expedição, por ser uma região de terras baixas e alagadas, a dificuldade para instalar o acampamento, a realização de observações astronômicas e a dificuldade de secagem dos papéis vegetais (Silva, 1997, p. 198). Não somente as dificuldades relacionadas com o espaço, mas em relação ao tempo, porque, no dia 28 de agosto de 1826, a chuva incapacitava seguir com a viagem e o trabalho, e além do mais alguns trabalhadores ficaram doentes. No dia seguinte, houve necessidade de secar os materiais e objetos que ficaram molhados com a chuva (Silva, 1997, p.210). No dia 4 de outubro de 1826, por conta do tempo chuvoso, Riedel acondicionou algumas plantas e secou os papéis. Ele possuía grandes pacotes e encontrava, no dia a dia, em torno de 3 ou 4 espécies novas (Silva, 1997, p. 259).

De facto, o tempo chuvoso prejudicava muito o andamento das coleções, segundo Langsdorff (Silva, 1997, p.262), os objetos colecionados estavam muito encharcados e não conseguiam salvá-los.

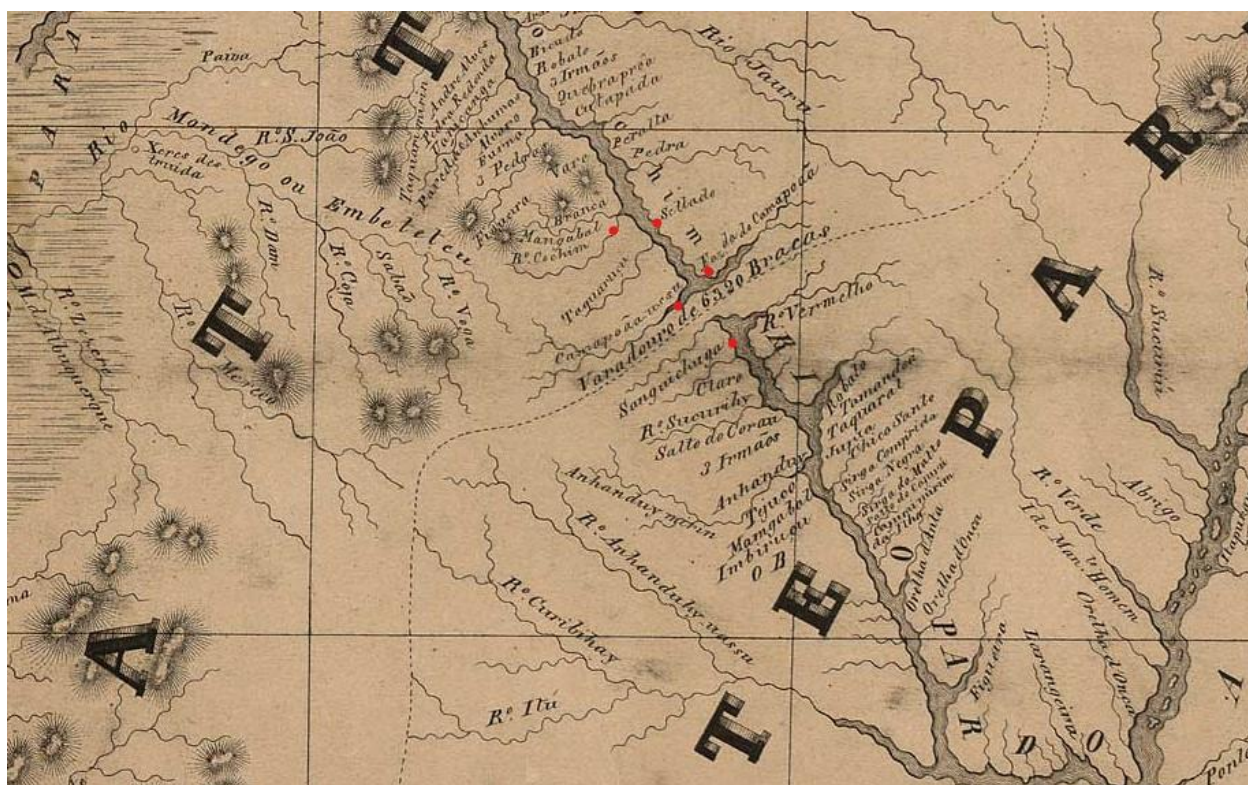
Langsdorff reflete sobre o avanço das ciências naturais (Silva, 1997, p. 216) e em que medida as espécies abatidas dariam pistas referente à geografia da fauna, o seu habitat e localização. Para Langsdorff, o material coletado seria para determinar se a espécie seria característica de uma região ou de todo o país.

No dia 10 de outubro de 1826, chegaram em Camapuã, cidade pertencente atualmente ao estado de Mato Grosso do Sul. Naquele período, a cidade era regulada pela obrigatoriedade de registo da circulação das mercadorias, e com isso os comerciantes precisavam de pesar suas mercadorias e pagar o acesso de trânsito entre as províncias. No caso de Langsdorff, a portaria Imperial permitia certas regalias em relação aos custos

e, por isso, os objetos de valor foram transportados por conta da Fazenda Pública (Silva, 1997, p. 274).

Em 29 de outubro de 1826, Langdorff e o grupo viajaram por alguns lugares próximos de Camapuã, tais como (ver figura 26), Sanguixuga (Sanguichuga), rio Camapuã, morro do Selado, Camapuã e o rio Coxim (Cochim).

Figura 26- Viagem realizada de 29 de outubro de 1826 a 22 de novembro de 1826.



Fonte: Pormenor do “Mappa geographico da capitania de Matto Grosso formado no anno de 1802 por ordem do Ill. e Ex. Sr. Caetano Pinto de Miranda Monte Negro, governador e capitão general da mesma capitania” de 1853. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart177680/cart177680.html escala [Pitipe de 100 legoãs de 20 ao grao] Acesso em: 10 jul.2021. Tratamento próprio: pontos vermelhos correspondem aos lugares assinalados entre os dias 29 de outubro de 1826 a 22 de novembro de 1826.

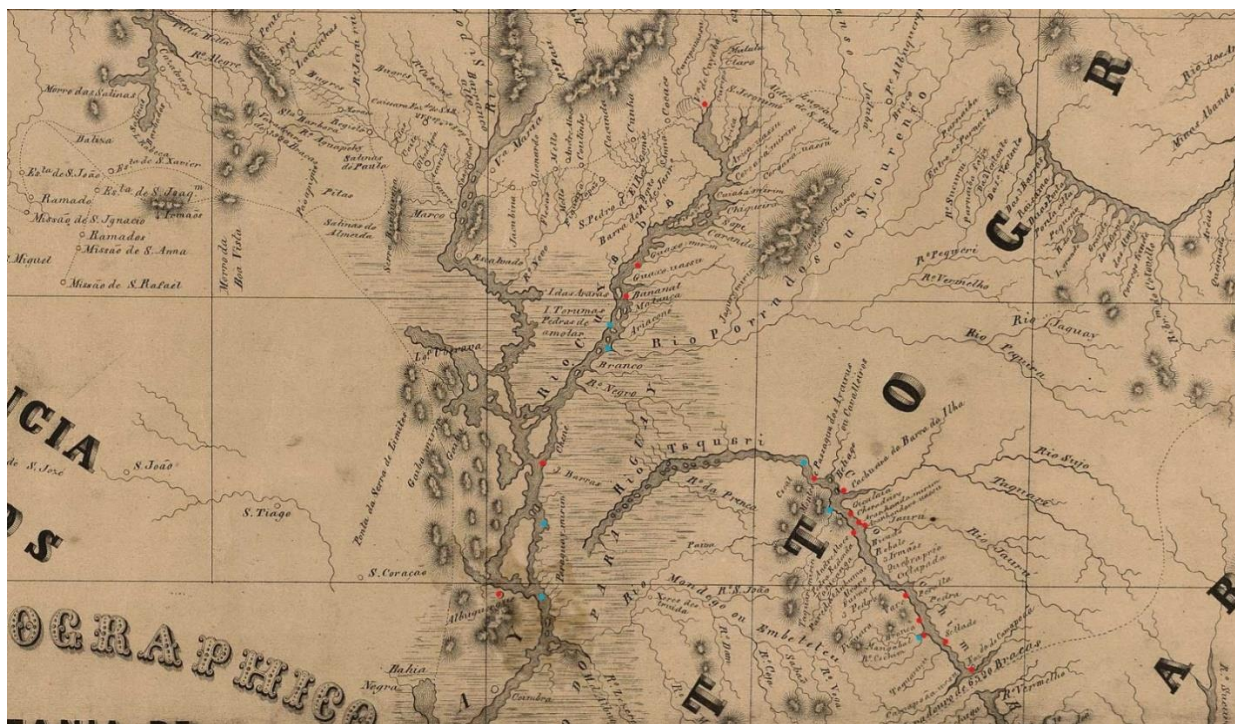
Entre os dias 29 e 31 de outubro de 1826, eles concertaram as canoas e as barracas e organizaram as coleções (Silva, 1997, p. 283). Entre os dias 3 e 4 de novembro, precisaram de comprar alimentos, empacotar os materiais, encomendar caixas e caixotes novos para seguinte viagem (Silva, 1997, p. 290).

Langsdorff cita a importância do reforço do envio de exemplares para o Museu Imperial do Rio de Janeiro, e apela ao comandante de Camapuã (por sinal ignorado) para que o mesmo desse ordens aos seus subordinados para que alguns procurassem alguns materiais, pois considerava que existiriam naqueles lugares exemplares desconhecidos e importantes para o Museu (Silva, 1997, p. 292).

Em relação aos cuidados com as caixas para o transporte dos exemplares para as coleções de história natural, eles embrulhavam as caixas em couros dos bois para as conservarem, tanto mais que se tratava de uma região onde chovia muito (Silva, 1997, p. 297-298).

Os pormenores e os conteúdos a seguir, correspondem à terceira viagem (inseridos no volume III dos “Os Diários de Langsdorff”), relativos ao território de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Amazonas e Pará, entre 21 de novembro de 1826 e 20 de maio de 1828.

Figura 27- Expedição realizada entre 21 de novembro de 1826 a 30 de janeiro de 1827.



Fonte: Pormenor do “Mappa geographico da capitania de Matto Grosso formado no anno de 1802 por ordem do Ill. e Ex. Sr. Caetano Pinto de Miranda Monte Negro, governador e capitão general da mesma capitania” de 1853. http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart177680/cart177680.html escala [Pitipe de 100 legoães de 20 ao grao] Acesso em: 10 jul.2021. Tratamento próprio: pontos vermelhos correspondem aos lugares e os azuis, os rios, assinalados entre os dias 21 de novembro a 30 de janeiro de 1827.

A viagem se inicia em 21 de novembro de 1826, partindo de Camapuã, Morro do Sellado, cachoeira de Mangava (Mangabal), rio Coxim, Pedra Branca, bacia do Avaré (Vare), cachoeira das canelas de André Alves, cachoeira De Avandava-açu (assu), cachoeira de Arandava - mirim (Arandava), baixios de Choradeiras (Choradeiro), cachoeira da Ilha (cachoeira da Barra da Ilha), riacho Taquari-mirim, Morro e passagem dos cavaleiros Guacurus (Montes e passagem dos Aycurus ou Cavalleiros), rio Taquari, rio Paraguai, Corumbá (Povoação de Albuquerque), Paraguai-mirim, foz do rio do São Lourenço (rio Porrudos ou São Lourenço), rio Cuiabá, Três Barras, Bananal do Leme (Bananal), Sangrador do Guaxu¹⁰¹, Cuiabá.

No dia 29 de novembro de 1826, na cachoeira de Avandava-açu, por conta do tempo nublado e chuvoso, Riedel precisou estender as plantas molhadas que foram atingidas pela chuva, Rubstov não conseguiu fazer observações, Taunay desenhou e Langsdorff coletou insetos (Silva, 1997, p.9).

No dia 6 de dezembro de 1826, nas proximidades do rio Taquari, Riedel e Taunay viajaram em um batelão, no sentido Cuiabá, enquanto Rubstov e Florence permaneceram junto de Langsdorff (Silva, 1997, p. 17).

Langsdorff e a tropa chegaram a Albuquerque no dia 14 de dezembro de 1826, segundo a anotação do dia 18 de dezembro de 1826. Um estafeta de Coimbra precisou de ir à região para procurar Riedel e Taunay, pois ambos estavam sem os passaportes. Foi com a chegada de Langsdorff que este providenciou este assunto e enviou uma cópia da portaria ao comandante (Silva, 1997, p.33).

Segundo Langsdorff, na região que onde eles estavam, denominada como “pântanos do Paraguai”, haveria diversos materiais relevantes para as coleções de história natural (não indicou quais), porém os deixariam para outros pesquisadores (Silva, 1997, p.41).

No dia 17 de janeiro de 1827, Florence queria realizar uma viagem para Cuiabá, em uma pequena canoa, mas Langsdorff negou porque considerava que era uma viagem

¹⁰¹ Acredito que seria nas proximidades de Guaxo-assu ou Guaxo-mirim.

Em abril de 1827, Langsdorff descreve a excursão e as observações acerca da província de Mato Grosso. Os companheiros de viagem são Rubstov, Riedel e Florence, e a viagem se inicia em Cuiabá. Pelo rio Coxipó, morro de São Jerônimo, riacho Aricá, Vila da Chapada (Missão de Santa Ana), rio Manso. No dia 19 de maio de 1827, eles recomeçam a seguir para a Cuiabá.

Como o interesse de Langsdorff era realizar uma expedição na Chapada, houve a necessidade de solicitar um novo passaporte, documento que foi solicitado ao Presidente da Província e ao Governador Militar. Se dirigiu ao comandante de Chapada e o mesmo o acompanhou e providenciou guias, caçadores e hospedagem (Silva, 1997, p. 84).

No dia 4 de maio de 1827 na Vila da Chapada, Riedel conseguiu encontrar algumas plantas (Silva, 1997, p. 88). Segundo Langsdorff (Silva, 1997, p. 100), no dia 19 de maio de 1827, Riedel e Florence precisaram acompanhar Taunay, o jovem pintor havia desobedecido às ordens do líder da expedição, pois o mesmo deveria ter ido a Buriti (fazenda de Joaquim da Silva Prado). Taunay pediu dispensa e foi acatada. Nesta altura, refere que, afinal, Florence havia continuado ao seu serviço, apesar da zanga anterior.

Entre os dias 12 de junho de 1827 à 6 de julho de 1827, ocorreu uma excursão nas proximidades de Cuiabá. A viagem recomeça em Cuiabá, Coxipó, Morro de São Jerônimo, margem do ribeirão Aricá, Fazenda do Monteiro, fazenda da Samambaia, fazenda da D. Luíza, rio Quilombo, Domingos José de Azevedo, Missão de Santa Ana, fazenda da D. Antônia do Buriti, Buriti, e no dia 27 de junho de 1827 deu-se o retorno para Cuiabá.

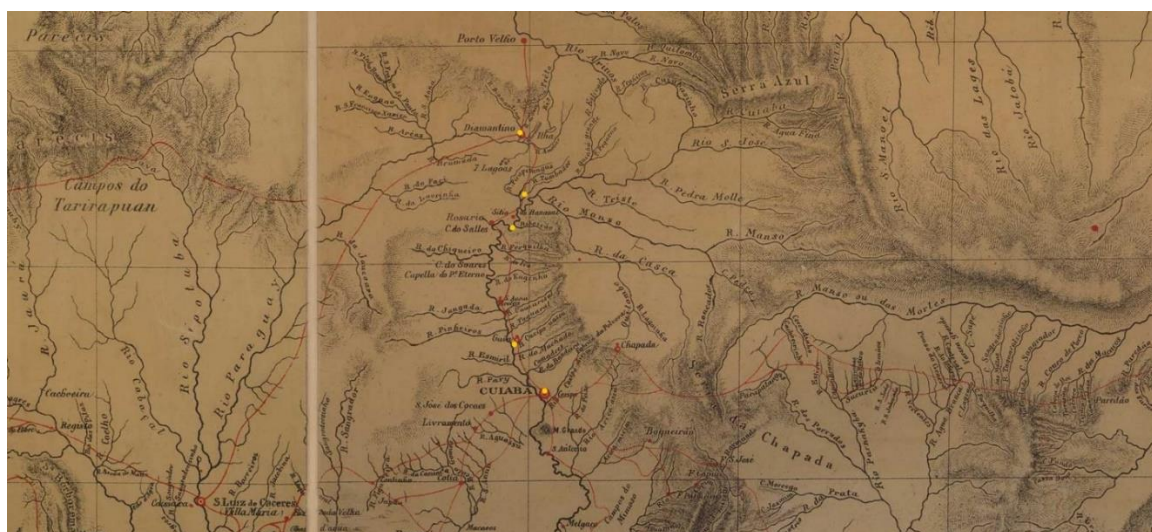
Na fazenda de Monteiro (12 de junho de 1827) encontraram Riedel e Taunay que realizavam uma excursão na região (Silva, 1997, p. 105). Eles estavam em Samambaia no dia 15 de junho de 1827, e Riedel precisou retornar para Monteiro, pois havia esquecido o papel vegetal (Silva, 1997, p. 108). Como foi visto anteriormente, o papel vegetal era de extrema importância para o ofício de botânico. No dia 30 de junho de 1827, estavam com os materiais colhidos na Missão (Silva, 1997, p. 119). Foi enviado requerimento, um “*brevet de découverte* para cainca” e enviou o requerimento em

duplicata para o Desembargo do Paço e ao presidente de Mato Grosso e Goiás (Silva, 1997, p. 121).

Entre os dias 16 de setembro até 25 de setembro de 1827, realizaram uma excursão pelo rio Cuiabá. Viajaram por terras do Capitão Manoel Joaquim Claros, Capela de Santo Antônio, fazenda do Capitão Bento Pires de Miranda, Pouso, casa de D. Ana Arruda, fazenda do Capitão Bento Pires, casa dos Magalhães, casa do Alferes Manoel Joaquim Claros e retornam a Cuiabá. No dia 24 de setembro de 1827, enviaram uma caixa grande, com espécimes coletados durante a estadia na região (Silva, 1997, p. 127).

No dia 8 de outubro de 1827 chegaram Rubtsov e Florence da sua pequena viagem a Poconé, Vila Maria e Jacobina, as cidades que correspondem ao oeste da figura 27, no canto superior esquerdo (Silva, 1997, 132).

Figura 29- Excursão para a Vila Diamantino, entre 9 de outubro de 1827 a 19 de outubro de 1827.



Fonte: Pormenor da “Carta da província de Matto Grosso organizada em 1880” por Francisco Antonio Pimenta Bueno em 1887.

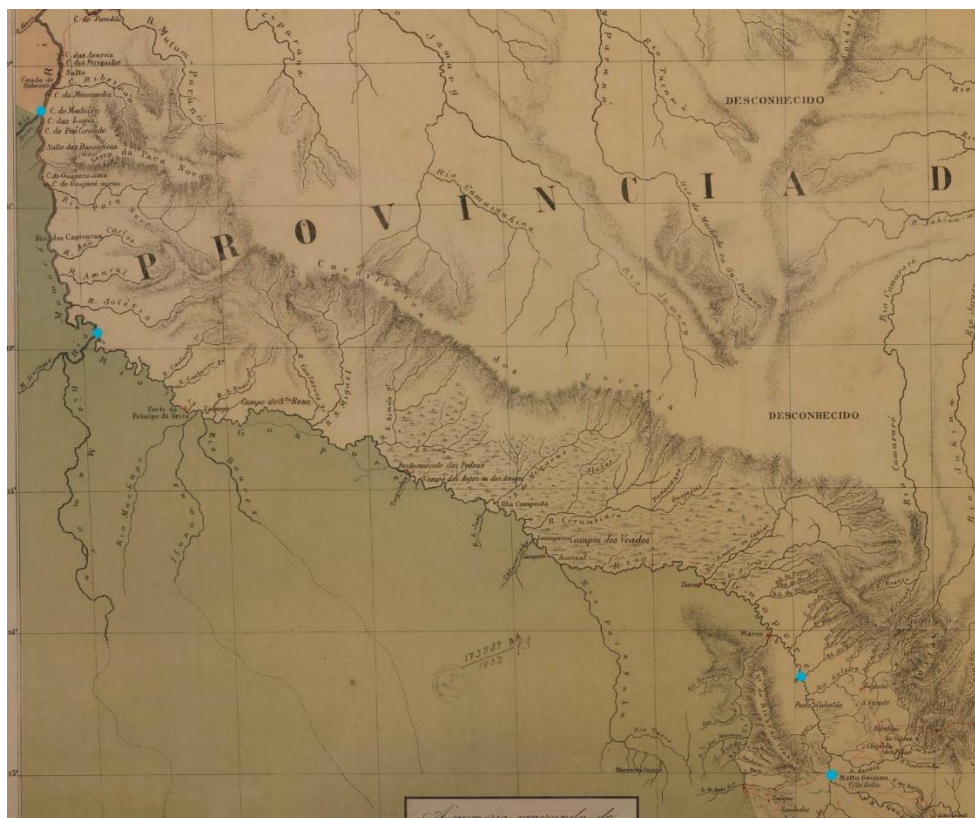
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart173939/cart173939.html escala [1:700.000]
Acesso em: 14 ago.2021 Tratamento próprio: pontos em vermelhos destacando o trajeto da excursão para a Vila Diamantino, entre 9 de outubro de 1827 e 19 de outubro de 1827.

Partem de Cuiabá, perto do rio Cuiabá, rio Coxipó-açu, ribeirão Nobre ou Piraputanga, morro do Tumbador e Vila Diamantino. Sobre o rio Cuiabá havia uma travessia ou passagem, que exigia pagamento de portagem: por cada animal 2 vinténs e por cada

pessoa 3 vinténs, sendo que as pessoas que estavam ao serviço do governo não precisavam de pagar (Silva, 1997, p. 136).

No dia 4 de dezembro de 1827, eles voltaram a realizar uma partida de Cuiabá, no sentido de Vila Diamantino, aonde eles permanecem até 10 de março de 1828 (Silva, 1997). Segundo Hercules Florence (2007, p. 197) no dia 5 de dezembro de 1827, Florence, Langsdorff e Rubstov (Rubzoff) tomaram o caminho para a Vila de Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai Diamantino, enquanto Riedel e Taunay iriam para Vila Bela de Mato Grosso, através dos rios Guaporé, Mamoré e Madeira.

Figura 30 - Viagem de dezembro de 1827, realizada por Taunay e Riedel.



Fonte: Pormenor da “Carta da província de Matto Grosso organizada em 1880” por Francisco Antonio Pimenta Bueno em 1887.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart173939/cart173939.html escala [1:700.000]

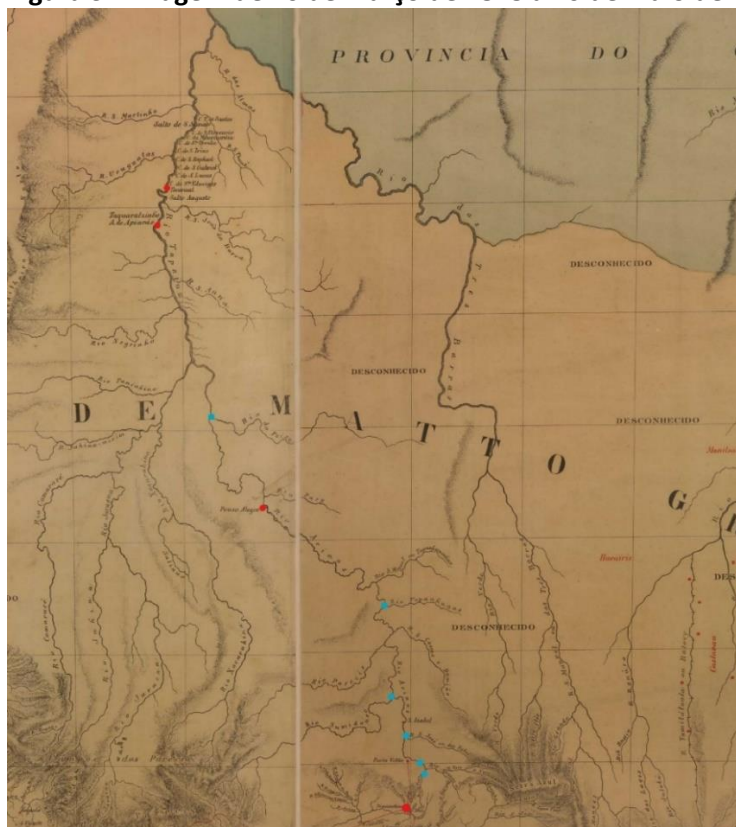
Acesso em: 14 ago.2021 Tratamento próprio: pontos em azuis destacando o trajeto da viagem de dezembro de 1827, a ser realizada por Taunay e Riedel.

Quando Langsdorff, Florence e Rubstov estão em Diamantino, eles recebem correspondência de Riedel, avisando sobre a morte de Taunay. Segundo Langsdorff (1997, p. 171), ele recebe a missiva no dia 2 de fevereiro de 1828, segundo Florence

(2007, p. 203), o dia 14 de fevereiro de 1828 como um “dia nefasto”, pois souberam sobre o afogamento de Taunay no rio Guaporé em Vila Bela.

Em março de 1828, Langsdorff, Florence e Rubstov recomeçaram a viagem através do rio Preto, depois de pagarem as verbas devidas ao provedor da fazenda Pública (Silva, 1997, p. 206), e depois do comandante pedir a lista de matrículas da tripulação e das cópias dos vistos (Silva, 1997, p. 211). O roteiro da viagem de março de 1828 foi por Diamantino, porto do rio Preto e a casa de Luiz Ferreira. Além da pressão causada pela Provedoria da Fazenda Pública, a tripulação e os viajantes-naturalistas começaram a ficar doentes, a partir de 14 de março de 1828. No dia 31 de março eles partem do rio Preto, rio Arinos, rio São José ou dos Patos, rio Sumidouro, rio Tampanhuma (Tampanhunas), Pouso Alegre, rio do Peixe, Aldeia dos Apiacás, Tocarizal (Tocarisal) e rio Juruena (afluente, na margem esquerda do rio Tapajós).

Figura 31- Viagem de 10 de março de 1828 a 20 de maio de 1828.



Fonte: Pormenor da “Carta da provincia de Matto Grosso organizada em 1880” por Francisco Antonio Pimenta Bueno em 1887.

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart173939/cart173939.html escala [1:700.000]

Acesso em: 14 ago.2021. Tratamento próprio: pontos em azuis, os rios e em vermelhos, as localidades. Viagem de 10 de março a 20 de maio de 1828.

A viagem, realizada nos meses de março, abril e maio de 1828, não contém informações relevantes sobre a colheita de espécies, porque, de facto, é um relato sobre a situação da tripulação, atacada com a doença¹⁰². Segundo Danuzio Gil Bernardino da Silva (1997, p. 279) o motivo da pausa brusca do relato, seria por conta da saúde de Langsdorff.

Segundo Florence (2007) eles partiram de Tucurizal, correderia dos Ternos, passagem das Furnas, São Lucas, São Rafael, cachoeira Canal do Inferno, cachoeira Misericórdia, São Florêncio, cachoeira ou Salto de São Simão de Gibraltar, baixios da Mangavera, cachoeira da Montanha, cachoeiras Guapuz, Cuatá, Maranhão Grande, Maranhãozinho, rio Morto, Itaituba, Aveiro, Santa Cruz, Alter do Chão, Pinhais, Brim, Vila Franca e chegaram em Santarém no dia 1 de julho de 1828. Em 1 de setembro de 1828, partem para Belém. Por Gurupá, Breves (à esquerda a ilha de Marajó), embocadura do rio Tocantins, Baía do Limoeiro, rio Pará e no dia 16 de setembro chegaram no Pará¹⁰³.

Enviam correspondência para Riedel, informando-o sobre as circunstâncias, e para reencontrá-los em Pará (Florence, 2007, p. 265). Depois que chegaram ao Pará, esperaram por 4 meses por Riedel (Florence, 2007, 276).

¹⁰² Segundo Francisco Florence (4.9.2020) a doença que acometeu os viajantes foi a malária. Para saber mais, ver: Florence, 2020.

¹⁰³ Referente a localidade da viagem a partir das anotações de Florence. Recomendo o acesso ao Instituto Hercule Florence de Estudos da Sociedade e Meio Ambiente do século XIX Brasileiro, pois o mesmo possui um mapa interativo. Disponível em: <https://www.ihf19.org.br/pt-br/expedicao-langsdorff/mapa> Acesso em: 13 ago. 2021.

III PARTE

5. As heranças de Riedel e Sellow – os seus contributos nos atuais herbários, nacionais e internacionais

Neste capítulo, procuramos perceber em que medida os contributos das expedições realizadas por Riedel e Sellow se refletem nas coleções dos herbários, localizados no Rio de Janeiro, Berlim e São Petersburgo, e nestes existe informação sobre o momento em que foi feita essa coleta e incorporação.

Procuramos igualmente contribuir para uma reflexão acerca da necessidade de estudo e identificação do património científico, património da ciência ou património cultural da ciência e tecnologia (PCC&T), uma consciência recente, de acordo com a Carta do Rio de Janeiro de 2017. Segundo Marcus Granato, Bruno Melo de Araújo e Emanuela Sousa Araujo (2020, p. 140-141), o património é representado através de um conjunto diversificado de bens, de estruturas¹⁰⁴ e, sobretudo, em nosso entender, de pessoas, que têm vindo a ser objeto da nossa observação.

5.1. A Coleção do Herbário do MNRJ, BGBM E O HERBARIUM LE

Como foi abordado anteriormente, a pesquisa possui como foco dois naturalistas, Sellow e Riedel e as suas contribuições para o MNRJ e o seu Herbário. Os dois botânicos estiveram em território brasileiro e participaram nas expedições chefiadas por naturalistas alemães, porém os exemplares colhidos foram, sabe-se, para espaços europeus diferentes: as contribuições dos percursos na expedição de Wied-Neuwied, em que esteve Sellow, para Berlim, e as de Langsdorff, que envolveu Riedel, para São Petersburgo.

O vínculo entre as coleções de história natural, o herbário e as expedições foi vincado por José Manuel Brandão (1996, p.159), na Conferência Internacional sobre o Valor e a

¹⁰⁴ Exemplos: de instrumentos científicos, máquinas e montagens, equipamentos, cadernos de laboratório, cadernos de campo, livros, fotografias, das construções humanas e paisagens naturais, locais de observação do céu noturno, observatórios astronômicos e geofísicos, estações meteorológicas e agronômicas, laboratórios, museus, arquivos, bibliotecas, jardins botânicos e zoológicos, e locais utilizados para realizar experimentos, conservar coleções científicas, etc., propiciar a aprendizagem e o intercâmbio de ideias, aperfeiçoamento e produção de instrumentos, máquinas e processos relacionados com o desenvolvimento tecnológico, público e privado.

Avaliação das Coleções de Ciências Naturais, realizada em Manchester no Reino Unido em abril de 1995, no contexto da discussão sobre o valor científico, cultural e económico das coleções. O primeiro ponto abordado foi o do reconhecimento do valor social das coleções no conhecimento científico, educação, interpretação, recreação e inspiração públicas, protecção do ambiente, identidade cultural, como geradoras de prosperidade e encorajando um desenvolvimento sustentado do património científico (Brandão, 1996, p. 160).

Segundo Cristiana Vieira e Sofia Viegas (2019, p. 652-653), os herbários podem contribuir para o conhecimento e a sua divulgação a diversos níveis, dentre eles, para fornecer material didático (abrangendo a taxonomia, etnobotânica, agricultura, dentre outros), visitas interdisciplinares e apreciação da diversidade botânica, fonte internacionalmente reconhecida do conhecimento sistemático de plantas e fungos, oportunidades de estágio e emprego em geral, e um meio de iniciar os alunos com a pesquisa botânica e documental. Os exemplares permitem aos investigadores facilitar a descoberta ou confirmação de novas espécies e fornecer dados ecológicos, conhecer a distribuição geográfica das espécies, facilitar intercâmbios internacionais de expedições de campo, fornecer amostras e dados (filogenia, ecologia, fenologia, agricultura, ciências florestais, saúde humana, biossegurança, biomonitorização e poluição, controle de espécies invasoras, biologia da conservação, recursos naturais e gestão territorial, perícia forense, interações biológicas entre predadores e simbioses), identificação de amostras de plantas ou fragmentos de plantas para investigações criminais, estudos de cultura material e etnobotânica e como fonte para estudos de história da ciência para documentar expedições e exploradores, práticas, estratégias e políticas científicas, redes de conhecimento, circulação e assimilação de conhecimento.

O herbário pode contribuir para a organização de novas exposições; fornecer bancos de dados, imagens, informações de serviço público e material de observação e representação específico para o público; fornecer conteúdos para iniciativas de ciência cidadã no longo prazo; desenvolver uma plataforma de educação civil para a botânica e sustentabilidade ecológica; fornecer um ponto focal para interações e formação botânicas, potenciar cursos de educação e divulgação e treinar voluntários para gestão

de espécimes, digitalização e construção de bases de dados (Vieira e Viegas, 2019, p. 654).

Se na mente dos viajantes atrás estudados, estas valências não eram conscientemente assumidas, a verdade é que ao longo da leitura dos relatos de viagens, é notória a preocupação por parte dos líderes das expedições com a conservação das amostras recolhidas/ ou coletadas. Como salienta David G. Mann (1997, p.76), para conservar as espécies nos herbários é necessário mantê-las secas, protegidas dos insetos e a uma temperatura constante. Porém, em alguns casos, segundo novas nomenclaturas, algumas espécies precisam de ser renomeadas, e se constarem palavras ou nomes nas etiquetas desconhecidas, estes precisam ser esclarecidos.

Existirão conexões entre os herbários do MNRJ, BGBM e o Herbarium LE e as figuras ilustres da primeira metade do século XIX e com as redes conectadas até à atualidade. Uma forma de estabelecer essa conexão, entre eles e o público, poderá estabelecer-se se se recorrer ao ambiente digital. Por isso, recorreremos a consultas feitas às bases de dados do speciesLink e do herbário do BGBM.

5.1.1. Herbário do Rio de Janeiro

Ruy José Válka Alves, Andrea Ferreira da Costa, Luci de Senna-Valle, Mariângela Menezes e Vera Lúcia Campos Martins (2015, p.389) referem que o primeiro herbário do Brasil foi o do Museu Nacional (R), fundado em 1831, por Ludwig Riedel. Já vimos no capítulo 2 como o Herbário estava associado à sessão de Botânica e as vicissitudes que sentiu. Não encontramos informação que atribua a Riedel esse batismo. Fazem parte do acervo, desde a sua criação até à atualidade, um total de 550.000 exemplares. Os mesmos autores referem que entre os séculos XIX e XX, o herbário foi sendo acrescentado por diversas coleções¹⁰⁵, de entre elas, as coleções do Sellow (1815-1817) e Riedel (1826-1828).

¹⁰⁵ Segundo os curadores do Herbário (R), além das coleções de Sellow e Riedel, ainda de Damásio (1870-1905), Freire Allemão (1859-1861), Glaziou (1861-1895), Regnell (1840-1884), Loefgren (1874-1877), coleções regionais do Sudeste de Sampaio, Segadas – Vianna, proveniente do projeto institucional (Flora do PNRJ) desenvolvida pelo pessoal do herbário desde 1995, coletas de A.Ducke e G.T.Prance na região.

O acervo é composto por 90% de plantas vasculares, com 498.000 espécimes de angiospermas, 800 de gimnospermas, 7.000 de algas, cerca de 6.500 de briófitos, 15.000 licólitos e samambaias, 4.500 de fungos, 3.000 laminas, 9.000 fotos de pólen obtidas em microscopia, e cerca de 6.500 tipos nomenclaturais (Alves et al., 2015, p.390). O herbário é dividido em *R (Fanerogamas)*, *R-Algae*, *R-Bryophyta*, *R-Fungi* e *R-Tipos*. A grande vantagem atual, é que (Alves et al., 2015, p. 390) os dados das amostras estão em processo de informatização e são disponibilizados pelo INCT (Herbário Virtual da Flora e dos Fungos do Brasil). Em setembro, já havia cerca de 40.000 registros. Segundo os curadores do herbário, os dados estavam em outras bases de dados, como o GBIF, o SIBBr e o DigBio¹⁰⁶. Mas também, como já referimos na introdução desta dissertação, noutras bases de dados, o Jabot¹⁰⁷ e o speciesLink que terão acrescentado as possibilidades e aceder a informação depositada em diferentes pontos do mundo.

Iniciamos a nossa pesquisa pela busca na base de dados, speciesLink, procurando obter os resultados dos exemplares recolhidos pelos coletores Sellow e Riedel e a sua relação com o herbário do MNRJ.

Amazônica, coleção realizada pelo projeto Polonoroeste pela abertura da BR-364 na década de 1980, coleção do Parque Indígena do Xingu (Alves et al., 2015, p. 389-390).

¹⁰⁶Corresponde ao iDigBio, em cuja base existe disponibilização de informações do herbário (R). Disponível em: <https://www.idigbio.org/portal/recordsets/2ba96485-62cd-453c-a317-e7c220b7202e> . Acesso em: 5 ago.2021

¹⁰⁷ A base de dados Jabot possui em seu sistema, especificamente relativamente ao Herbário do Museu Nacional, 52.299 amostras; na realização de pesquisa dos coletores específicos, o sistema possui apenas 49 do Sellow e 40 amostras do Riedel. Disponível em: <http://jabot.jbrj.gov.br/v3/consulta.php>. Acesso em: 9 ago.2021.

Figura 32 - Formulários de pesquisa da base speciesLink.

Fonte: CRIA (Centro de Referência e Informação Ambiental). 2021. Specieslink - simple search.

Disponível em <https://specieslink.net/search/>. Acesso em: 9 ago.2021.

A figura (32) apresenta o formulário da base de dados, na qual é possível realizar a pesquisa segundo a instituição, o reino, a família, o nome científico, a identificação, a coleção, a coleta, o número do coletor, a localidade, o país, o código de barras, o tipo de registro, o status taxonômico, mais detalhes sobre a amostra e, em alguns casos, a imagem e a data da coleta.

Figura 33 - Resultados da pesquisa sobre Sellow no sistema speciesLink.

FORMULÁRIO	REGISTROS	INVENTÁRIO	MAPA	IMAGENS	NÚMEROS	DUPLICATAS	BAIXAR	COMO CITAR
109 registros								
PLANTAE CANNACEAE <i>Canna glauca</i> L. Det: Segeren, W.; van Duuren, J. & Maas, P.J.M. 1978 R 127681 Coleta: Sellow, F. 1688 Loc: Triunfo Brasil cód. barras: R010060101. tipo de registro: PreservedSpecimen status taxonômico: aceito, Flora do Brasil 2020								
PLANTAE OPHIOGLOSSACEAE <i>Ophioglossum nudicaule</i> L. f. R 211434 Coleta: Glaziou, A.F.M., Sellow, F. Loc: Rio Grande do Sul, Brasil cód. barras: R00211434. tipo de registro: PreservedSpecimen status taxonômico: aceito, Flora do Brasil 2020								
PLANTAE OUDORPHYTA PHAROPHYCEAE ECTOCARPALLES CHORDARIACEAE <i>Asperococcus compressus</i> A.W. Griffiths ex W.J. Hooker R-Algae 142619 Coleta: Sellow, F. 3 Loc: São Paulo, Brasil cód. barras: R000142619. tipo de registro: PreservedSpecimen status taxonômico: sinônimo, AlgaeBase								
PLANTAE SALICACEAE <i>Cassia decandra</i> Jacq. Det: Torres, R.B. 01/1985								

Fonte: CRIA (Centro de Referência e Informação Ambiental). 2021. Specieslink - simple search.

Disponível em <https://specieslink.net/search/>. Acesso em: 9 ago.2021.

Na figura (33) percebemos como o sistema se comporta em relação às especificações do sobrenome do coletor e do herbário, ao preencher o formulário e demarcar os registros. No caso, a pesquisa foi com a demarcação do herbário do museu e o sobrenome “Sellow”. Por enquanto, no sistema constam 109¹⁰⁸ registros. No canto superior direito é possível perceber uma pequena tabela especificando as quantidades de amostras por coleções. Ao demarcar a opção com imagem, a tabela sofre uma pequena alteração: R: 38, R-Tipos: 21, R-Algae: 2, R-Bryophyta: 1, num total de 62 amostras. Ao realizar a pesquisa por data, apenas uma opção foi encontrada, uma coleta da coleção R-Bryophyta¹⁰⁹. Ou seja, nem sempre existe o local, quase nunca a data da coleta, sinal da dificuldade de identificar, com precisão, o ano da coleta.

Figura 34- Resultados da pesquisa sobre Riedel no sistema speciesLink.

171 registros

↑ aleatório

↑ cód. coleção

R	102
R-BRYOPHYTA	49
R-FUNGI	15
R-TIPOS	5
4 itens	171

1 **PLANTAE CONIARIACEAE**
Conarus nodosus Baker. Det: Forero, E. 1978
R 63996 Coleta: Riedel, L. 1836
Loc: Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
Coord. munic.: [lat: -22.9027996063232 long: -43.2075004577637 err: ±57442 WGS84]
tipo de registro: PreservedSpecimen
status taxonômico: aceito, Flora do Brasil 2020
R-Fanerogamas - Herbário do Museu Nacional

2 **PLANTAE CUNONIACEAE**
Weinmannia paullinifolia Pohl ex Ser. Det: Souza, A. 09/1987
R 63065 Coleta: Riedel, L.
Loc: São Paulo, Brasil cód. barras: R010064102, R010064097.
tipo de registro: PreservedSpecimen
status taxonômico: aceito, Flora do Brasil 2020
R-Fanerogamas - Herbário do Museu Nacional

3 **PLANTAE OSMUNDACEAE**
Osmunda spectabilis Willd.
R 221380 Coleta: Riedel, L.
Loc: Rio de Janeiro, Brasil cód. barras: R000221380.
tipo de registro: PreservedSpecimen
status taxonômico: aceito, Flora do Brasil 2020
R-Fanerogamas - Herbário do Museu Nacional

↑ TOP

Fonte: CRIA (Centro de Referência e Informação Ambiental). 2021. Specieslink - simple search. Disponível em <https://specieslink.net/search/>. Acesso em: 9 ago.2021.

A figura acima condiz com a pesquisa referente a “Riedel”. No canto superior é perceptiva a tabela, com os resultados relacionados com as quantidades de coletas por

¹⁰⁸ Quando demarca no formulário o país Uruguai, o sistema apresenta 4 amostras da coleção R.Tipos. Sendo duas amostras *Baccharis hirta* da família *Asteraceae* e duas *Aristolochia angustifolia* da família *Aristolochiaceae*. Se demarcar a opção “com imagens”, apenas surgem quatro amostras.

¹⁰⁹ O sistema apresenta a *Holomitrium* da família *Dicranaceae* com o número de catálogo 83765, coletada no dia 25 de maio de 1830.

coleções, e no caso, aparentemente, não constam amostras da coleção de R-Algae. Ao preencher o país como “Brasil”, o sistema sofre uma pequena alteração, ao todo são 122 amostras, as únicas coleções que sofrem alterações são a R-Bryophyta com 7 amostras e a R-Fungi com 8.

Tabela 4- Amostras de Riedel com data no speciesLink.

Data de coleta	Nome científico	Família	Número de catálogo	Coleção	Localidade	Imagem
janeiro/1833	Centrosema virginianum	Fabaceae	101529	R	Rio de Janeiro	Não
1834	Pectis rigida	Asteraceae	131562	R-TIPOS	Itu-São Paulo	Sim
1836	Connarus nodosus	Connaraceae	63996	R	Rio de Janeiro	Não
1836	Baccharis schultzei	Asteraceae	37947a	R-TIPOS	Rio de Janeiro	Sim
1836	Camptosema	Fabaceae	69950	R	Rio de Janeiro	Não
junho /1836	Coussapoa curranii	Moraceae	101292	R	Rio de Janeiro	Não
1836	Connarus nodosus	Connaraceae	63992	R	Rio de Janeiro	Não
1836	Baccharis schultzei	Asteraceae	37947	R-TIPOS	Rio de Janeiro	Sim
dezembro/1836	Diplazium plantaginifolium	Athyriaceae	1137	R	Corcovado- Rio de Janeiro	Sim
novembro/1839	Dennstaedtia cicutaria	Dennstaedtiaceae	211549	R	Gávea- Rio de Janeiro	Sim
novembro/1839	Asplenium uniseriale	Aspleniaceae	850	R	Gávea- Rio de Janeiro	Sim
outubro/1857	Sticherus bifidus	Gleicheniaceae	112	R	Petrópolis- Rio de Janeiro	Sim
outubro/1857	Diplazium cristatum	Athyriaceae	1275	R	Petrópolis- Rio de Janeiro	Sim

Fonte: CRIA (Centro de Referência e Informação Ambiental). 2021. Specieslink - simple search.

Disponível em <https://specieslink.net/search/>. Acesso em: 9 ago.2021.

Quando se pesquisa na interface sobre as datas, o sistema apresenta apenas 13 resultados, sendo estes referentes aos anos de 1833-1857. Na tabela (4) é possível perceber alguns dados sobre as amostras, tais como: mês e ano de coleta, nome científico, família, número do catálogo, coleção pertencente, localidade e se o sistema

contém imagens. Como foi abordado anteriormente, é bem possível que as datas estejam associadas ao seu percurso, quer a expedições (1826, a 1828) quer devido ao seu cargo no Museu Nacional e ao período, no qual o antigo botânico permaneceu como funcionário do governo imperial.

5.1.2. Alemanha (Berlim)

Segundo a página oficial do Museum Botanischer Garten und Botanisches Berlin¹¹⁰, o primeiro herbário foi estabelecido no século XVII por J.S. Elsholz, alguns anos antes da construção do Jardim Botânico, em 1679. Houve outras coleções em Berlim, porém o Herbário usado para fins de pesquisa foi por C.L. Willdenow (1765-1812), diretor do Jardim Botânico de Berlim (1801-1812) e professor da Universidade Friedrich Wilhelm, a partir de 1810. Em meados da década de 1810, deu-se a construção de um herbário “regular” e, em 1818, por ordem de Friedrich Wilhelm III, rei da Prússia, a aquisição da coleção Willdenow. Houve diversas aquisições de coleções, como: C. S. Kunth, Herbário de Link, uma parte do herbário de Nees von Esenbeck. Na década de 1920, o museu recebeu a coleção do herbário do “Naturhistorisches Museum zu Lübeck” e outras contribuições neste período.

Num primeiro momento, o herbário esteve em algumas salas em um prédio da Academia de Berlim, e em 1822 foi transferido para um edifício em Neu-Schöneberg. Após 35 anos, foi transferido para um prédio da Universidade de Berlim. Em 1871, o herbário passou a localizar-se no centro de Berlim e, após uma intervenção do diretor do herbário, A. Braum, um prédio começou a ser construído em 1878, tendo sido inaugurado pelo novo diretor, A.W. Eichler, como Museu Botânico Real (Königliches Botanisches Museum). Trouxe a coleção “Flora Brasiliensis” de Martius de Munique, em 1868.

Sob a direção do museu, levada a cabo por A. Engler (1844-1930) e pelo subdiretor I. Urban (1848-1931), no começo do século XX houve um desenvolvimento do espaço.

¹¹⁰ Referente ao contexto histórico do MBGB. Provém da página oficial, na íntegra. Disponível em: <https://www.bgbm.org/en/history-collections-botanical-museum-berlin-dahlem-b>. Acesso em: 4 ago.2021.

Ocorreu outra mudança de espaço do museu para Dahlem, e com o aumento das coleções e do prédio pequeno, em 1906 houve uma nova construção para abrigar o acervo do herbário em Dahlem.

No século XX, a Europa e o mundo foram atingidos por duas guerras e os espaços museológicos, consequentemente, sofreram com os conflitos. Na Primeira Guerra (1914-1918), o fluxo de profissionais diminuiu, ocorrendo, no entanto, estudos e contribuições referentes às plantas. Depois da Primeira Guerra, entre 1923-1927, E. Werdermann levou a cabo expedições na América do Sul e ocorreram outras expedições pela Europa, Ásia e América.

No começo da década de 1940, o herbário continha 4 milhões de espécies. Contudo, com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), de acordo com um relatório do Dr. H. Sleumer, do Botanical Museum, realizado em 1 de novembro de 1948 (1949, p.172), entre os anos de 1943-1945, 70% do edifício do museu foi destruído e algumas coleções perderam-se e outras foram salvas. Durante a guerra, 65 bombas e centenas de bombas incendiárias caíram sobre o terreno do Jardim Botânico (Botanical Museum, 1949, p.174). Infelizmente, a biblioteca foi totalmente destruída em 1943 e, posteriormente, adquiriram-se 20.000 volumes de livros e periódicos e cerca de 60.000 itens de reimpressões (Botanical Museum, 1949, p. 174). O Museu Botânico foi queimado em 1943, e com isso, as notas sobre a botânica e partes de espécimes do herbário perderam-se (Hackethal e Tillack, 2016, p. 73)

Depois da Segunda Guerra Mundial, a cidade de Berlim foi dividida em duas, e com isso, o museu estava no lado americano e a Universidade de Berlim no lado soviético, causando a rutura em 1946. Em meados da década de 1940, algumas coleções foram separadas e distribuídas por alguns lugares, para mantê-las a salvo. O herbário de Naturhistorischer Verein für die Preussischen Rheinlande und Westfalen, que havia sido evacuado para o Instituto de Erwir Baur em Müncheberg, acabou por “desaparecer” e foi colocado em 1964 na Universidade pelos soviéticos, retornando para o museu em 1993.

Nesta instituição algum trabalho foi realizado no sentido de identificar os coletores. No caso de Sellow, sabe-se que o seu interesse era avaliar, classificar e publicar os resultados de suas pesquisas botânicas. Ele embalava as caixas, separava-as e marcava-as com suas iniciais (Hackethal e Tillack, 2016, p. 71). Aparentemente, ele havia enviado cerca de 39 caixas grandes com plantas secas e outros recursos naturais¹¹¹. E cerca de 12.500 conseguiram sobreviver¹¹², com o conflito da Segunda Guerra Mundial, com mais de 1.500 peças coletadas por Sellow no Museu Botânico de Berlim (Hackethal e Tillack 2016, p. 72).

O herbário digital da BGBM possui 656.845 registros de espécimes, com 320.534 imagens de alta resolução. Num primeiro momento, realizando a pesquisa com o sobrenome, o banco de dados do BGBM apresenta quatro possibilidades em pesquisa detalhada: F.Sellow, Sellow, Sellow, F, Sello, ou seja, foram introduzidas variáveis do mesmo nome, o que promete recuperar-se um maior número de dados¹¹³. Com a necessidade de especificar o país e a busca por “Herbarium Friedrich Sellow, 1814-1830” com 46 amostras. Na realização da pesquisa em texto livre, o Herbário Virtual apresenta o seguinte resultado para “Sellow” (ao todo são 1.236 registros).

¹¹¹ Para saber quais os recursos, ver: Sabine Hackthal e Frank Tillack, 2016, p. 72.

¹¹² Podemos relacionar com as medidas tomadas pelo pessoal do museu, pois os mesmos enviavam algumas coleções para outros espaços, como foi referido quando da análise do contexto histórico encontrado na página da instituição. Disponível em: <https://www.bgbm.org/en/history-collections-botanical-museum-berlin-dahlem-b>. Acesso em: 4 ago.2021.

¹¹³ Pertencendo à família Sello, aparentemente o sobrenome sofreu uma alteração, o acréscimo da letra “w” no final do nome (Hackethal e Tillack, 2016, p. 65).

Tabela 5 – Resultados da pesquisa sobre Sellow no Herbário Virtual do BGBM.

Pesquisa sobre	Quantidades
Sellow	61
Brasil	44
Uruguai	12
F. Sellow	1
Sellow, F.	1.225
Brasil	1.180
Uruguai	34
Desconhecia ou não específica na América do Sul	5
Texto livre	1.236
Herbarium Friedrich Sellow	46
Brasil	45
Uruguai	1

Fonte: Curators Herbarium B (2000+). Digital specimen images at the Herbarium Berolinense. [Dataset].
Version: Data Publisher: Botanic Garden and Botanical Museum Berlin.
<http://ww2.bgbm.org/herbarium/> Acesso em: 9 ago.2021.

Figura 35 – Resultados da pesquisa por “Sellow, F” na base de dados do herbário virtual do BGBM.

JACQ

Stable Identifier: <https://herbarium.bgbm.org/object/B101183020>

Barcode: B 10 1183020

Family: ACANTHACEAE

Storage name: *Justicia axillaris* (Nees) Lindau
det. C. Ezcurra

Type status: **isotype**

Collection: Brazil: Brasília. 1814.
Leg.: Sellow, F. s.n.

more images:



JACQ

Stable Identifier: <https://herbarium.bgbm.org/object/B100242333>

Barcode: B 10 0242333

Family: ACANTHACEAE

Storage name: *Justicia floribunda* (K. Koch) Wassh.

Collection: Brazil:
Leg.: Sellow, F. s.n.

more images:



Fonte: Curators Herbarium B (2000+). Digital specimen images at the Herbarium Berolinense. [Dataset].
Version: Data Publisher: Botanic Garden and Botanical Museum Berlin.
<http://ww2.bgbm.org/herbarium/>. Acesso em: 9 ago.2021.

Em relação à pesquisa, o site apresenta alguns pontos, como: identificador estável (**Stable Identifier**), código de barras (**Barcode**), família (**Family**), nome de armazenamento (**Storage name**), país e coletor (**Collection**) e notas (**Notes**) e em alguns casos as imagens, porém em “Herbarium Friedrich Sellow” não constam imagens das amostras.

5.1.3. Rússia (São Petersburgo)

Segundo Komissarov (2010, p. 29), os arquivos referentes a Langsdorff acabaram por perder-se numa disputa entre Karl Trinius, diretor do Museu Botânico, e Fiódor Ficher, diretor do Jardim Botânico. O arquivo ficou entre as pastas do herbário, as amostras foram passadas entre o museu e o jardim por 10 anos. Depois do óbito de Trinius, em 1844, e de Ficher, 10 anos mais tarde, as amostras perderam as etiquetas com o seu nome. O arquivo da expedição foi descoberto em 1930, no Museu Botânico do Instituto Botânico da Academia de Ciências da URSS, e apreciado por Vladímír Vernádski, Nicolai Vavílov e, posteriormente, por Noemi Shprints. Infelizmente, a Segunda Guerra Mundial estava a decorrer e a população estava a sofrer com o bloqueio de Leningrado por 900 dias. Com o bloqueio, Vera Gnútcheva morreu defendendo o arquivo e a funcionária Maria Krútikova (1888-1974) sobreviveu ao bloqueio e contribuiu com o estudo referente à expedição (Komissarov, 2010, p. 31).

As atividades de Riedel, entre 1821 e 1829, junto de Langsdorff, contribuíram para um Herbário com quase 8 mil espécies e 100 mil exemplares, além de adicionar a sua coleção capológica de 5 mil exemplares e mil espécies vivas de plantas. Na década de 1830, Riedel percorreu as províncias de Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás, recolheu 2 mil amostras de espécies e 22 mil exemplares e 2 mil espécies de plantas vivas (Komissarov, 2010, p. 21).

Ania Rodríguez Alonso (2010, p. 39) refere que o Herbário possuía cerca de 100 mil exemplares e 12 mil espécies, coleções dendrológicas, frutos e sementes. Com cerca de

15% das espécies botânicas da flora brasileira determinadas e conservadas no Instituto de Botânica de Ciências.

O Instituto Botânico Komarov da Academia Russa de Ciências (Komarov Botanical Institute of the Russian Academy of Sciences¹¹⁴) é uma das instituições mais antigas da Rússia, fundada em 1714 pelo imperador Pedro I. Num primeiro momento, o objetivo era cultivar plantas medicinais, porém coletas científicas e trabalhos científicos foram iniciados. No século XVIII foi conhecida como Pharmaceutical Garden e, sob a jurisdição da Medico-Surgical Academy, tornou-se no Jardim Botânico. No ano de 1823, o Jardim Botânico Imperial foi considerado como uma das principais instituições botânicas da Europa e do Mundo. Em 1913, recebeu o nome de Peter the Great, porém, no ano de 1918, foi denominado de Main Botanical Garden of the RSFSR e, no ano de 1930, passou a ser da jurisdição da Academia de Ciências da URSS (Academy of Sciences of the USSR).

Em São Petersburgo, as instituições botânicas, o Jardim Botânico e o Museu Botânico foram fundidos em 1931 no Instituto de Botânica da Academia de Ciências da URSS. No ano de 1940, foi renomeado, em homenagem ao botânico russo Vladimir Komarov. Atualmente, o instituto inclui 20 departamentos científicos.

O Instituto possui a coleção do Herbário de Langsdorff e é possível aceder à informação e ao acervo digitalizado através do Herbarium LE¹¹⁵ e do JSTOR¹¹⁶. No caso, utilizarei o JSTOR pelo motivo da maior facilidade de acesso. Na tabela 6, é possível reparar na quantidade total de espécies digitalizadas e apresentadas no banco de dados da JSTOR, referente, de uma forma geral, às amostras compostas do herbário. É possível perceber a quantidade de peças oriundas de diversos espaços. A pesquisa apresenta o nome científico, a família a que pertence, o herbário, a coleção, tipo, coletor, a data de coleta,

¹¹⁴ O contexto histórico sobre o *Komarov Botanical Institute of the Russian Academy of Sciences* foi retirado na íntegra. Disponível em: <https://www.binran.ru/en/> Acesso em: 2 ago.2021.

¹¹⁵ Disponível em: <http://en.herbariumle.ru/> Acesso em: 2 ago. 2021.

¹¹⁶Disponível em: https://plants.jstor.org/search?si=0&ff=ps_type_ps_collection_name_str&fq=cHNfcmVwb3NpdG9yeV9uYW1lX3N0cjooldkhlcml1bSBScXNzaWFuIEFjYWRIbXkgb2YgU2NpZW5jZXMGLSBWLlBMLiBLb21hcm92IEJvdGFuaWNhbCBJbnN0aXR1dGUgKExFKSlp&filter=free_text&so=ps_group_by_genus_species+asc&Query=%28ps_repository%3ALE+AND+resourceType%3Aspecimens%29 Acesso em: 2 ago.2021.

localidade, país, identificadores, páginas e data da última modificação, sendo possível perceber o resultado da pesquisa na figura 36.

Tabela 6 - Totalidade de espécies no JSTOR do Herbarium LE.

HERBARIUM LE	ESPÉCIES
	15.171
África	1.175
Américas	5.568
Asia	4.466
Europa	920
Oceania	514
Desconhecidas	1.838

Fonte: https://plants.jstor.org/search?si=0&ff=ps_type_ps_collection_name_str&fq=cHNfcmVwb3NpdG9yeV9uYW1lX3N0cjo0khlcmlJhcm11bSB5dXNzaWFuIEFjYWRIbXkgb2YgU2NpZW5jZXMgLSBwLiBMLiBLb21hcm92IEJvdGFuaWNhbCBJbnN0aXR1dGUgKExFKSlp&filter=free_text&so=ps_group_by_genus_specie_s+asc&Query=%28ps_repository%3ALE+AND+resourceType%3Aspecimens%29 Acesso em: 2 ago.2021.

Figura 36 – Exemplo de uma amostra coletada por Riedel, identificada na Global Plants, J-Stor.


Global Plants

[Browse](#)

Names ▾ Search...

[<< Back to Search Results](#)



[View Larger](#)

Holotype of *Pauletia fusconervis* Bong. [family FABACEAE]

Herbarium Herbarium Russian Academy of Sciences - V. L. Komarov Botanical Institute (LE) , LE00002268

Collection Herbarium Specimens

Resource Type Specimens

Collector Riedel, #s.n.

Collection Date 1824/05

Locality In sylvis Morso grandi inter Parahyba et Parahybana

Country Brazil (Brazil)

Identifications Holotype of *Pauletia fusconervis* Bong. [family FABACEAE] (stored under name); Verified by Bong.

Pages 1

Data last modified 2010-08-21

[View Edit History](#)

[Open Viewer](#)

[PDF](#)

[Save Resource](#)

[Collection](#)

[Partner Page](#)

Fonte: https://plants.jstor.org/stable/10.5555/al.ap.specimen.le00002268?searchUri=q0%3D%26c1%3DAND%26q1%3D%26c2%3DAND%26q2%3D%26c3%3DAND%26q3%3D%26c4%3DAND%26q4%3D%26c5%3DAND%26q5%3D%26c6%3DAND%26q6%3D%26scope%3Dplants%26family%3D%26genus%3D%26specific_epithet%3D%26infraspecific_epithet%3D%26ps_author%3D%26collector%3DRiedel%2B%26collection_number%3D%26year_from%3D1824%26year_to%3D1824%26country%3D%26locality%3D%26herbarium_code%3DLE%26herbarium_name%3DLE%26ps_title%3D%26filter%3Dfree_text%26so%3Dps_group_by_genus_species%2Basc%26asf%3Dtrue%26Search%3D Acesso em: 2 ago.2021.

Quando se realiza a busca como coletor “Langsdorff¹¹⁷”, são apresentadas 98 espécies no total. Porém, no momento em que realiza a pesquisa por anos, como: 1774-1852 (correspondendo ao nascimento e morte de Langsdorff, embora possa ter havido incorporações posteriores), os resultados apresentam algumas divergências.

Tabela 7- Resultados da pesquisa por Langsdorff na base J-Stor.

Langsdorff	Espécies: 98
Américas	93
Desconhecidos	2
1822	1
1824	2
1825	2
1826	3
1815	1
1813-1829	1
1832	1
1835	1

Fonte: https://plants.jstor.org/search?si=0&c1=AND&c2=AND&c3=AND&c4=AND&c5=AND&c6=AND&scope=plants&collector=Langsdorff&year_from=1774&year_to=1852&herbarium_code=LE&herbarium_name=LE&filter=free_text&so=ps_group_by_genus_species+asc&asf=true&limit=100 Acesso: 2 ago.2021.

Se observarmos a tabela acima, vê-se uma divergência em relação à data dos anos da década de 1830, pois, a partir de 1829, Franz Borel visitou Langsdorff no Rio de Janeiro e apercebeu-se da situação precária mental do mesmo. Ele agia como uma criança (Komissarov, 2010, p. 27).

¹¹⁷Disponível em: https://plants.jstor.org/search?si=0&filter=free_text&so=ps_group_by_genus_species+asc&Query=%28ps_repository%3ALE+AND+resourceType%3Aspecimens%29Langsdorff&limit=100. Acesso em: 02 ago.2021.

Quando se realiza a pesquisa por coletor “Riedel”¹¹⁸ e especificando o Herbarium LE, o JSTOR apresenta 1.490 espécies coletadas (ver tabela 8). Geograficamente, a base de dados apresenta 1.350 na Américas e 37 como “Desconhecidas”. Foi realizada a pesquisa referente às seguintes datas: 1821-1829, que corresponde ao período em que Riedel chega ao Brasil e com a expedição de Langsdorff. Como foi abordado anteriormente, entre 1831-1836, Riedel dirigia a filial brasileira do Jardim Botânico de São Petersburgo (Komissarov, 2010, p.21). Igualmente, como abordado anteriormente, no ano de 1842, Riedel assume o cargo de diretor da secção de Botânica do Museu Nacional (Netto, 1870; Lacerda, 1905).

Tabela 8 - Resultados da pesquisa por Riedel na base J-Stor.

	Total	Americas	Desconhecida
Espécies	1.490	1.350	37
1821	45	43	-
1822	43	40	1
1823	67	62	1
1824	324	291	5
1825	41	40	-
1826	101	91	3
1827	35	34	-
1828	54	41	8
1829	7	5	-
1830-1836	242	232	1
1841	2	2	-

Fonte: https://plants.jstor.org/search?si=0&c1=AND&c2=AND&c3=AND&c4=AND&c5=AND&c6=AND&scope=plants&collector=Riedel&herbarium_code=LE&herbarium_name=LE&filter=free_text&so=ps_group_by_genus_species+asc&asf=true&limit=100 Acesso em: 2 ago.2021.

Como se conclui, o trabalho de pesquisa realizado apenas abre a porta à possibilidade do estudo sistemático destes dados identificados (analisar os resultados um a um). Tratou-se, apenas, de um exercício que demonstrou as dificuldades de acesso,

¹¹⁸

Disponível

em:

https://plants.jstor.org/search?si=0&c1=AND&c2=AND&c3=AND&c4=AND&c5=AND&c6=AND&scope=plants&collector=Riedel&herbarium_code=LE&herbarium_name=LE&filter=free_text&so=ps_group_by_genus_species+asc&asf=true&limit=100 Acesso em: 2.agos. 2021.

relacionadas, em parte, com a forma como a informação foi colocada nas bases, mas que poderá vir a permitir estabelecer pontes entre as coleções e os seus diferentes depósitos. Não tentamos, ainda, fazer a comparação dos dados identificados com as espécies depositadas no Museu Nacional, para perceber se existem duplicados ou se se trata de exemplares diferentes.

6. Comunicar ciência: o Brasil nas redes internacionais dos naturalistas viajantes da primeira metade do século XIX

Neste capítulo, procuramos realizar uma proposta de mediação que inclua a reconstituição dos percursos científicos daqueles naturalistas alemães (os indivíduos e as suas relações, em torno de exemplares e das expedições) no Brasil.

Trata-se de uma tentativa de contribuir para os propósitos de identificação e divulgação do Património Cultural da Ciência e Tecnologia (PCC&T) para a humanidade, de acordo com a *Carta do Rio de Janeiro sobre o Património Cultural da Ciência e Tecnologia* de 2016. No primeiro ponto, refere a relação com as dinâmicas científicas, do desenvolvimento tecnológico e do ensino, e com a memória e ação dos indivíduos em espaços de produção de conhecimento científico. Podendo ser atribuídos valores, significados e sentidos, possibilitando a sua emergência enquanto bens de valor cultural.

Num segundo momento, ressalta a importância das coleções de história natural, e em especial, a flora através dos herbários. Na Conferência de Manchester, em 1995, por John R. Nudds (1997, p.ix), ele evidencia o valor das coleções de ciências naturais cientificamente, culturalmente e financeiramente.

Como é salientado por Mann (1997, p. 77), é através dos herbários que podemos descobrir, catalogar e compreender as diversas espécies; identificar o material biológico em relação aos aspectos da biologia, da conservação e do melhoramento de novos medicamentos e produtos vegetais; compreender a aplicação dos nomes e dos tipos de espécies; perceber as mudanças temporais das espécies, pois um herbário auxilia na identificação do espaço e do tempo; permite fazer a monitorização das mudanças ambientais e, em alguns casos, relacionar a “etnobotânica” com as informações sobre os usos das plantas; a história das explorações com os dados dos coletores; o treinamento taxonômico e a relação com as coleções de espécies vivas¹¹⁹.

¹¹⁹ Mann (1997, p. 77-78) além de fazer uma abordagem sobre os herbários, Mann aborda a importância dos espaços e das coleções de espécies vivas.

Num terceiro momento, é importante evidenciar a importância dos espaços museológicos e as exposições, como é comentando por Carla Gruzman e Vera Helena F. de Siqueira (2007, p. 408). Os espaços museológicos possuem como funções: o de preservar, conservar, pesquisar, comunicar, expor e são voltados para o estudo, o lazer e a educação. Segundo Alice Semedo, Rafaela Ganga e Célia Oliveira (2018, p. 23), os espaços museológicos introduzem inovações e criatividade nas abordagens e os profissionais necessitam planejar estratégias para o desenvolvimento dos desafios lançados na atualidade.

De facto, o MNRJ tomou medidas em relação às exposições. Desde o incêndio, em 2018, o museu tem criado diversas exposições em espaços culturais no Rio de Janeiro¹²⁰ e em ambiente virtual¹²¹. No ano de 2020, a população precisou de se adaptar às medidas sanitárias impostas por órgãos competentes para tentar conter a propagação do Sars-Cov-2. Com a quarentena, os espaços culturais e educacionais tiveram de se adaptar tecnologicamente e, por isso, pretendeu-se apresentar um projeto de uma exposição *online*, criando uma experiência única e que permitiu aceder a diferentes públicos, desde que com acesso à *web*.

A proposta deste projeto é apresentar a possibilidade de elaboração de conteúdos para uma exposição online, que conecte as redes científicas internacionais forjadas pelos naturalistas botânicos, como um contributo para a construção e a divulgação da história da ciência. Daí o título deste projeto ser **“Comunicar ciência: o Brasil nas redes internacionais dos naturalistas viajantes da primeira metade do século XIX”**. Esta dissertação procura ser um auxílio para a montagem de uma exposição virtual, na qual

¹²⁰ Com a seguinte exposição, “Quando Nem Tudo Era Gelo- Novas Descobertas no Continente Antártico” que teve lugar no Museu Casa da Moeda do Brasil, a exposição que ocorreu na Caixa Cultural do Rio de Janeiro, “Santo Antônio de Sá: Primeira Vila do Recôncavo da Guanabara” e a exposição que ocorreu na sede do Arquivo Nacional, “Os Primeiros Brasileiros”. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/index.html> Acesso em: 16 set.2021. A exposição “Arqueologia do Resgate”, na qual as peças resgatadas foram expostas no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) em 2019. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2019/02/museu-nacional-vive-arqueologia-do-resgate/> Acesso em: 16 set.2021.

¹²¹ Com o incentivo do Projeto Museu Nacional Vive com a cooperação da UFRJ, Unesco e Instituto Cultural Vale, a exposição virtual “Os Primeiros Brasileiros”. Disponível em: <https://osprimeirosbrasileiros.mn.ufrj.br/pt/> Acesso em: 16 set. 2021.

se aplica a informação contida nesta nossa investigação, mediada através do uso de diferentes suportes e recursos que permitam chegar a diferentes públicos (vídeos com legendas e em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), textos, áudios, figuras, imagens e o uso de cartografia para se situar no espaço-tempo).

A exposição seria subdividida em duas partes: a primeira, denominada de “Os naturalistas estrangeiros e as expedições no Brasil durante a primeira metade do século XIX” e a segunda de “As redes científicas nacionais e internacionais”.

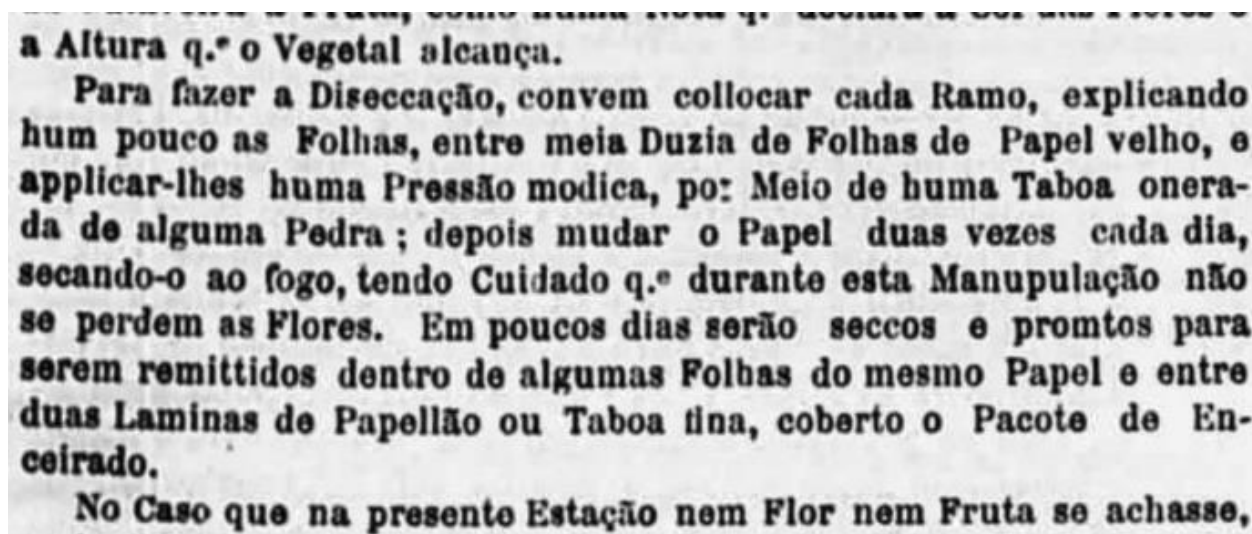
A primeira parte, enquadrada por um friso cronológico que apresentaria os contextos históricos (nacionais – governação – e internacionais – convulsões; políticas de exploração colonial; criação de instituições académicas e museus, jardins, etc.) seria subdividida entre:

- Naturalistas e demarcaria a diferença e as formas de trabalho entre os naturalistas e os viajantes naturalistas;
- O contexto histórico das expedições;
- As redes estabelecidas entre as expedições e os viajantes-naturalistas;
- As expedições realizadas por Georg Heinrich von Langsdorff e de Maximilian zu Wied-Neuwied, apresentando a trajetória da viagem e a biografia dos companheiros cientistas das expedições.

Na segunda parte, apresentaria “As redes científicas nacionais e internacionais”:

- A biografia de Ludwig Riedel e Friedrich Sellow;
- Explicaria o ofício de botânico e a importância para o século XIX e a atualidade;
- O manuseio das amostras. A explicação da coleta, o acondicionamento e o despacho das amostras / espécies por terra e por mar. Como na figura (37), sobre a forma de herborização de um vegetal.
- Os contextos históricos e a importância dos herbários;
- As contribuições dos botânicos Riedel e Sellow na constituição de uma rede entre os herbários do Brasil e da Europa.

Figura 37 – Explicação de dissecação de uma planta por Sellow em 1831.



Fonte: Officio do Naturalista Sellow sobre a descoberta de uma planta útil na Província de Minas Gerais em 1831 (1898), *Revista Archivo Publico Mineiro* (vol.03), Imprensa Oficial de Minas Gerais, Ouro Preto, p.275-277.

Propomos as seguintes atividades:

- Um vídeo (com legendas e em LIBRAS) de um manual de herborização de planta com a utilização de ferramentas e materiais sustentáveis /ou de fácil acesso. Com dicas sobre a coleta, secagem, prensagem e a montagem de uma etiqueta (nome popular, nome científico, data da coleta e a localidade). Auxiliando na construção de um pequeno herbário e da importância do mesmo para a humanidade.
- A realização de uma discussão sobre as ferramentas e os meios de transporte utilizados no século XIX e na atualidade, observando nos mapas os trajetos dos viajantes para o auxílio das locomoções. Principalmente, o entendimento dos meios sustentáveis, a preservação do meio ambiente e os desenvolvimentos tecnológicos (ferramentas e meios de transporte) ao longo dos séculos.
- Uma discussão sobre a identificação do patrimônio natural e científico, e a importância para a sociedade brasileira, principalmente na atualidade com o negacionismo científico¹²².

¹²² Para saber mais, ver: Vilela, M. L. e Selles, S. E (2020).

- A montagem de uma exposição de desenhos de plantas, elaboradas pelos pintores que acompanharam as viagens, a mesma planta/espécie/ no Herbário do Rio de Janeiro, e um outro exemplar num dos Herbários europeus já apresentado no capítulo anterior.

Como Adriana Mortara Almeida (2005, p. 32) aponta, os visitantes são participantes ativos nas exposições. O visitante está pronto a construir o seu percurso e com diferentes variações, segundo o seu desejo, motivação, necessidades e companheiros. Almeida (2005), associa o visitante ao contexto social, pessoal e físico, de acordo com o modelo por John Falk e Lynn Dierkung (1992). Segundo Almeida (2005, p. 33-34), o primeiro diz respeito aos contatos com diversas pessoas ao longo da exposição; o segundo às motivações, conhecimentos e crenças e o terceiro, ao ambiente. Temos a consciência de que uma exposição online não permite atingir todos os pontos levantados, e em especial, a experiência de se deslocar ao museu e o contato com os profissionais do espaço.

Como poderíamos invocar ao visitante diversas sensações e aprendizagem com a exposição? Como foi referido por José Luis Ferraro (2020, p. 64), o espaço-museológico e o sistema da aprendizagem são complementares ao conhecimento, como os museus seriam salas de aulas ou uma extensão delas, e as exposições, acervos e coleções se transformam em uma ferramenta para alcançar o conhecimento.

Considero a exposição para diversas faixas etárias, pois como foi comentado por Frieda Maria Marti e Edméa Oliveira dos Santos (2019, p. 44), o leitor, na internet, pode traçar o seu caminho, escolhendo a sua própria leitura e o acesso à informação. A única faixa etária para a qual considero relevante haver um medidor é a faixa etária entre os 13 aos 17 anos, funcionando o professor como mediador da exposição. Como foi apontado por Ferraro (2020, p. 66), o acesso à ciência, aos ambientes relacionados com o conhecimento científico, o contato com cientistas e o estímulo ao consumo de ciências por meio dos media não estão ao alcance de todas as famílias, por diferentes razões, mas sim, são estimulados pela escola.

Considerações Finais

No início desta dissertação propusemo-nos a seguir um conjunto de passos, que nos permitissem reunir informação, interpretá-la e mediá-la. Apresentámos fontes de informação e sublinhámos as que considerávamos fundamentais, por responderem aos nossos objetivos.

Num momento de difícil acesso a bibliografia em suporte papel, foi essencial o acesso a várias obras digitalizadas e verificámos, com satisfação, que muita informação foi possível acessar. Destacamos as obras de Ladislau Netto (1870) e João Batista de Lacerda (1905), diretores do Museu Nacional do Rio de Janeiro e que olharam para o passado do funcionamento dos primeiros passos do Museu, uma compreensão maior da fundação e da sua orgânica. Outros estudos permitiram-nos compreender sobre o primeiro projeto de espaço museológico do Brasil, a antiga Casa dos Pássaros, no final do século XVIII e como ele se transformou.

A possibilidade em conhecer a formação da Seção de Botânica na década de 1840 e a constituição do herbário, hoje conhecido como Herbário (R) do Museu Nacional do Rio de Janeiro, aproximou-nos das medidas adotadas e as doações prestadas pelo seu primeiro diretor, Ludwig Riedel. Mas percebeu-se que houve uma conjuntura favorável à sua instalação, associada à Família Real no Brasil, à ação de alguns ministros, e a um quadro geral de renovação das relações com outros países europeus com a abertura dos Portos do Brasil em 1808, criando condições para o aumento de viajantes em território brasileiro.

O ambiente científico internacional foi explorado, percebendo-se a relevância da influência de Alexander von Humboldt, dos seus contactos com os viajantes naturalistas e a sua contribuição para a ciência no século XIX, assim como da circulação de Instruções que guiavam os processos de coleta de espécies que viriam a constituir as coleções do museu e herbário no Rio de Janeiro assim das da Europa.

Fizemos uma identificação de viajantes alemães que andaram pelo Brasil e focamo-nos em fontes de informação essenciais. As obras que abrangem os relatos de viagens “Viagem ao Brasil de Wied-Neuwied” e “Os Diários de Langsdorff” permitiram a

compreensão das esferas políticas, económicas, sociais, religiosas, históricas e territoriais do Brasil e de outras localidades. A obra “Viagem ao Brasil de Wied-Neuwied” integra uma expedição anterior à criação do antigo Museu Real. A sua leitura sistemática permitiu perceber que muitos dos acontecimentos descritos pelo príncipe Wied-Neuwied foram, frequentemente, descritos posteriormente, elaborados de forma a relacionar as informações do terreno com outros estudos, acrescentar expedições que foram feitas posteriormente. O que sublinhámos foi o que sobre o botânico Friedrich Sellow ele escreveu, num período anterior a este assumir o seu posto como coletor do Museu Real, e, por outro lado, como deu a conhecer diversos ensaios científicos anteriores à sua própria publicação. Já os “Diários de Langsdorff” mostraram um maior detalhe no que diz respeito à indicação dos exemplares colhidos, mas ficou claro que a sua organização, nas circunstâncias em que se realizou (à posteriori), não usou critérios uniformes e o mesmo nível de detalhe. De qualquer forma, o recorte das paisagens, a ação de Riedel e das coletas de diversas espécies, a doença, a dor, os conflitos entre a equipa, são elementos muito mais vivos nos escritos por Langsdorff na década de 1820. Procurou-se colocar as indicações toponímicas nas bases cartográficas produzidas em épocas próximas às expedições, embora nem sempre as tivéssemos conseguido localizar. Percebem-se, assim, os trajetos realizados, as barreiras encontradas (nomeadamente as alfândegas, o controlo dos governadores, o clima extremo, a falta de materiais), o que nos concedeu um discernimento a respeito dos viajantes naturalistas estrangeiros em território brasileiro e sobre o ofício dos botânicos, os materiais e as técnicas aplicadas naquele momento.

Perante estas expedições, e as notícias de que muitas plantas foram levadas para a Europa, a hipótese era a da existência de exemplares, hoje, em instituições científicas criadas à época, reconstituindo uma rede que engloba o Brasil e o liga a outros pontos do globo, conectando os cientistas que caminharam e velejaram por espaços “desconhecidos” do país. Fizemos o exercício, que nos pareceu relevante, de usar os instrumentos de acesso à informação e à interligação das redes em ambiente digital que várias instituições, nacionais e internacionais desenvolvem. Em relação ao Herbário (R) do Museu Nacional do Rio de Janeiro, o acesso através da bases de dados speciesLink

foi essencial. O mesmo se fez noutras bases de dados que localizamos, na Europa, e observamos as possibilidades (mas também as limitações) da pesquisa em relação as amostras colhidas por Ludwig Riedel e Friedrich Sellow.

Refletiu-se sobre a importância dos espaços museológicos, em particular sobre os museus de história natural, ciências e jardins botânicos como espaços que albergam um património científico (PCC&T) herdado e que continua a ser explorado e estudado, com responsabilidades na sua identificação, preservação e divulgação, para estudos atuais ou futuros sobre diversas áreas do conhecimento e das ciências. Ficou claro que as bases de dados usadas são muito importantes, mas com muitos problemas de definição de categorias informação uniformes, para que a pesquisa dê bons resultados.

Finalmente, fizemos uma tímida proposta de mediação patrimonial “Comunicar ciência: o Brasil nas redes internacionais dos naturalistas viajantes da primeira metade do século XIX”, cujo título, sendo ambicioso, quer evidenciar a riqueza da informação dos relatos de viagens que ligam os homens à natureza, que reconstituem percursos em torno de exemplares de plantas transportadas pelos viajantes naturalistas e botânicos. Propõem-se algumas atividades que estabeleçam a relação entre o público(s)-alvo, o herbário e o espaço museológico, dando valor aos recursos naturais, à sua história, à sua diversidade, como contributos para a compreensão de um património que dá sentido à evolução da ciência e da tecnologia, para a compreensão dos percursos cruzados dos homens e da natureza.

Fontes de informação utilizadas

Cartografia

Bueno, F. A. P. (1887) *Carta da provincia de Matto Grosso organizada em 1880...* Rio de Janeiro, RJ: Archivo Militar. 1 mapa em 4 fls, 15 x 13. Escala 1:700.000 Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart173939/cart173939.html

Acesso em: 14 set. 2021.

Burmeister, H. (1850) *Karte zur Ubersicht von Reise in Brasilien*. Berlin [Berlim, Alemanha]: Geo-lithograph Anst. v. H. Mahlmenn. 1 mapa, 45,5 x 29cm em f. 48 x33. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart208488/cart208488.html. Acesso em: 1 jul. 2021.

Carta geographica da Provincia do Rio de Janeiro. (1823). 1 mapa ms., desenhado a nanquim, 61,4 x 96,4cm em f.64 x 98,3cm. Escala [ca. 1:112.236] Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart171000/cart171000.html . Acesso em: 14 jul. 2021.

Carta geographica e topographica da Provincia da Bahia... (1855). 1 mapa ms, desenho a nanquim, 69 x 78 cm. em fl. de 62 x 70. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart249888/cart249888.html . Acesso em: 9 jul. 2021.

Carta topographica e administrativa da provincia de Minas Geraes. (1849) Rio de Janeiro, RJ: Garnier Irmãos, 1849. 1 mapa, il. col., 84 x 57 cm. Escala: 1:9144 Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart537140/cart537140.html. Acesso em: 1 jul. 2021.

E'ditions de la Martinière. (1861) *Carta chorographica da provincia do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Lith. Impl. de Ed. Rensbury. 1 mapa, 60 x 62cm. em folha 71 x 72. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart174492/cart174492.html . Acesso em: 14 jul. 2021.

Mappa geographico da capitania de Matto Grosso formado no anno de 1802: no qual mappa vão configurados exactamente os rios Amazonas, Negro, Madeira, parte do Mamoré, Guaporé, Itunamas, Baurés e os terrenos desde villa Bella até a do Cuiabá, e a extrema com a provincia hespenholla de chiquitos assim como os rios Jaurú, Paraguay, Cuiabá, Taguarí, Cochim, Pardo e Tieté. Correctos todos segundo as obsservações astronomicas que em todos se fiserão (1853). 90,5 x 68, 8cm. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart177680/cart177680.html

Acesso em: 7 set. 2021.

Müller, D. P. (1841) *Mappa chorographico da provincia de San Paulo*. Paris [França]: A. Orgiazzi. 1 mapa em 2 seções, cada seção 107,6 x 78,2 em f. 102,6 x 75,7. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart176169/cart176169.html . Acesso em: 2 set. 2021.

Niemezer, C. J. de. (1839) *Carta corographica da provincia do Rio de Janeiro, segundo os reconhecimentos feitos pelo Coronel Conrado Jacob de Niemeyer [e outros]*. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart164664/cart164664.html . Acesso em: 28 set. 2021.

Thüringer Universitäts und Landesbibliothek JENA. (1862) *Mapa original encomendado pelo Governo da Província de Minas Gerais, apoiado em antigos mapas e incorporando novas medições e observações anotadas pelo engenheiro civil H. G. F. Halfeld, entre os anos de 1836 e 1855, mapa projetado e desenhado por Friedrich Wagner*. Disponível em: http://archive.thulb.uni-jena.de/hisbest/rsc/viewer/HisBest_derivate_00015722/Mittheilungen_Perthes_ErgBl_129602493_1862_09_0047.tif. Acesso em: 16 jul.2021.

Vasconcellos, J. J. S. (1856) *Carta da provincia do Espírito Santo: com parte da provincia de minas que lhe está adjacente*. Rio de Janeiro, RJ: Lith. Imperial de Rensbury. 1 mapa, 43 x 49cm. sobre folha 52 x 58. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart528776/cart528776.html

Acesso em: 14 jul. 2021.

Villiers de L'île-Adam, J. de. (1849) *Carta topographica e administrativa da provincia de Minas Geraes*: Erigida sobre os documentos mais modernos pelo Vcde. de Villiers de L'île Adam. Rio de Janeiro, RJ: Garnier Irmãos. 1 mapa, col. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart67925/cart67925_13.html. Acesso em: 1 jul. 2021.

Villiers de L'île Adam, A. (1857) *Carta topographica e administrativa da provincia de Bahia*: erigida sobre documentos mais modernos. Rio de Janeiro, RJ: B. L. Garnier. 1 mapa, 52 x 58cm em f. 62 x 68. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart541257/cart541257.html Acesso em: 8 jul. 2021.

Wagner, F. (1863) *Carta chorographica da provincia de Minas Gerais*: coordenada e desenhada em vista dos mappas chorographicos antigos e das observações mais recentes de vários engenheiros. Rio de Janeiro, RJ: Lith. do Archivo militar. 1 mapa, litografado, 67 x 76. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart309977/cart309977.html

Acesso em: 12 jul. 2021.

Legislação

1818-06-06- Decreto do dia 06 de junho de 1818 / Crêa um Museu nesta Côrte, e manda que elle seja estabelecido em um prédio do Campo de Santa'Anna que mande comparar e incorporar aos próprios da Corôa. In: Collecção das Leis do Brazil de 1818. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.

1821- 10- 24 – Decisão nº 69 do dia 24 de outubro de 1824 / Manda facultar ao publico a vista do museu na quinta-feira de cada semana. In: Collecção das Decisões do Governo do Brazil de 1821. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1889

1822- 08-13- Decisão nº 94 do dia 13 de agosto de 1822 / Crêa o logar de Escrivão do Museu Nacional desta Côrte sem vencimento algum. In: Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brazil de 1822. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1887.

1824- 11- 19- Decreto de 19 de novembro de 1824 / Augmenta com 100\$000 o ordenado do Porteiro e guarda do Museu Nacional e Imperial. In: Collecção das Leis do Brazil de 1824, parte 2 °. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886.

1824- 12-15- Decisão nº 266 do dia 15 de dezembro de 1824 / Crêa um Laboratorio chhimico no Museu Nacional. In: Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brazil de 1824. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1886.

1825- 07- 20 – Decisão nº 155 do dia 20 de julho de 1825 – Recommenda a remessa ao Museu Imperial e Nacional dos productos dos tres reinos da natureza com que convier enriquecel-o e bem assim os artefactos dos indios. In: Collecção das Decisões do Governo do Imperio do Brazil de 1825. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1885.

1842-02-03 – Regulamento nº 123 de 03 de fevereiro de 1842 / Dá ao Museo Nacional huma organização accommodada á melhor classificação, e conservação dos objectos. In: Collecção das Leis do Imperio do Brasil de 1842, tomo V, parte II. Rio de Janeiro: Na Typographia Nacional, 1843.

1937-11-30- Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Diário da República: 1 seção, página 24056 (1937). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-25-30-novembro-1937-351814-publicacaooriginal-1-pe.html> . Acesso em: 30 jul. 2021.

Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.mast.br/images/pdf/Carta-do-Rio-de-Janeiro-sobre-Patrimnio-Cultural-da-Cincia-e-Tecnologia.pdf> . Acesso em: 30. jul. 2021

Referências bibliográficas e documentais

Albuquerque, F. T. (1997) As Descobertas Recentes da Genealogia de Georg Heinrich von Langsdorff. p. XXVII- XXXV. In: Silva, D.G.B (org), Komissarov, B.N., et al., eds. *Os Diários de Langsdorff*. Tradução Márcia Lyra Nascimento Egg e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. vol.1.

Almeida, A. M. (2005) O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), p. 31-53.

Alonso, A. R (2010) Desvelando a expedição Langsdorf p. 37-45. In: *Expedição Langsdorff* [catálogo de exposição]. 2010. Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Alves, R.J.V; da Costa, A.F; de Senna-Valle, L; Menezes, M e Martins, V.L.C. (2015) Herbário do Museu Nacional, Rio de Janeiro (R). Herbários do Brasil- 66º Congresso Nacional de Botânica. *UNISANTA Bioscience* vol.04, nº6, edição especial, p.388-392.

Andrä, H. (1962) Alexander von Humboldt e as suas relações com o Brasil. *Revista de História*. v.25 n.52. p.387-403.

Augel, M. P. (1975) *Visitantes Estrangeiros na Bahia Oitocentista*. (Dissertação de Mestrado de Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia), Salvador, Bahia.

Barifouse, R. (2018) Número de visitantes do Museu Nacional em 2017 foi inferior ao de brasileiros que estiveram no Louvre. *G1*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/09/03/numero-de-visitantes-do-museu-nacional-em-2017-foi-inferior-ao-de-brasileiros-que-estiveram-no-louvre.ghtml>>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Barreto, C. de B. [et al.] (1962) *O Brasil monárquico: o processo de emancipação*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. (História geral da civilização brasileira, t. 2, v.1).

Becher, H; Komissarov, B. N; Braga, M.P. (1997) As Viagens de Pesquisa de Langsdorff pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais p. IX-XI. In: Silva, D.G.B (org), Komissarov, B.N., et al., eds. *Os Diários de Langsdorff*. Tradução Márcia Lyra Nascimento Egg e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. Vol.1.

Brandão, J.M. (1996) Acordo Internacional sobre o valor das Coleções de Ciências Naturais. *Cadernos de Museologia*, n.º 05, p. 159-163.

Brigola, J. C. (2003) *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: FCT Fundação Calouste Gulbenkian.

Camenietzki, C. Z. & Kury, L. B. (1997) Ordem e Natureza. Coleções e Cultura Científica na Europa Moderna. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 29, p. 57-85.

Castro y Ordoñez, R. (1862) *Campo de Sant'Anna: lado do museu*. Rio de Janeiro, RJ: [s.n.], 1862. 1 foto, papel albuminado, p&b, 16,4 x 24,6 cm. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon21044/icon1018540.html . Acesso em: 27 jan. 2021.

Cherniávski, S. (2010). Mapas da Expedição Langsdorff da Coleção do Arquivo Naval Russo.p.11-13. In: *Expedição Langsdorff* [catálogo de exposição]. 2010. Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Costa, C. R. (2008) *O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua viagem ao Brasil (1815- 1817)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Doi: 10.11606/D.8.2008.tde-15042009-150645

Cury, M. X. (1999) Museu, filho de Orfeu, e musealização. In *Museología, Filosofía e identidad en América Latina y el Caribe = Museologia, Filosofia e identidade na América Latina e no Caribe*. Coro: ICOFOM LAM

D'Almeida, J.M.; Dantas, R.M.M.C. (2018) Casa dos pássaros: local de preparação de material zoológico a ser enviado para Portugal. *História da Ciência e Ensino. Construindo Interfaces*. Vol. 8, p.3-22.

Damasceno, W. M. F. (2014) Uma abordagem sócio-histórica das coleções principescas e dos gabinetes de curiosidades. *Revista Eletrônica Ventilando Acervos*, Florianópolis, v.2, n.2, p-35-53.

Dantas, R.M.M.C. (2007) *A Casa do Imperador: Do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Dantas, R.M.M.C. (2013) Considerações sobre o Paço de São Cristóvão e o Museu Nacional. *Reflexões, Roteiros e Acessibilidade*. Editora da UFRJ: Rio de Janeiro, p. 15-21.

Falk, John e Dierking, Lynn (1992) *The Museum experience*. Washington, DC. Whalesback Books.

- Fernandes, A. C. S.; Henriques, D. D. R. (2013) José da Costa Azevedo e Custódio Alves Serrão: da formação na Universidade de Coimbra à estruturação do Museu Nacional no Brasil. In *História da Ciência Luso-Brasileira. Coimbra entre Portugal e o Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 197-206. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/jos%C3%A9%20da%20costa%20azevedo%20e%20cust%C3%B3dio%20alves%20serr%C3%A3o%20da%20forma%C3%A7%C3%A3o%20na%20universidade%20de%20coimbra%20%C3%A0> . Acesso: 8 set.2021.
- Ferraro, J. L. (2020) A Estética da Experiência Museal: uma reflexão sobre a educação em museus de ciências. In: orgs. Castro, F; Soares, O e Costa, A. *Educação Museal: conceitos, história e políticas*. História da Educação Museal no Brasil & Prática político-pedagógica museal. Museu Histórico Nacional.
- Florence, F. (2020) Langsdorff: amnésia e transtorno mental. *Instituto Hercule Florence de Estudos da Sociedade e Meio Ambiente do século XIX Brasileiro*. Disponível em: <https://www.ihf19.org.br/pt-br/notas-reflexoes/langsdorff-amnesia-e-transtorno-mental,4> . Acesso em: 13 set.2021.
- Florence, Hércules. (2007) *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Trad.: Visconde de Taunay, Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial.: (Edições do Senado Federal; v. 93) p.327.
- Gomes, A. L. A., & Lopes, M. M. (2019) O processo de tombamento da primeira sede do Museu Nacional na atual Praça da República - Rio de Janeiro. *Tempo*, 25(3), 647-666. Epub October 21, 2019. <https://dx.doi.org/10.1590/tem-1980-542x2019v250306>
- Granato, M., Araújo, B.de, & Ribeiro, E. (2020) Patrimônio cultural da ciência e tecnologia (PCC& t). In CARVALHO A. & MENEGUELLO C. (Eds.), *Dicionário temático de patrimônio: Debates contemporâneos* (pp. 139-144). Brasil: SciELO – Editora da Unicamp.
- Granato, M; Ribeiro, E. S; de Araújo, B. M. de. (2018) Cartas Patrimoniais e a Preservação do Patrimônio Cultural de Ciência e Tecnologia. *Informação & Informação*. V. 23, nº 3, set/dez, 2018, pp.202-229. Disponível em <http://arquivistica.fci.unb.br/informacao-informacao/cartas-patrimoniais-e-a-preservacao-do-patrimonio-cultural-de-ciencia-e-tecnologia/>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- Gruzman, C.; Siqueira, V. H. F. O papel educacional do Museu de Ciências: desafios e transformações conceituais. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 6, n. 2, p. 402-423, 2007.
- Guimarães. S, L. M. P. (2001) Memórias partilhadas: os relatos dos viajantes oitocentistas e a idéia de "civilização do cacau". *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, vol. VIII (suplemento), 1059-70.

Hackethal, S & Tillack, F. (2016) Im Auftrag Preußens: Friedrich Sellow in Brasilien (1814-1831). In: Kwet, Axel & Manfred Niekisch (Hrsg.) Amphibien und Reptilien der Neotropis. Entdeckungen deutschsprachiger Forscher in Mittel- und Südamerika. *Mertensiella* 23, Basiliken-Presse, Rangsdorf, 64-79.

Instrução para os viajantes e empregados nas colonias sobre a maneira de colher, conservar, e remetter os objectos de historia natural. (1819) Arranjada pelo administração do R. Museu de História Natural de Paris trad. por ordem de sua Magestade Fidelissima... do original francez impresso em 1818. *Impressão Regia*, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/bibliography/51899>. Acesso em: 28 jul.2021.

Julião, L. (2006) Apontamentos sobre a História do Museu. In: *Caderno de Diretrizes Museológicas*. Brasília: Ministério da Cultura / Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, pp. 17-30.

Komissarov, B.N. (1997) As Relações Diplomáticas e Comerciais entre Rússia e Brasil na Época de Langsdorff. p. XIII-XXII. In: Silva, D.G.B (org), Komissarov, B.N., et al., eds. *Os Diários de Langsdorff*. Tradução Márcia Lyra Nascimento Egg e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. Vol.1.

Komissarov, B.N. (2010). Langsdorff: com o Brasil, para Sempre. P.15-35 In: *Expedição Langsdorff* [catálogo de exposição]. 2010. Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Kury, L. (2001) Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 8(Suppl.), 863-880. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000500004>

Lacerda, J.B.de (1905) *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro: recordações históricas e scientificas fundadas em documentos authenticos e informações verídicas*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.

Magalhães, B. de. (1919) Biographia de Antonio Luiz Patricio da Silva Manso. *Archivos do Museu Nacional*. Vol. XXII, p.77-96.

Mann, D. G. (1997). The economics of botanical collection. In: (eds) Nudds, J.R. & Pettitt, C.W. (1997) *The value and valuation of natural science collections*. Geological Society. London.

Marti, F., & Santos, E. (2019) Educação museal online: a educação museal na/com a cibercultura. *Revista Docência e Cibercultura*, 3(2), 41-66. doi:<https://doi.org/10.12957/redoc.2019.44589>

Martins, L.B. (2008) *Porto Alegre dos Viajantes: 1800-1850 (RS)*. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Mattos, R. de. (2017) Versões e interpretações: revisitando a historiografia sobre a abertura dos portos brasileiros (1808). *HiSTORElo. Revista de Historia Regional y Local*, v.9, p. 471-506.

Moraes, P. L. R. de; Smedt, S. de; Hjertson, M. (2014) Notes on the Brazilian plants collected by Georg Wilhelm Freyreiss and published by Carl Peter Thunberg in *Plantarum Brasiliensium. Harvard Papers in Botany*, vol.19, n.1, p.123-132.

Motta, F. M. de. V.; Silva, R. A. R. da.(2020) A adoção de tecnologias digitais na reconstrução do patrimônio: relato da experiência do Museu Nacional, Brasil. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.30, n.2, p. 1-16, abr./jun. Disponível: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/52260/30678>. Acesso: 22 ago. 2021.

Netto, L. (1870). *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro: acompanhadas de uma breve notícia de suas collecções e publicadas por ordem do Ministério da Agricultura*. Instituto Philomatico. Rio de Janeiro.

Novaes, M. G. L.; Machado, D. M. da C. (2021) Reflexão sobre a política de preservação e gestão do patrimônio científico universitário brasileiro, p.100-130. In: orgs. Ribeiro, E. S; Araújo, B.M.de; Granato, M. *Cadernos do patrimônio da ciência e tecnologia epistemologia e políticas* [recurso eletrônico]. Disponível em <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/6>. Acesso: 10 jan. 2021;

Nudds, J.R. & Pettitt, C.W. (eds.) (1997) *The value and valuation of natural science collections. Proceedings of the international conference. Manchester 1995*. London: Geological Society.

Officio do Naturalista Sellow sobre a descoberta de uma planta útil na Província de Minas Gerais em 1831 (1898), *Revista Archivo Publico Mineiro* (vol.03), Imprensa Oficial de Minas Gerais, Ouro Preto, p.275-277.Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=122&op=1> Acesso em: 10 nov.2020.

Oliveira, C.E.F. de (2010). Estevão Ribeiro de Rezende, o Marquês de Valença: política, magistratura e construção do estado nacional. *Embornal: revista eletrônica da ANPUH-CE* v. 1, p. 1-18.

Ossenbach, C. (2018) Orchids in the era of Grigory von Langsdorff: two golden decades in the history of the botanical exploration of Brazil (1813-1830). *Lankesteriana*

International Journal on Orchidology, 18(2), 111-149. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=44357779004>

Pataca, E. M. (2016) Coleta, Transporte e Aclimação de Plantas no Império Luso-Brasileiro (1777-1822). *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 5, p. 88-108.

Pataca, E.M., Pinheiro, R. (2005) Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro. *REVISTA DA SBHC*, v. 3, n. 1, jan./jun., p. 58-79

Pedersoli JR., J. L., Antomarchi, C. & Michalski, S. (2017) Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico, *IBERMUSEUS, ICCROM*. Trad. da versão original do ICCROM-CCI.

Peralta, E. Anico, M. (2006) Introdução p.1-14. In: orgs. Peralta, E & Anico, M. *Patrimônios e Identidades: Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora.

Raffaini, P. T. (1993) Museu contemporâneo e os gabinetes de curiosidades. *Revista do Museu Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 159-164.

Sampaio, A. J. de. (1919) A secção de Botânica no primeiro século de existência do Museu Nacional. *Arquivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, v. 22, p.39. Disponível em: https://www.museunacional.ufrj.br/semear/docs/Listagem_de_artigos_e_periodicos/artigo_SAMPAIO-ALBERTO.pdf. Acesso: 13 ago.2021.

Sant'Anna, S.M.P.; Bosisio, R. de A. D. (2010) *Inovações tecnológicas e transferências tecnocientíficas: a experiência do império brasileiro*. Vol. I. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre de Gusmão. Disponível [http://funag.gov.br/loja/download/0750 catalog inovacoes tecnologicas vol1.pdf](http://funag.gov.br/loja/download/0750_catalog_inovacoes_tecnologicas_vol1.pdf). Acesso em 20 set. 2021.

Santos, P. C. dos. (2011) *O Ceará investigado: a Comissão Científica de 1859*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.

Schwarcz, L. M. (1993) *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Sforzi, A., Tweddle, J., Vogel, J., Lois, G., Wägale, W., Lakeman-Fraser, P., Makuch, Z., & Vohland, K. (2018) Citizen science and the role of natural history museums. In: Hecker, S., Haklay, M., Bowser, A., Makuch, Z., Vogel, J. & Bonn, A. 2018. *Citizen Science: Innovation in Open Science, Society and Policy*. UCL Press, London. p.429-444. <https://doi.org/10.14324/111.9781787352339>

Silva, D.G.B (org), Komissarov, B.N., et al., eds. (1997) *Os Diários de Langsdorff*. Tradução Márcia Lyra Nascimento Egg e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. vol.1.

Silva, DGB., org., KOMISSAROV, BN., et al., eds. *Os Diários de Langsdorff* [online]. Translation Márcia Lyra Nascimento Egg and others. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. vol. 2. ISBN 85-86515-03-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

Silva, DGB., org., KOMISSAROV, BN., et al., eds. *Os Diários de Langsdorff* [online]. Translation Márcia Lyra Nascimento Egg and others. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. vol. 3. ISBN 85-86515-04-3.

Silva, P.V.A. da, Kubrusly, R.S. (2011) Os arquivos do museu nacional e a promoção das ciências no brasil oitocentista. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, julho, 13 págs. Disponível http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300569068_ARQUIVO_Oarquivo_sdoMuseuNacionaleapromocaodascienciasnoBrasiloitocentista-texto.pdf. Acesso: 8 set.2021.

Simões, C; Casaleiro, P; Mota, P. G. (2013) O Museu da Ciência: uma coleção científica do século das Luzes. In *História da Ciência na Universidade de Coimbra 1772-1933*. Coimbra: Imprensa da Universidade, p.117- 128.

Soler, M. G; Landim, M. I. (2017) O silêncio dos inocentes: o papel dos animais em narrativas expositivas. *An. mus. paul.*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 269-289.

Stemahnn, J. R. (1997) Notas Botânicas. p.XXIII-XXVI. In Silva, D.G.B (org), Komissarov, B.N., et al., eds. (1997) *Os Diários de Langsdorff*. Tradução Márcia Lyra Nascimento Egg e outros. Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1997. 400 p. vol.1., <https://static.scielo.org/scielobooks/q5cc4/pdf/silva-9788575412442.pdf>

The Botanical Gardens and Museum at Berlin-Dahlem. (1949). *Kew Bulletin*, 4(2), 172-175. doi:10.2307/4113675

Tunkina, I.V (2010) Arquivo da Academia de Ciências da Rússia.p.09 In: *Expedição Langsdorff* [catálogo de exposição]. 2010. Brasília: Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB).

Vanzolini, E. P. & Myers W. C. (2015) The herpetological collection of Maximilian, Prince of Wied (1782-1867), with special reference to Brazilian materials. *Bulletin of the American Museum of Natural History*, no. 395, 155 p.

Vieira, C e Viegas, S. (2019) Os Herbários como recursos educativos dinâmicos e interdisciplinares. *História da Ciência e Ensino construindo interfaces*, vol.20, p.638-656.

Vilela, M. L. e Selles, S. E. (2020) É possível uma Educação em Ciências crítica em tempos de negacionismo científico? *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 37, n. 3, p. 1722-1747. Recuperado em 5 de janeiro, 2021, de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/74999/45005>

Villalta, L.C. (2017) Os contrarrevolucionários de 1817 e suas apropriações da história: 'os perigos das Revoluções'. *História* (São Paulo), v. 36, p.1-33.

Wied-Neuwied, M. de. (1940) *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Wulf, Andrea. (2016). *A Invenção da Natureza: A vida e as descobertas de Alexander von Humboldt*. São Paulo, Crítica. p.600.

Sítios Eletrônicos

Arquivo Nacional- Memória da Administração Pública Brasileira. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/> Acesso em: 20 set.2020.

Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/>

Botanischer Garten und Botanisches Museum Berlin. Disponível em: <https://www.bgbm.org/en>

Brasiliiana Fotográfica. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/>

Centro Cultural Banco do Brasil. Disponível em <https://ccbb.com.br/>

Centro de Referência em Informação Ambiental. _____Disponível em: <http://www.cria.org.br/>

Clube Humboldt do Brasil. Disponível: <https://www.humboldtbrasil.org/>

Coleção de Leis do Império do Brasil (1808-1889). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis>

Flora Brasiliensis. Disponível em: <http://florabrasiliensis.cria.org.br/index>

Global Plants- JSTOR. Disponível em: <https://plants.jstor.org/>

Google Arts & Culture. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/>

História da Ciência na Universidade de Coimbra. Disponível em: https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>

Instituto Hercule Florence de Estudos da Sociedade e Meio Ambiente do Século XIX Brasileiro. Disponível em: <https://www.ihf19.org.br/pt-br/>

Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://ims.com.br/>

Integrated digitalized biocollections. Disponível em: <https://www.idigbio.org/portal/recordsets/2ba96485-62cd-453c-a317-e7c220b7202e>

JABOT Núcleo de Computação Científica e Geoproc. Disponível em <http://jabot.ibrij.gov.br/v3/consulta.php~>

Komarov Botanical Institute of the Russian Academy of Sciences. Disponível em: <https://www.binran.ru/en/>

Museu Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.museunacional.ufri.br/>

Museu Nacional Vive. Disponível em: <https://museunacionalvive.org.br/>

Natural Science Collections Association. Disponível em <https://www.natsca.org/>

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil> Acesso em: 20 set.2021.

Portal de Eventos UFRJ. Disponível em: <https://eventos.ufri.br/>

Sistema de Informação sobre a Biodiversidade Brasileira. Disponível em: <https://www.sibbr.gov.br/>

SpeciesLink. Disponível em: <https://specieslink.net/>

The Biodiversity Heritage Library. Disponível em: <https://www.biodiversitylibrary.org/>

The Global Biodiversity Information Facility. Disponível em <https://www.gbif.org/what-is-gbif>

Vascular Plants Herbarium of the Komarov Botanical Institute RAS-Herbarium LE. Disponível em: <http://en.herbariumle.ru/>

WIKIAVES. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/index.php>

WIKIPEDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Plantae>

Apêndices

Apêndice 1 - Naturalistas de nacionalidade germânica que organizaram explorações científicas no Brasil, a partir da informação contida em Helmut Andrä (1962)

Nome	Nacionalidade	Cargo	Período e locais explorados	Acompanhantes locais	Obras (referente ao Brasil)
Maximiliano Wied-Neuwied 1782 - 1867 ¹²³	Alemão, príncipe reno	naturalista etnólogo e explorador	1815-1817- Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia.	Guack, índio Botocudo com funções de acompanhante, tradutor e interlocutor.	Viagem ao Brasil
Johann Baptist von Spix (1781-1826) ¹²⁴	Alemão	naturalista, zoólogo	1817-1820 - Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Piauí e Maranhão, Pará. Rio Amazonas e Solimões, separaram e Spix seguiu viagem pelo Amazonas até os limites do Peru.	auxiliados por tropeiros e guias nativos percorreram mais de 10.000 KM pelo solo brasileiro.	Viagem pelo Brasil (1817-1820) de von Spix e von Martius.
Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 - 1868) ¹²⁵	Alemão	botânico e naturalista	1817- 1820 - A pedido do rei Maximiliano José I da Baviera. Depois que se separou de Johann Baptist von Spix, Martius seguiu viagem pelo rio Japurá até à fronteira com a Colômbia, depois se encontraram no rio Negro para navegar pelo rio Madeira.	auxiliados por tropeiros e guias nativos percorreram mais de 10.000 KM pelo solo brasileiro.	A obra Viagem pelo Brasil (1817-1820) de von Spix e von Martius. É dividida em três partes: a primeira é sobre a organização da viagem, o segundo logo após a morte do Spix e no terceiro, o Martius inseriu

¹²³ Costa, Christina Rostworowski da (2008). O Príncipe Maximiliano de Wied- Neuwied e sua Viagem ao Brasil (1815 - 1817). São Paulo: Dissertação de Pós- Graduação, Universidade de São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15042009-150645/publico/CHRISTINA_ROSTWOROWSKI_DA_COSTA.pdf>. Acesso em: 12 nov.2020.

¹²⁴ (2) Lisboa, K. M. (1995). "Viagem pelo Brasil de Spix e Martius: quadros da natureza e esboços de uma civilização". Revista Brasileira de História, v. 15, p. 73-91.

¹²⁵ (3) Reinaldo, G. F. (2014). "O começo do terrível - o legado de von Martius entre a ciência e a ficção na representação da natureza brasileira". Visualidades, v. 12, p. 113-141. Disponível <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/34481>. Acesso 14 set. 2020.

					apontamentos de Spix relativos à expedição que fizeram independentemente. A última parte possui atlas com litografias, retratando paisagens urbanas e campestres, objetos colhidos, plantas, animais, tipos humanos e cenas da vida cotidiana, acrescido de um compêndio de canções populares e melodias indígenas.
Ludwig Riedel (1790-1861)	Alemão	botânico	1821-1829 - Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Amazônia.	Auxiliado por guias nativos, portugueses, brasileiros e escravos.	
Johann Moritz Rugendas (1802- 1858)	Alemão	Pintor	1821-1824- Rio de Janeiro, Minas Gerais	Auxiliados por guias nativos, portugueses, brasileiros e escravos.	Viagem Pitoresca através do Brasil (1835)
Georg Heinrich von Langsdorff (1774 - 1852) ¹²⁶	Alemão-russo	médico, naturalista e explorador etnógrafo	1803-1804- Ilha de Santa Catarina. 1821-1829- Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso e Pará	Auxiliado por guias nativos, portugueses, brasileiros e escravos	Não lançado por ele, mas são as notas sobre a sua expedição: Os Diários de Langsdorff vol.1, 02 e 03.

¹²⁶ Manizer, G.G. (1967). A expedição do acadêmico G.I.Langsdorff ao Brasil (1821-1828). S. Paulo: Ed.Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or375746/or375746.pdf>. Acesso em: 12 nov.2020.

Friedrich Wilhelm Sieber (1775-1831)		coletor	1801- 1812- Amazonas. A mando do conde alemão Johan Centuriu		
Friedrich Sellow (1789-1831)	Alemão	botânico e naturalista	1814- Foi no Brasil para a expedição de Langsdorff. 1815- 1817- Expedição com o príncipe Wied-Neuwied. 1818-1820- Acompanhou o etnólogo e naturalista Inácio von Alfes por Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No ano de 1821, Sellow viajou para o sul do território, Rio Grande do Sul e a Cisplatina. Em meados de 1825, seguindo para o norte e oeste do país, passou por Santa Catarina e Paraná.	Auxiliado por guias nativos, portugueses, brasileiros e escravos	
Ignaz von Olfers (1793-1871)	Alemão	diplomata, historiador, geólogo, etnólogo e naturalista	1818-1820 acompanhou Sellow por Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.		
Wilhelm Christian Gotthelf Feldner (1772-1822) ¹²⁷	Silézia	técnico de mineração	1803- Portugal. 1810- Província do Rio Grande do Sul. 1817- Rio de Janeiro. Na década de 1820, esteve em São João de Ipanema em São Paulo (Fazenda de Ípero)		'Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens" 1828, a casa editora G. W. Leonhardt, de Liegnitz, organizou uma obra em dois volumes. Foi escrito pelos manuscritos de Feldner. O primeiro volume da obra traz uma descrição geral do estado econômico e cultural das províncias

¹²⁷ (5) Becher, H. (1961)" Observações de Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner entre os Maxakari na primeira metade do século XIX". Revista de Antropologia, v. 09, n. 1-2, p.61-68. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Abecher-1961-maxakari/Becher_1961_Maxakari.pdf>. Acesso em: 13 nov.2020.

					brasileiras; o segundo contém observações de viagem, um vocabulário da língua dos Botocudos, notas sobre algumas espécies da fauna brasileira, bem como a tradução da carta de Pero Vaz de Caminha.
Karl Ferdinand Appun (1820 – 1872) ¹²⁸	Bunzlau - Polônia	naturalista	1849-1859- Venezuela; 1 ano na Guiana Inglesa; na década de 1860 até meados de 1868- esteve no Brasil entre: Rio Branco e Rio Negro, Amazonas e Tabatinga. 1817- Guiana.		Unter den Tropen: Wanderungen durch Venezuela, am Orinoco, durch Britisch Guyana und am Amazonenstrom in den Jahren 1849-1868. Jena: Costenoble, 1871.
Príncipe Adalberto da Prússia (1811-1873)	Prússia	teórico naval e almirante	1842- 1843- Rio de Janeiro, Paraíba do Sul, rio Amazonas, rio Xingu.	Acompanhou nobres militares e condes, segundo-tenente Bismark e o cientista, naturalista e botânico Lippold (coleta e preparo de vegetais e animais) padre Torquato e Francisco	Brasil: Amazonas Xingu.

¹²⁸ Biografia. Disponível em: https://www.biologie-seite.de/Biologie/Carl_Ferdinand_Appun. Acesso em: 24 ago.2021.

Hermann Burmeister (1807-1892)	Stralsund	biólogo e explorador	1850- Rio de Janeiro, Minas Gerais. Foi diretor do Museu de História Natural de Buenos Aires.		Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais: Visando especialmente a história natural dos Distritos Aurí-diamantíferos
Robert Avé-Lallemant (1812-1884)	Alemão	Médico e explorador	Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Amazonas		No Rio Amazonas (1859); Viagem pelo Norte do Brasil no Ano de 1859; Viagens Pelas Províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo 1858; 1858, Viagem pelo Parana; Viagem pelo Sul do Brasil no Ano de 1858; Viagem pela Província do Rio Grande do Sul - 1858
Guilherme Luiz von Eschwege (1777-1855) ¹²⁹	Alemão	geólogo, geógrafo, arquiteto e metalurgista	Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Ceará, Rio Grande do Sul.		Pluto Brasiliensis Contribuições para a Ortografia Brasileira.
Eduard Poeppig	Alemão	zoólogo e naturalista	1827 - 1832 Brasil, Chile e Peru		Reise no Chile, Peru und auf dem Amazonenstro

¹²⁹

Pluto

Brasiliensis.

Disponível

em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/573547/000970489_Pluto_brasiliensis.pdf

Acesso em: 24 ago.2021.

(1798-1868) 130						me, während der Jahre 1827-1832. Nova genera ac Species Plantarum quas in regno, Chiliensi, Peruviano, ac Terra Amazonica, anni 1827-1832.
--------------------	--	--	--	--	--	--

Apêndice 2 – Exemplo da grelha elaborada com as informações sobre a viagem, corresponde ao capítulo “III. Viagem do Rio de Janeiro a Cabo Frio- Praia Grande, S. Gonçalves, Rio Guajantibo, Serra de Inoã, Lago e Freguesia de Maricá, Guarapina, Ponta Negra, Saquarema, Lago Araruama, S. Pedro dos Índios, Cabo Frio”, a partir da expedição de Wied-Neuwied (1940).

Página (pdf)	Página	Data	Tempo	Local	Pessoas	Ocorrências	Instrumentos	Recolha
59	49			Serra de Inoã		Os animais que esse proprietário criava na fazenda. Ocorreu uma caça de pássaros, o Freyreiss conseguiu um ameaçado macaco (Simia Rosalia, Linn) Alguns animais como: rianha caranguejeira.		
60	50			freguesia de Maricá		O avistamento de alguns pássaros e as descrições. Matou um esquilo (Sciurus aestuans, Linn)		
61	51			Maricá, lago de Maricá.		Wied conta sobre a população desta freguesia. Eles esfolaram e prepararam os animais. Os peixes do lago e conchas. Sobre alguns pássaros e comenta sobre a importância dos Urubus. O avistamento de cabras.		

¹³⁰ Biografia. Disponível em: [https://saebi.isgv.de/biografie/Eduard_Poeppig_\(1798-1868\)](https://saebi.isgv.de/biografie/Eduard_Poeppig_(1798-1868)). Acesso em: 24 agos.2021

62	52			Vila de Santa Maria de Maricá.		O que é plantado próximo desta vila. Sobre os cupins e as formigas.		A vegetação causou admiração - flores e leguminosas.
63	53					Formigas, pássaros (não conseguiram, estavam muitos altos). Terra com argila vermelha. Palmeira de airi-assu e airi-mirim (não foram introduzidas, apenas citadas).		
64	54			fazenda do sr. Alferes da Cunha Vieira (Gurapina),	índio Francisco	Sobre a fazenda do senhor Alferes. Sobre a cana.		Maranta de flores azuis (<i>Dracontium perlusum</i>) deixou o Sellow ou botânico admirado.
65	55		chuva, 13 Reamur (equivale entre 16 centígrados).		português Francisco (caçador),	Sobre alguns conhecimentos daqueles que moravam no Brasil. Alguns pássaros. Sobre as vestimentas.		
66	56			Gurapina, caminho de Ponta Negra, Lagoa da Ponta Negra,		Sobre as provisões (alimentos), estrada ruim para a Ponta Negra.		Abundante material para as pesquisas científicas.

Apêndice 3 – Exemplo da grelha elaborada com as informações sobre a expedição, corresponde ao vol.1 dos Diários de Langsdorff (Silva, 1997).

Página (pdf)	Página	Data	Tempo	Local	Pessoas	Ocorrências	Instrumentos	Recolha
69	14	20/mai/1824		Rocinha, Paróquia de Simão Pereira (igreja, casa paroquial, ferraria e rancho), rio Paraibuna				
70	15	20/mai/1824		2 ½ léguas a Matias Barbosa, Ribereiro		Posto alfandegário entre Rio de Janeiro e		borboletas

						Minas Gerais, coleta de borboletas		
71	16	21/mai/1824	13 R/ 10 R	Fazenda Ribeirão, Buraco Fundo, Morro do Repentido, Marmelo.		coleta de borboletas (Morro do Repentido), Riedel pudesse fazer seu trabalho com as plantas e cada um as suas atividades		borboletas, plantas (ele não cita quais plantas).
72	17	22/mai/1824	Marmelo 9º R	Entre-Morros		Riedel achou pouca variedade de flora da Serra dos Órgãos, por conta da umidade todos os papéis estavam úmidos.		
73	18	23/mai/1824		Antônio Moreira, Queiroz, Rocinha de Queiroz, José Fernando (depois de 2 léguas) Estiva, meia légua de largura à beira da Estrada Real e 3 léguas de profundidade, 1 ½ légua à direita e à esquerda da estrada principal.	Rubtsov, Riedel, Rugendas	Riedel precisava remover todas as suas plantas. Em relação aos pássaros, nada chamava a atenção.		
74	19	24/mai/1824	dia estava chuvoso,	Estiva para Azevedo, Coqueiros ou Luiz Antônio,				

				Sobradinho (vale grande), Rocinha do Engenho (mora o Capitão José Nunes), fazenda Chapéu d'Uvas, Freguesia da Assunção, Taboves França, Pinheiro, Luiz Ferreira, Bom Retiro.				
75	20	24-mai/1824						pássaros (araras, papagaios, tucanos), poucos insetos e borboletas
75	20	25/mai/1824		(três léguas) Bom Retiro até Pinhão Novo. Seguintes lugares: Tejuco, Coqueiros, Samambaia, Pedro Alves, Rocinha de Pedro Alves, Rocinha de João Gomes, Capela de João Gomes, córrego Boa Vista, córrego das Saudades, Pinhão Velho, Samambaia, Soledade, Pinhão Novo		perto de João Gomes, Langsdorff fez uma coleta de borboletas (espécies da Zygaena, diáfanas)		coleta de borboletas (espécies da Zygaena, diáfanas)

76	21	26/mai/1824		Pinhão Novo para Mantiqueira, Boiadeiro-Engenho de João Gomes-Valo Batalha, Confisco, Bordo do Campo (3 a 4 léguas)		Os campos apresentavam uma vegetação bastante variada, Riedel conseguiu fazer uma boa coleta, mesmo com as dores nas pernas.		vegetação bastante variada
77	22	26/mai/1824	12º R	Bordo do Campo				
77	22	27/mai/1824	tempo chuvoso	Bordo do Campo		Riedel tinha muitas plantas para acondicionar, Langsdorff escreveu para Mandioca, o astrônomo Rubtsov não conseguiu fazer suas observações por causa do tempo chuvoso.		Pássaros, insetos, plantas, tudo é novo e diferente do que se vê nas florestas, embora seja outono, há muitas plantas florescendo. São plantas que crescem nos campos, a 3.000 pés do nível do mar. A quantidade de insetos diminui.